



UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS  
INSTITUTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ANTROPOLOGIA SOCIAL  
MESTRADO EM ANTROPOLOGIA SOCIAL

CLÁUDIA CRISTINA REZENDE PUENTES

**TRÂNSITOS DO SAGRADO: DA IRMANDADE DO CERCADO DE BOIADEIRO  
- ICERBO, NO RIO DE JANEIRO - RJ, AO GRUPO UNIÃO ESPÍRITA SANTA  
BÁRBARA - GUESB, EM MACEIÓ-AL.**

MACEIÓ-ALAGOAS

2022

CLÁUDIA CRISTINA REZENDE PUENTES

**TRÂNSITOS DO SAGRADO: DA IRMANDADE DO CERCADO DE BOIADEIRO  
- ICERBO, NO RIO DE JANEIRO - RJ, AO GRUPO UNIÃO ESPÍRITA SANTA  
BÁRBARA - GUESB, EM MACEIÓ-AL**

Dissertação de Mestrado, apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, do Instituto de Ciências Sociais, da Universidade Federal de Alagoas, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestra em Antropologia Social.

Orientadora: Prof<sup>a</sup>. Dra. Rachel Rocha de Almeida Barros

MACEIÓ-ALAGOAS

2022

**Catálogo na fonte**  
**Universidade Federal de Alagoas**  
**Biblioteca Central**  
**Divisão de Tratamento Técnico**  
Bibliotecária: Taciana Sousa dos Santos – CRB-4 – 2062

P977t Puentes, Cláudia Cristina Rezende.

Trânsito do Sagrado: da Irmandade do Cercado de Boiadeiro – ICERBO, no Rio de Janeiro – RJ, ao Grupo União Espírita Santa Bárbara – GUESB, em Maceió - AL/ Cláudia Cristina Rezende Puentes. – 2022.

160 f. : il. color.

Orientadora: Rachel Rocha de Almeida Barros.

Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) – Universidade Federal de Alagoas. Instituto de Ciências Sociais. Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social. Maceió, 2022.

Bibliografia: f. 155-160.

1. Trânsitos culturais. 2. Religiões afro-brasileiras. 3. Jurema sagrada. 4. Rituais. I. Título.

CDU: 299.6

## DEDICATÓRIA

*Eu agradeço, oh meu Pai, o que o senhor tem me dado!  
Estou aqui aos seus pés, dizendo muito obrigada!  
Eu agradeço, oh meu Pai, o que o senhor tem me dado!  
Estou aqui de joelhos, bendito seja louvado!  
(Cantiga de Mãe Chica Xavier)*

## AGRADECIMENTOS

Laroyê Exú! Oriô! Epahey Oyá! Patacori Ogum! Xetruá Boiadeiro! Salve as Almas!!  
Eremi!!

Levei muito tempo para conseguir escrever estes agradecimentos. Creio que é a parte mais difícil até agora, pois não há como nominar todas as pessoas envolvidas diretamente e indiretamente nesta pesquisa. Mas como é necessário um ponto de partida e, como mulher de fé que sou, agradeço primeiro à espiritualidade que me acompanha e minha ancestralidade, sou de uma linhagem de mulheres de fé.

Agradeço minha Mãe biológica Dinamar, exemplo maior de força, alegria e fé; minhas filhas, Tábata, Tainá e Tuany. Quando vocês eram meninas e adolescentes sempre procurei estar à frente nas leituras para poder conversar com vocês de igual para igual. Hoje concluo mais esta etapa pensando em vocês, no quanto me impulsionam todos os dias da vida. Para Maya, minha primeira neta, deixo aqui o registro de que manter os pés no chão e na fé, são essenciais na nossa família. Aprender é uma dádiva que não podemos desperdiçar. Assim como, a cabeça voltada ao alto, agradecendo e sonhando, mas acima de tudo, fazendo com que tornar os sonhos uma realidade. Sem pisar em ninguém e olhando para os lados, fazendo o bem.

Minhas Mães espirituais, Mãe Chica e Mãe Neide, espero ter conseguido transmitir um pouco do que aprendi com vocês, espero ser uma filha da qual vocês têm orgulho. Esta pesquisa só foi possível por vocês estarem na minha vida de forma tão verdadeira, sempre me acolhendo com muito amor. Relembro aqui o último sorriso que vi de Mãe Chica, quando disse a ela: Mãe, a senhora está lembrada de que minha dissertação é sobre a Jurema, né? Ela me respondeu sorrindo: estou sim minha filha, Seu Boiadeiro já autorizou e está muito contente!! Xetruá!!

Kelé, Christina, Ernesto, Izabela, Clementino, Valéria, Luana, Ernesto Junior, tia Neném e Oranyan, muito obrigada por todo o amor de sempre, cada um com o seu jeito, no seu tempo. Mas à Izabela, (Bela, Bebelá), que sempre foi minha orientadora na família, há anos me dando livros e informações que só estimularam minha vontade de crescimento, o agradecimento é especial. Valeu Bela!! Vamos comemorar!!!

Agradeço à minha orientadora Rachel Rocha de Almeida Barros, não só pela paciência, mas acima de tudo pela compreensão e apoio em momentos tão difíceis e importantes. Agradeço aos queridos professores que fizeram parte da minha banca de qualificação e da minha banca de titulação, Clébio Correia de Araújo e Siloé Amorim. Vocês

me inspiraram, mesmo antes de serem escolhidos para mais este desafio, ter vocês participando desta pesquisa com seus olhares e pontuações foram mais um presente do Orun.

Minhas afilhadas, Lannay e Rayanne, por sempre contribuírem com o meu crescimento, mesmo sem saber. Ser Madrinha, não é status de superioridade, de que sabemos tudo e só temos a ensinar, é ser parceira e pedir ajuda quando necessário. Vocês, não desmerecendo os/as outros afilhados/as foram muito importante nesta jornada.

E o que dizer das famílias espirituais? Só cada um que faz parte delas, para saber o quanto perturbei atrás de fotos, depoimentos e informações. Muito obrigada a cada um que compõe a Irmandade do Cercado de Boiadeiro e o Grupo União Espírita Santa Bárbara. Foram entrevistas *on line*, com trocas muito ricas, e mais uma vez, agradeço a vocês por fazerem parte desta jornada.

Foram muitas as dificuldades para concluir esta etapa acadêmica e quando iniciei veio a pandemia e com ela, uma nova forma de estudar, de conhecer e de transpor as barreiras. Minha turma de mestrado é a melhor que poderia existir. Obrigada a todas, todos e todes pelas inúmeras vezes que recordamos o mantra: ninguém solta a mão de ninguém!

Obrigada família Puentes, família Rezende, família Pacheco e Lima, obrigada família Teixeira, pelos inúmeros abraços, sorrisos e conselhos. Obrigada aos amigos e amigas, amiga irmã Maria Helena (Leninha), por sempre manter e emanar, o abraço e o sorriso tão importantes na vida. Agradeço também aos meus sobrinhos, sobrinhas, afilhados e afilhadas por compartilharem desta caminhada. Consegui finalizar e agora é comemorar!!

## RESUMO

Esta pesquisa intitulada “Trânsitos do Sagrado: da Irmandade do Cercado de Boiadeiro - ICERBO, no Rio de Janeiro-RJ ao Grupo União Espírita Santa Bárbara - GUESB, em Maceió-AL realiza um estudo do trânsito da autora e de elementos físicos e espirituais entre duas casas de culto afro-brasileiras: a Irmandade do Cercado de Boiadeiro (ICERBO), situada no bairro de Sepetiba, na zona oeste do Rio de Janeiro, e o Grupo União Espírita Santa Bárbara (GUESB), situado na periferia da Cidade Universitária, Village Campestre II, Maceió, Alagoas, que têm, ambas, a prática da Jurema Sagrada como uma das atividades rituais. O estudo das casas descreve como são realizados os ritos em espaços geográficos distintos, que têm - segundo levantamento feito através da pesquisa de campo – similaridades, sem, contudo, serem executados da mesma forma.

No decorrer da pesquisa de campo deparei-me com contextos similares, que demandaram aprofundamento para descrever a fundamentação da jurema praticada, ou das juremas praticadas nos terreiros em questão. O trânsito da Yalorixá Mãe Chica, do Nordeste para o Rio de Janeiro, e sua trajetória espiritual e social são questões que apresento para identificar e descrever a relação de Mãe Chica com a Yalorixá Mãe Neide, em Maceió e, conseqüentemente conhecer quais influências na prática ritual do GUESB foram incorporadas/ressignificadas a partir desse contato.

Nesta mesma perspectiva busco compreender como o trânsito da Yalorixá Mãe Chica e a construção da jurema na ICERBO influenciou e influencia a minha constituição enquanto ser espiritual e integrante dos dois universos religiosos. Da mesma forma, o meu trânsito na religiosidade constitui-se também numa fonte de reflexões, uma vez que a minha trajetória começou no candomblé aos 14 anos, que migrei para a Umbanda de Mãe Chica quando eu tinha 22 anos e depois para a Umbanda de Mãe Neide, aos 38 anos, e no meio da escrita desta pesquisa, vivi um novo trânsito: o do meu retorno à ICERBO. Fazendo parte do ritual em ambos os espaços sagrados, consigo visualizar as origens ameríndias no culto da Jurema, e, para além de influências e contribuições de etnias indígenas, também as africanas, na constituição desse culto no Rio de Janeiro e em Alagoas, nos terreiros supracitados.

**Palavras chave:** Jurema; Trânsitos Culturais; Religiões Afro-brasileiras; Irmandade Cercado de Boiadeiro, Rio de Janeiro-RJ; Grupo União Espírita Santa Bárbara, Maceió-AL.

## ABSTRACT

This research entitled “Transits of the Sacred: from the Irmandade of Cercado de Boiadeiro - ICERBO, in Rio de Janeiro-RJ to the Grupo União Espírita Santa Bárbara - GUESB, in Maceió-AL carries out a study of the author's transit and of physical and spiritual elements between two Afro-Brazilian houses of worship: the Irmandade do Cercado de Boiadeiro (ICERBO), located in the neighborhood of Sepetiba, in the west of Rio de Janeiro, and the Grupo União Espírita Santa Bárbara (GUESB), located on the outskirts of Cidade Universitária, Village Campestre II, Maceió, Alagoas, which both have the practice of Jurema Sagrada as one of the ritual activities. The study of the houses describes how the rites are performed in different geographical spaces, which have - according to a survey carried out through field research - similarities, without, however, being performed in the same way.

In the course of the field research I came across similar contexts, which demanded a deeper understanding to describe the foundations of the practiced jurema, or of the juremas practiced in the terreiros in question. The transit of the Yalorixá Mãe Chica, from the Northeast to Rio de Janeiro, and its spiritual and social trajectory are questions that I present to identify and describe the relationship of Mãe Chica with the Yalorixá Mãe Neide, in Maceió and, consequently, to know which influences in practice GUESB ritual were incorporated/resignified from this contact.

In this same perspective, I seek to understand how the transit of the Yalorixá Mãe Chica and the construction of the jurema at ICERBO influenced and influence my constitution as a spiritual being and an integral part of the two religious universes. In the same way, my transit in religiosity is also a source of reflections, since my trajectory began in Candomblé at the age of 14, which I migrated to Umbanda de Mãe Chica when I was 22 years old and then to Umbanda de mother Neide, aged 38, and in the middle of writing this research, I experienced a new transit: that of my return to ICERBO. As part of the ritual in both sacred spaces, I can visualize the Amerindian origins in the Jurema cult, and, in addition to influences and contributions from indigenous ethnicities, also African ones, in the constitution of this cult in Rio de Janeiro and Alagoas, in the aforementioned terreiros.

**Keywords:** Jurema; Cultural Transits; Afro-Brazilian religions; Brotherhood Cercado de Boiadeiro, Rio de Janeiro-RJ; Santa Bárbara Spiritist Union Group, Maceió-AL.

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Imagem 1	Minha iniciação na ICERBO	25
Imagem 2	Cachoeira em União dos Palmares	30
Imagem 3	Mandacaru em flor	34
Imagem 4	Jurema branca na ICERBO	44
Imagem 5	Imagens que pertenceram a Mãe Celina	83
Imagem 6	Mãe Chica e Mãe Neide na ICERBO	86
Imagem 7	Mãe Chica e Mãe Neide no GUESB	86
Imagem 8	Inauguração do Inaê em Santa Fé - União dos Palmares	87
Imagem 9	Inauguração do Inaê em Santa Fé - União dos Palmares	87
Imagem 10	Mãe Neide recebendo o título de Mestra do Patrimônio Vivo	90
Imagem 11	Crianças da creche brincando	90
Imagem 12	Mãe Neide e as crianças da creche	90
Imagem 13	Akokò	94
Imagem 14	Mandacarú	94
Imagem 15	Juremeira com parte da casca retirada	98
Imagem 16	Preparo da Jurema	99
Imagem 17	Jurema sendo colocada no porrão	99
Imagem 18	Mãe Chica provando a Jurema	102
Imagem 19	Kelé provando a Jurema	102
Imagem 20	Amarrando o porrão com ojás	103
Imagem 21	Porrão no local destinado à ele	103
Imagem 22	Mesa com utensílios usados no preparo da Jurema	104
Imagem 23	Içamento do porrão com a Jurema	105

Imagem 24	Mesa da Jurema pronta	106
Imagem 25	Mãe Chica sorrindo e batendo palmas	107
Imagem 26	Preparando o padê	109
Imagem 27	Clementino cortando ingredientes	109
Imagem 28	Mãe Luana no momento inicial do preparo da Jurema	111
Imagem 29	Kelé adicionando a Jurema do ano anterior	111
Imagem 30	Tábata adicionando ingredientes à Jurema	112
Imagem 31	Izabela mexendo a panela da Jurema	112
Imagem 32	Jurema sendo colocada no porrão	114
Imagem 33	Jurema sendo levada para enterrar	114
Imagem 34	Porrão de Jurema no local reservado	115
Imagem 35	Jurema enterrada	115
Imagem 36	Mãe Luana tocando o sino	119
Imagem 37	Mãe Luana saudando Exú	119
Imagem 38	Antônio retirando a terra com as mãos	120
Imagem 39	Clementino e PH içando o porrão	120
Imagem 40	Jurema sendo colocada na panela	121
Imagem 41	Ernesto e Bela D'Oxossi retirando o filtro da panela	121
Imagem 42	Kelé provando a Jurema	122
Imagem 43	Mãe Luana provando a Jurema	122
Imagem 44	Caboclo cruzando Mãe Luana	123
Imagem 45	Caboclo cruzando Mãe Neide	123
Imagem 46	Jurema sendo colocada no porrão	125
Imagem 47	Jurema sendo colocada na garrafa	125

Imagem 48	Mesa da Jurema	126
Imagem 49	Mesa da Jurema	126
Imagem 50	Mãe Neide, Bela D'Oxossi e Tia Neném	127
Imagem 51	Mãe Neide e Mãe Luana	127
Imagem 52	Fachada do GUESB	129
Imagem 53	Gruta de Santa Bárbara	129
Imagem 54	Fachada do Inaê	130
Imagem 55	Entrada do Inaê	130
Imagem 56	Distribuição de sopa na pandemia	131
Imagem 57	Distribuição de sopa na pandemia	131
Imagem 58	Pejis dos Orixás	132
Imagem 59	Salão do GUESB	132
Imagem 60	Casa da Vovó Maria Conga	133
Imagem 61	Cozinha da Vovó Maria Conga	133
Imagem 62	Local onde a Jurema era realizada, na sede do GUESB - Maceió	135
Imagem 63	Mesa da Jurema no GUESB - Maceió	135
Imagem 64	Mãe Neide pilando os ingredientes da Jurema no Navizala	135
Imagem 65	Mãe Neide em momento de enterrar a Jurema no Navizala	135
Imagem 66	Local onde a Jurema é realizada, na filial do GUESB - Navizala na Serra da Barriga	136
Imagem 67	Mesa da Jurema no Navizala	137
Imagem 68	Jurema levantada sendo transferida de porão	137
Imagem 69	Mesa da Jurema	138
Imagem 70	Salão do Navizala com o centro firmado	139
Imagem 71	Mãe Chica e Mãe Neide na casa da Vovó Maria Conga	147

Imagem 72	Mãe Chica e Mãe Neide na casa da Vovó Maria Conga	147
Imagem 73	Mãe Chica na Festa de Iansã	148
Imagem 74	Mãe Luana na Festa de Iansã	148
Imagem 75	A juremeira no Navizala	149

## SUMÁRIO

<b>AGRADECIMENTOS .....</b>	<b>6</b>
<b>RESUMO.....</b>	<b>8</b>
<b>ABSTRACT .....</b>	<b>9</b>
<b>LISTA DE ILUSTRAÇÕES .....</b>	<b>10</b>
<b>APRESENTAÇÃO .....</b>	<b>15</b>
<b>INTRODUÇÃO .....</b>	<b>21</b>
<b>1. A JUREMA SAGRADA - HISTÓRIA E REFLEXÕES TEÓRICAS SOBRE A SUA PRÁTICA.....</b>	<b>39</b>
<b>2. UM BREVE PERFIL DAS YALORIXÁS FUNDADORAS .....</b>	<b>73</b>
<b>2.1 - Francisca Xavier Queiroz de Jesus - Mãe Chica Xavier .....</b>	<b>73</b>
<b>2.2 - Maria Neide Martins - Mãe Neide Oyá D'Oxum .....</b>	<b>79</b>
<b>3. O CULTO DA JUREMA SAGRADA NA ICERBO E NO GUESB .....</b>	<b>92</b>
<b>3.1 - Características do Cercado do Boiadeiro - estrutura física .....</b>	<b>93</b>
<b>3.2 - Abrindo os trabalhos na Irmandade do Cercado de Boiadeiro .....</b>	<b>96</b>
3.2.1 - Sob a gestão da Yalorixá Mãe Chica Xavier.....	96
3.2.2 - A ICERBO sob a gestão da Yalorixá Mãe Luana Xavier .....	108
<b>3.3 - Características do Grupo União Espírita Santa Bárbara - estrutura física .....</b>	<b>129</b>
<b>3.3.1 - O Ritual da Jurema no Grupo União Espírita Santa Bárbara.....</b>	<b>134</b>
<b>4. YALORIXÁS, OS TRÂNSITOS E A POLÍTICA DE ALIANÇAS ENTRE AS CASAS RELIGIOSAS .....</b>	<b>142</b>
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>151</b>
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS .....</b>	<b>156</b>

## APRESENTAÇÃO

Com esta pesquisa, desenvolvo um estudo sobre o trânsito do sagrado que envolve o movimento de deslocamento das práticas da Jurema sagrada, de pessoas e o meu próprio entre duas casas religiosas afro-brasileiras: a Umbanda de Mãe Chica Xavier, na Irmandade Cercado de Boiadeiro, doravante ICERBO, no Rio de Janeiro-RJ, e a Umbanda de Mãe Neide, no Grupo União Espírita Santa Bárbara, doravante GUESB, em Maceió-AL. Nos capítulos desenvolvidos a seguir, pretendo levar ao conhecimento do leitor as particularidades e as diferenças do culto observadas a partir do meu próprio trânsito nesses dois terreiros, bem como suas similaridades, não pretendendo, com isso, esgotar a riqueza das discussões possíveis sobre a Jurema. Nem, tampouco, realizar um inventário acerca da Jurema.

Movida inicialmente pelo objetivo de observar os processos rituais da Jurema na ICERBO e no GUESB, e buscando realizar um estudo nas casas com a intenção de apresentar ao leitor práticas ritualísticas distintas de culto à Jurema sagrada, busco compreender e apresentar esses trânsitos no culto, tomando-as como produto dos trânsitos operados entre as duas casas em questão.

O trânsito me parece elemento fundamental – esta é a hipótese da minha pesquisa – e essencial para a longevidade da prática da jurema no contexto religioso investigado, dada a trajetória de perseguição que as religiões não oficiais sofreram e ainda sofrem na sociedade brasileira, desde os primórdios da colonização, e as estratégias que tiveram que desenvolver para garantir a continuidade de suas práticas sagradas até os dias de hoje.

Pretendo com esta pesquisa demonstrar também alguns dos trânsitos da Jurema, encontrados na bibliografia estudada. Esse movimento da Jurema que sai do meio indígena, essencialmente das matas, até as cidades, sem, contudo, ousar esgotar estes trânsitos. Já assistimos a trânsitos semelhantes no passado, a exemplo do trânsito dos africanos escravizados que se aquilombaram e estabeleceram seus refúgios ao transitarem, ao se movimentarem em busca de liberdade; a chamada república dos Palmares, descrita por Décio de Freitas<sup>1</sup> em seu mapa sobre as terras palmarinas, é um exemplo ilustrativo disso. Os quilombos de negros fugidos da escravidão, no século XVII, iam desde Andalaquituche, em Alagoas, até Amaro, em terras pernambucanas. Transitar, vindo de terras próximas ou mais distantes, em busca de um lugar seguro onde pudessem viver de forma não escravizada e num estilo de vida mais próximo aos de suas comunidades de origem, era certamente o sonho que

---

<sup>1</sup> Marcus Carvalho, 2007, p. 251. Cláudia, nas notas de rodapé, o nome do autor vem normal, diferente da forma que citamos nas referências bibliográficas ao fim do trabalho.

alimentava todo negro fugido de fazendas de cana-de-açúcar naquele momento longo da escravidão. Fugir representava a liberdade possível, ainda que o empreendimento acarretasse muitos riscos aos fugitivos.

Da mesma forma, creio que para as religiões que não têm a sua origem no eixo eurocêntrico, e aqui me refiro particularmente às religiões de matrizes africanas e indígenas, a manutenção da continuidade de suas práticas sagradas encontram no trânsito os elementos garantidores dessa manutenção. Destaco, entretanto, que para isso, faz-se necessário pensar *trânsito* como esse elemento de deslocamento que não pode ser visto apenas do ponto de vista espacial, mas compreendê-lo, de forma mais ampliada, enquanto movimento de sentidos, ressignificações, incorporações e hibridismos.

Cabe ressaltar, inclusive, que em Alagoas ocorreu, em 1912, aquele que talvez tenha sido o maior massacre aos adeptos das religiões de matrizes africanas: o episódio que ficou conhecido como O Quebra de 1912, quando, utilizando-se de pressupostos políticos, grupos extremistas e intolerantes com práticas religiosas não católicas, invadiram templos religiosos (terreiros) depredando-os e violando o sagrado, e atingindo física e espiritualmente seus adeptos. Relatam os pesquisadores que se dedicaram ao tema, que na madrugada do dia 1º para o dia 2 de fevereiro de 1912, passados apenas 24 anos da assinatura da Lei Áurea, lei que aboliu a escravidão em terras brasileiras, aconteceu um dos golpes mais desprezíveis para a cultura negra em Alagoas. Naquele ano, de acordo com a documentação disponível e os jornais da época, a “Liga dos Republicanos Combatentes”, sociedade civil com fins político-partidária destinada à agitação popular contra o governo do Estado – a então chamada “oligarquia Malta” –, planejou, dirigiu e executou “o quebra-quebra” da soberania ou o que hoje se chamaria de “operação xangô” que tinha por missão perseguir e destruir a maioria dos terreiros de Xangô de Alagoas.

O Quebra se estendeu por toda capital e zonas periféricas de Maceió, e o episódio provocou não só a desestruturação dos terreiros - que de acordo com Félix Lima, naquela época, seriam em cerca de cinquenta em toda a capital alagoana. Deixou também como herança a interrupção de processos de transformações, integração social e afirmação étnico-cultural e religiosa que certamente seguiriam seu curso “natural” não fossem a ação predatória violenta. Podemos pensar, igualmente, na interrupção, ou no comprometimento de processos de iniciação de crianças, jovens e adultos das comunidades negras em Alagoas nas religiões de matrizes africanas, causando um estratégico afastamento dessas populações dos cenários culturais, políticos e sociais alagoanos e ocasionando o comprometimento de seus relacionamentos e dos intercâmbios que sabidamente existiam entre Alagoas, Pernambuco e

Bahia, estados, aliás, para os quais, pais e mães de santo amedrontados com o Quebra passaram a fazer morada, já que em Alagoas, mesmo passado o feito pontual do quebra, continuaram sendo perseguidos, humilhados e surrados durante dias sucessivos<sup>2</sup>. E não estou certa sobre podermos dizer que isso de fato já terminou em terras alagoanas, uma vez que são ainda frequentes as notícias de perseguições, humilhações, agressões e tentativas de intimidação sofridas pelo povo de santo e fartamente denunciada pela imprensa e pelas redes sociais.

Destaco este episódio do Quebra de 1912, ocorrido em Alagoas, ciente de que semelhantes a este aconteceram e ainda acontecem outros em diversas partes do país, apenas para situar o leitor acerca da antiguidade dessas práticas persecutórias no que se refere ao que passaram e ainda passam os religiosos de matrizes africanas para sua sobrevivência física e espiritual. Dessa forma, entendo que falar sobre o trânsito da jurema é falar sobre como essas comunidades encontraram e encontram suas próprias soluções para a manutenção de suas religiões e crenças, e que envolve, num amplo circuito, o trânsito de pessoas e de referências, além do estabelecimento de uma política de alianças como estratégica à manutenção dessas referências, exatamente como fez a Yalorixá Mãe Chica e como faz, até hoje, a Yalorixá Mãe Neide, realidade e que procuro apresentar e discutir neste estudo.

Partindo daí, busco compreender, através do percurso realizado por mim enquanto religiosa, os desdobramentos individuais e coletivos que têm origem nas formas ritualísticas da prática da Jurema nesses dois espaços sagrados, bem como descrever o universo distinto e sistematizado de ambos os ritos.

Outro aspecto no qual estou particularmente interessada é o de compreender o quanto esses trânsitos permitiram e ainda permitem a longevidade das práticas da jurema no cenário religioso<sup>3</sup> e, para isso, debruço-me sobre as relações sociais e políticas, estabelecidas pelas duas Yalorixás das casas religiosas aqui em questão, com “o dentro” e com “o fora” dos terreiros que lideram relações essas que, metodologicamente, tornaram-se o caminho viável para a demonstração do estabelecimento desses trânsitos enquanto estratégias de continuidade da prática da jurema sagrada, mas que também são demonstrativas de plasticidade, resiliência, adaptabilidade e ressignificações, e de como funcionaram como elemento firmador ou estabelecedor de alianças entre essas líderes religiosas e suas comunidades de santo.

---

<sup>2</sup> Para uma leitura mais atenta e detalhada sobre o Quebra de 1912, indico o livro de Ulisses Rafael Neves. Xangô Rezado Baixo: Religião e Política na Primeira República 2013

<sup>3</sup> Insisto nessa delimitação do uso da jurema no espaço religioso porque sabemos que outros usos desvinculados do referido cenário são observados, a exemplo do que já foi descrito por Grunewald, (2009) sobre a *juremahuasca*.

Dito isto, destaco que na **Introdução** meu objetivo é somente o de apresentar ao leitor a Jurema, a discussão metodológica que empreenderei e minhas motivações acerca da escolha do tema desta pesquisa, revelando particularidades de minha vivência na Umbanda de Mãe Chica e na Umbanda de Mãe Neide, bem como os trânsitos por mim percorridos e os da própria Jurema, identificados para o desenvolvimento desta pesquisa. Para isso, apresento minha história como religiosa e o trânsito que me permitiu ser filha de santo de Mãe Chica e de Mãe Neide. Ainda no capítulo introdutório relato para além da movimentação como religiosa, o meu trânsito físico, uma vez que retornei para residir no Rio de Janeiro após vinte anos morando no Nordeste.

Cabe ressaltar que não procuro com este estudo apresentar uma solução que descreva as Juremas, objetivando enquadrá-las. Mas sim, utilizar a minha vivência para elaborar um estudo que possibilite ao leitor observar a diversidade das Juremas.

Objetivando situar o leitor acerca de alguns dos trânsitos que identifiquei na Jurema praticada nos terreiros por mim estudados, trago o que foi abordado por Luiz Assunção (2010), quando o autor descreve a tradição da jurema na Umbanda nordestina.

Em seu estudo pode-se visualizar alguns trânsitos percorridos pela jurema no Nordeste, especialmente quando o autor traz questões que apontam a ‘umbandização’ como processo que perpassa as práticas religiosas juremeiras.

Estamos nos referindo àqueles praticantes da jurema que também se identificam como umbandistas, espiritualistas, católicos. Essa pluralidade de possibilidades de identificações aponta para a ideia que permeia suas falas ao apresentar a umbanda como um universo que permite a existência de diferentes práticas religiosas. (ASSUNÇÃO, 2010, p. 112).

Nestes processos de resignificação da jurema na Paraíba, observamos também a incorporação de práticas que têm origem no trânsito com outras religiões, quando o autor descreve depoimentos de praticantes que incorporaram práticas oriundas de outros universos religiosos: “o Orixá é para firmar a cabeça da pessoa e a ‘jurema’ é diferente, têm muitos meios de você trabalhar com ela, né? (Assunção, 2010, p. 116)”. Nesta passagem pode-se observar a influência do Orixá, que tem origem africana, na prática da jurema na Umbanda paraibana.

Na **sessão um**, intitulada **A Jurema sagrada, história e reflexões teóricas sobre sua prática** descrevo os aportes teóricos que utilizo acerca da Jurema, onde aponto o percurso percorrido a fim de subsidiar esta pesquisa. Autores como Albuquerque, Assunção, Barros,

Brandão & Rios, Carlini, Carvalho (José Jorge), Carvalho (Marcus Joaquim), Cascudo, Grunewald, Prandi compõem a base desses anos de pesquisa acerca da jurema, uma vez que esses autores vêm percorrendo a mesma trilha, apontando novos elementos que configuram a ampliação do complexo ritualístico da Jurema. Ainda neste capítulo, abordo alguns trânsitos da Jurema tendo como foco processos ritualísticos, fatores culturais e socioeconômicos no Nordeste, lugar de origem da Jurema, valendo-me, para tanto, de pesquisas acadêmicas que versam sobre a diversidade da Jurema brasileira.

Na **sessão dois** proponho descrever um breve perfil da trajetória individual religiosa e sociocultural das mulheres fundadoras dos terreiros estudados, bem como a minha ligação com elas. As atividades extramuros das Yalorixás permitiram, na minha perspectiva, após dedicar-me a esta pesquisa, um entrelaçamento religioso que é parte estruturante da transmissão dos saberes de religiosas que têm em suas vidas o compromisso de ressaltar a ancestralidade. Não podemos esquecer que a história das culturas afro diaspóricas foram e são transmitidas de geração para geração. É através da oralidade que o conhecimento da cultura negra, da cultura de terreiro é repassado. E as duas Yalorixás fundadoras utilizam-se desta forma, o repasse da herança que receberam e adaptaram os valores que receberam e transmitem.

A **sessão três**, intitulada **O Culto da Jurema Sagrada na ICERBO e no GUESB** é dedicada a descrever o ritual da Jurema sagrada nos dois espaços religiosos, buscando apontar aproximações e distanciamentos das práticas aqui registradas com as sinalizadas pela literatura especializada. Ainda nesse capítulo, contextualizo os espaços físicos e geográficos das casas religiosas, distinguindo o primeiro como a descrição dos espaços físicos dos próprios terreiros, incluindo aí a distribuição dos pejis e demais espaços sagrados, e o que chamo de espaço geográfico, que seria o espaço externo, aqui entendido como a localidade enquanto bairro e zona, bem como a rede de relações estabelecidas com a comunidade onde os terreiros se inserem.

Na **sessão quatro**, intitulada **Yalorixás, os trânsitos e a política de aliança entre as casas religiosas**, procuro demonstrar as relações familiares que se originaram a partir do trânsito entre os dois terreiros, mas em especial as que foram estabelecidas entre as duas Yalorixás fundadoras – Mãe Chica e Mãe Neide - e sua continuidade com a iniciação da herdeira da ICERBO, Luana de Xavier de Moraes, Mãe Luana de Iansã, que dá continuidade ao trabalho de Mãe Chica. Nesta sessão quatro descreverei os trânsitos que convergiram para as relações familiares, sociais e políticas iniciadas pelas Yalorixás fundadoras e seus filhos e filhas consanguíneos e espirituais, tendo como elemento fundante a Jurema.

Destaco aqui que algumas das fotos utilizadas nesta pesquisa compõem o acervo de irmãos e irmãs que não puderam me indicar a data correta da captura das imagens, sendo estas descritas apenas com mês e ano, quando meus colaboradores repassam esta informação.

Por fim, nas **Considerações finais**, apontarei os pontos convergentes encontrados nas Juremas praticadas pelas Yalorixás que, como a jurema sagrada descrita por autores citados, têm origem nordestina. Espero trazer também a contextualização que as faz diferentes, enquanto práticas juremeiras, das que, até então, encontrei descritas pela literatura especializada, o que no meu entendimento, demonstra a vitalidade dessa prática no universo religioso em questão.

## INTRODUÇÃO

Esta pesquisa tem como objeto investigar o trânsito de elementos e de pessoas que se originou a partir do ritual da Jurema - doravante chamada Jurema Sagrada – desenvolvida em contexto religioso afro-brasileiro a partir de duas casas de matrizes africanas, mais comumente tratadas como terreiros – a ICERBO e o GUESB - bem como sua influência na manutenção dessa prática religiosa.

Inicialmente, é importante observar que a palavra Jurema dá conta de vários significados, que se entrelaçam: 1. a Jurema árvore – Mimosa e Acácia (as mais conhecidas); 2. a Jurema bebida – beberagem de uso ritual; 3. a Jurema culto - no qual o uso de partes da árvore dá origem ao preparo da bebida, e 4. a Jurema, entidade cabocla.

A jurema é uma religião tipicamente encontrada no nordeste brasileiro. Sua presença estende-se entre áreas do sertão e urbanas. É recente o interesse acadêmico sobre o tema, no que diz respeito ao encontro da jurema no espaço urbano, que envolve a confluência de vários outros tipos religiosos, como a umbanda, o catolicismo, o candomblé e o vodum maranhense. Seu nome, de origem tupi, liga-se a espécies de árvores encontradas no sertão. São elas a *Mimosa hostilis*, hoje reclassificada como *Mimosa tenuiflora*, a *Mimosa verrucosa* e também a *Vitex agnus-castus*, conhecidas como jurema preta, jurema mansa e jurema branca, respectivamente. A jurema preta é utilizada na fabricação da bebida que dá nome a esse universo religioso. Sua origem remonta à pajelança e ao toré, ambos regimes religiosos que fundamentam a estrutura indígena do sagrado. (RODRIGUES e CAMPOS, 2013. p. 271).

Abordando o trânsito do Culto da Jurema em um terreiro de Alagoas (GUESB) e em outro do Rio de Janeiro (ICERBO), objetivo contribuir com o campo de pesquisas das religiões afro-brasileiras e afro-ameríndias em Alagoas, campo que ainda está em construção no Estado. A importância do estudo também se coloca para as comunidades religiosas pesquisadas, colaborando com a ampliação da compreensão sobre a Jurema e, por fim, ao público mais amplo, apresentando ao leitor em geral a diversidade de práticas do culto, diversidade que pode aqui ser brevemente exemplificada, pela não necessidade da obrigatoriedade ou imprescindibilidade da ingestão da bebida para o estabelecimento do transe mediúnico em alguns contextos dessa prática sagrada.

Destaco ainda que o interesse pelo presente estudo, de forma geral, oportuniza a possibilidade de minha formação acadêmica manter-se associada à ampliação dos meus próprios conhecimentos religiosos, bem como com o compromisso de repasse deles.

Para que o leitor compreenda de forma coerente o interesse pelo tema, descrevo, a seguir, minha trajetória enquanto religiosa praticante da Umbanda.

Meu primeiro contato com a religiosidade se deu quando eu ainda era muito nova, antes dos sete anos de idade, quando minha avó materna, Rosa, levava a mim e a meus primos para a Tenda da Cabocla Jurema<sup>4</sup>. A Tenda, como era chamada por todos, ficava no bairro de Jacarepaguá, na realidade no sub-bairro da Curicica, sub-bairro de Jacarepaguá, próxima à casa de meus avós maternos, no Rio de Janeiro. Aos sete anos fui batizada nesse mesmo espaço sagrado, tendo a Preta-Velha<sup>5</sup> Vovó Cambinda como madrinha e o Orixá<sup>6</sup> Ogum Beira-Mar como padrinho. Sempre ia com minha avó ao terreiro e minha Mãe<sup>7</sup> nunca nos acompanhava, ela não gostava da religião. Apesar desse contato na infância, não segui na Umbanda, de maneira que pudesse inferir na minha iniciação em tenra idade.

Perto de completar quatorze anos, percebi uma diferença no comportamento de minha Mãe, que passou a ir conosco à Tenda da Cabocla Jurema. Depois de algum tempo, não sei precisar quanto, fui com ela em um pai de santo do Candomblé, lembro bem da fisionomia dele, sereno e risonho. Era o Babalorixá<sup>8</sup> Toninho D'Oxossi, que iniciou minha Mãe e a mim no Candomblé, seu terreiro ficava no bairro do Pechincha, sub-bairro de Jacarepaguá. Em maio de 1979, minha Mãe saiu do barracão<sup>9</sup> como Yaô<sup>10</sup> de Oxum<sup>11</sup> e eu como Ekedí<sup>12</sup> de Iansã<sup>13</sup>. Lembro com detalhes da conversa que o Babalorixá teve comigo, explicando tudo o que estava fazendo em relação aos preceitos e segredos do candomblé. Outro fato que vem à minha memória, além do sorriso e do olhar firme que ele tinha, foi o de ele dizer que estava me ajudando com Iansã, mas que um dia eu iria sentir a vibração dela e iria incorporar. Aos

<sup>4</sup> Entidade espiritual divina feminina de origem tupi, ligada à natureza, de origem indígena, cultuada na Umbanda, no Candomblé de Caboclo, no Catimbó e nos rituais de Pajelança.

<sup>5</sup> Entidade característica dos cultos de umbanda. Representa o espírito de negros escravos e se notabilizou por sua humildade, sabedoria e magia. Esses espíritos são também conhecidos como Vovô/Vovó, Tio/Tia e Pai/Mãe.

<sup>6</sup> ÒRISÀ – Qualquer divindade yorubá com exceção de Olóðrun.

<sup>7</sup> Minha mãe biológica, Dinamar também era Yalorixá, por esse motivo o nome mãe será sempre escrito com letra maiúscula quando estiver me referindo a ela.

<sup>8</sup> Sacerdote chefe de uma casa-de-santo. Grau hierárquico mais elevado do corpo sacerdotal, a quem cabe a distribuição de todas as funções especializadas do culto. É o mediador por excelência entre os homens e os orisá. O equivalente feminino é denominado Yalorixá.

<sup>9</sup> Nome dado ao espaço sagrado no candomblé, equivale a terreiro ou roça em algumas nações afro-brasileiras.

<sup>10</sup> Palavra de origem yoruba, é a denominação dos/as filhos/as de santo já iniciados na feitura de santo, que ainda não completaram o período de 7 anos da iniciação.

<sup>11</sup> ÒSÚN – Divindade das águas, em particular no Rio Òsún, na Nigéria. E a segunda esposa de Sòngó, mas foi casada também com Ògún e Òsóòsì. Tem o título de Ialodê – chefe das mulheres do mercado, sendo sincretizada no Brasil com diversas Nossas Senhoras (da Glória, da Conceição, do Carmo, das Candeias, da Candelária) e com Santa Luzia.

<sup>12</sup> Cargo daquela - somente mulheres têm o cargo - que é escolhida pelo Orixá e não incorpora. Ela tem a função de zelar, acompanhar, dançar e cuidar do Orixá.

<sup>13</sup> Oyá, também chamada Iansã, provém do nome do rio na Nigéria, onde seu culto é realizado, atualmente chamado de rio Níger.

17 anos me afastei do barracão, mas não da religião, para me dedicar aos estudos, e passei a frequentar somente as festividades mais importantes. Minha Mãe permaneceu frequentando até meados de 1984, quando seus problemas de coluna a impediram de ficar muito tempo em pé no barracão. Eu segui a vida de estudos e trabalho, ficando ao lado de minha Mãe quando ela incorporava a Preta-Velha Vovó Maria Conga para cuidar das pessoas que batiam à nossa porta solicitando uma ajuda espiritual para enfrentar os mais diversos problemas.

Em 1986, o Babalorixá Toninho D'Oxóssi faleceu e minha Mãe passou a cuidar dela mesma, sem a necessidade de estar com um mentor espiritual. Sob a proteção e as recomendações da Vovó Maria Conga, minha Mãe seguiu prestando caridade até desencarnar em janeiro de 2005. A minha opção foi seguir com a espiritualidade do jeito que era possível, auxiliando minha mãe biológica quando podia até conhecer a Irmandade do Cercado do Boiadeiro em 1987.

A particularidade deste estudo está no fato de eu ter iniciado no terreiro carioca de Mãe Chica Xavier há 34 anos. Minha aproximação com a Irmandade do Cercado de Boiadeiro, doravante aqui tratada como ICERBO, deve-se às atribuições a que fui acometida na época da gestação de minha filha mais velha, mesma época em que perdi meus avós maternos, no ano de 1988.

Na ocasião, eu trabalhava em uma agência do banco do estado do Rio de Janeiro – BANERJ, e foi lá que uma colega de trabalho pediu por mim no espaço sagrado que ela frequentava. Até então, não sabia o nome da dirigente, ou qualquer detalhe mais profundo, apenas pedi para ter uma gestação mais tranquila e que minha filha viesse saudável. A então colega de trabalho veio até a mim dizendo que a Tia Beata – Preta-Velha dirigente do terreiro que minha colega frequentava – havia me recomendado banhos de rosa branca. Perguntei o nome da Mãe-de-santo e ela respondeu simplesmente: “Chica, mas não é um terreiro, é uma irmandade da qual fazem parte os parentes e amigos mais próximos”. Entendi a mensagem e fiz os banhos recomendados por Tia Beata. A gestação transcorreu com mais tranquilidade e prometi que assim que fosse possível, batizaria meu filho ou minha filha na ICERBO.

No dia 01 de setembro nasceu a minha filha e no feriado da independência, dia 07, a colega foi nos visitar, ficando logo encantada pela minha filha Tábata. Neste dia, pedi mais detalhes, pois queria logo batizá-la como prometido, e ela seria a madrinha. Foi então que eu soube quem era a Mãe-de-santo Chica Xavier!!! Quase não acreditei, pois, minha mãe era fã das novelas de época e eu tinha assistido a Tenda dos Milagres em 1985, minissérie na qual ela participava interpretando a Magé Bassã.

Tábata foi então batizada com três meses e sete dias, no dia 08 de dezembro de 1988, tendo o Caboclo Boiadeiro como Padrinho e a colega como Madrinha. Desde esse dia, uma teia de amor e fé abraçou a mim e à minha nova família.

Debaixo da cobertura de telha de amianto, e sob a esteira de palha, ficávamos em comunhão com a espiritualidade, e lembro a primeira vez que ouvi Mãe Chica cantando. Não reconheci o ponto<sup>14</sup> e quando perguntei, ela me disse, com aquele sorriso lindo, que era composição dela. Naquela época havia um quarto no qual ficavam os elementos mais sagrados e secretos, os assentamentos<sup>15</sup> dos Orixás. Sob o altar sagrado, destaca-se a imagem do Caboclo Boiadeiro, imagens de Nossa Senhora, Pretos-Velhos, Anjos e Arcanjos.

Éramos constantemente convidados para ficar em Sepetiba após as cerimônias religiosas. Morávamos longe, no bairro de Jacarepaguá, e naquela época o tempo de viagem era, em média, de duas horas para chegar à ICERBO. Passamos a frequentar com assiduidade todas as reuniões rituais que aconteciam sob o comando da Mãe Chica.

Depois de um ano e meio do nascimento da Tábata, nasceu a Tainá, que também foi batizada na ICERBO, dessa vez o Padrinho foi o Oxóssi de Mãe Chica, Caboclo Pena Branca. Quando as meninas começaram a falar, Mãe Chica virou a ‘tia Chica’, seu marido Clementino - Kelé (‘tio Kelé’), seus filhos e filhas também viraram tios e tias, Christina (‘tia Chris’), a filha mais velha, casada com Ernesto (‘tio Tito’), Mãe de Ernesto Júnior (Juninho) e Luana (Lua) que viraram primos; Izabela (‘tia Bela’) e Clementino Júnior (‘tio Junior’). Fomos acolhidos na família ICERBO e nas famílias Jesus (sobrenome de Clementino) e Moraes (sobrenome de Ernesto). Após oito anos do nascimento da Tainá, nasceu Tuany, que não fugiu à regra e foi batizada na ICERBO, com Seu Boiadeiro como Padrinho e uma amiga de faculdade como Madrinha.

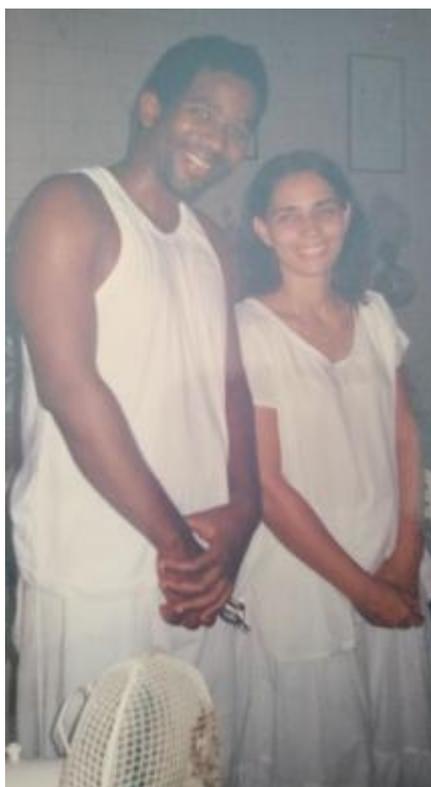
Em meados de 1992, não lembro ao certo a data, a Conchinha - entidade criança, Erê - que Christina recebe veio até mim e falou: “Você precisa se preparar tiazinha, ficar aqui com acaçá na cabeça e deixar mãe Oyá cuidar mais de você...tem muita coisa pela frente e você precisa de mais força”<sup>16</sup>. Depois desse conselho da entidade fui perguntar à Mãe Chica o que precisava fazer, pois eu não entendia muito bem como era a iniciação no Cercado. Mãe Chica, com aquela calma na fala que lhe era peculiar me explicou que, como o Pai-de-santo Toninho

<sup>14</sup> Nome dado aos cantos religiosos na Umbanda.

<sup>15</sup> O assentamento que também chamado de ibá na Umbanda é o local, normalmente composto por uma bacia grande, um pote com tampa ao centro e pratinhos em dois tamanhos, é o local onde a relação entre pessoa e orixá se estabelece. Nele são colocados elementos sagrados, pedra (otá), moedas, búzios e o que mais o Orixá pedir, que funciona como materialização do vínculo entre a pessoa e o Orixá. Fonte: oralidade apreendida.

<sup>16</sup> Essa fala ecoa na minha mente, pois marcou o início de uma nova fase em minha vida. Iniciada no Cercado de Boiadeiro.

tinha falecido, era necessário que outra pessoa colocasse a mão no meu Ori<sup>17</sup> para tirar a mão do falecido. Marcamos então para o mês de agosto a minha iniciação na Umbanda, na Irmandade do Cercado de Boiadeiro, o que ocorreu junto com a obrigação de renovação de Clementino Junior, filho mais novo de Mãe Chica, em 10 de agosto de 1992.



**Imagem 1 - Minha iniciação  
na ICERBO - Clementino e eu.  
10/08/1992  
Fonte: Acervo Autora**

Após frequentar a ICERBO por 17 anos, fui morar em Recife com minha família, ficando então distante fisicamente do meu terreiro. Em setembro de 2003, Mãe Chica falou que Mãe Neide estava reabrindo o terreiro dela em Alagoas, após enfrentar a enchente no ano de 2000, e que ela iria me convidar para um evento de confraternização e de religiosidade.

Conheci Mãe Neide em julho de 1999 em Sepetiba, quando ela foi ali pela primeira vez, como convidada, para participar da festa do Caboclo Boiadeiro. Ela e Mãe Chica se conheceram quando Mãe Chica foi a Alagoas, convidada pela Fundação Universitária de

---

<sup>17</sup> Em iorubá, Ori é cabeça, o primeiro Orixá a que somos dados.

Desenvolvimento de Extensão e Pesquisa (Fundepes<sup>18</sup>) para lançar o livro *Chica Xavier Canta sua Prosa*<sup>19</sup>, através de um filho de santo de Mãe Neide que trabalhava na Fundepes. Segundo Mãe Neide, a emoção foi grande no encontro das duas, “pareceu que nos conhecíamos há muito tempo”<sup>20</sup>. Desde então, as duas Yalorixás começaram uma amizade que revelaria uma sincronicidade que procuro detalhar nas sessões referentes às biografias das Yalorixás. Segundo ouvi diversas vezes de Mãe Chica, as duas passaram a ter uma relação de amor, fé e militância desde o início, relação traçada pelo Orun, como relatado por Mãe Neide em entrevista:

“Eu nem acreditei quando um filho de santo falou que ela viria aqui, que queria conhecer a mim e à minha casa. Não sabia o que fazer para oferecer, aí eu fui para a cozinha da Vovó Maria Conga e fiz uma bela feijoada, fiz também um peixe assado na palha de banana. Daquele dia em diante não nos largamos mais, ela sempre diz que sou a filha pronta que o Orun concedeu a ela. Quando tenho um problema é com ela que converso, quando vou brigar pelos nossos direitos é com ela que me aconselho”. [Entrevista de Mãe Neide Oyá D’Oxum, concedida a esta pesquisadora, em 07 de junho de 2021 na cozinha da Vovó Maria Conga, no GUESB].

Foi em 13 de setembro de 2003 que fui pela primeira vez à Maceió, por ocasião da inauguração do Grupo União Espírita Santa Bárbara - GUESB, em uma solenidade que contou com a participação da comunidade e de grupos culturais com os quais Mãe Neide tinha contato direto por ser uma religiosa militante no movimento cultural alagoano. Aí começou a minha jornada intensa na estrada, pois a cada quinze dias fazia o trajeto de Recife para Maceió, junto com minhas filhas, para ajudar Mãe Neide nas funções do terreiro, como filha de santo de Chica Xavier. Depois passei a ajudá-la também no projeto social que se consolidaria no ano de 2004, a ONG - Grupo União Espírita Santa Bárbara – GUESB.

Como já citado anteriormente, estabeleci uma rotina de viajar de Recife para Maceió quinzenalmente, sempre procurando conciliar minha ida com as obrigações que aconteciam no GUESB. Eu não tinha, até maio de 2004, participado de nenhuma gira no terreiro alagoano, mas naquele ano eu fui com antecedência para ajudar nos preparativos da feijoada de Vovó Maria Conga, preta-velha mentora da vida espiritual de Mãe Neide. Ao chegar na casa de mãe Neide, ela estava incorporada com a Vovó. Lembro exatamente das pessoas e

---

<sup>18</sup> Fundação Universitária de Desenvolvimento de Extensão e Pesquisa de Alagoas.

<sup>19</sup> Editora Topbooks

<sup>20</sup> Declaração de Mãe Neide coletada durante entrevista realizada na cozinha da Vovó Maria Conga no dia 07 de junho de 2021.

daquela cena, todos na cozinha da casa de Mãe Neide, ao redor da Vovó que fumava o seu cachimbo. Ao me ver, ela chamou-me para mais perto e disse: “Há quanto tempo minha filha”! Fiquei sem entender o motivo da expressão daquela preta-velha, mas Ela me explicou: Sou eu a véia que você cambonou<sup>21</sup> enquanto era menina, quando esse véia usava o corpo de sua Mãe para fazer as curas aos necessitados”! Naquele momento comecei a chorar, não era só o mesmo nome da preta-velha de minha mãe, era a mesma Vovó Maria Conga que eu conheci anos atrás. No plano espiritual não existem coincidências, apenas a força do Orun, essa foi a minha conclusão.

As minhas atividades enquanto religiosa passaram então a ter uma frequência maior naquela casa, e em julho de 2004 fui ‘dada’ à Yalorixá<sup>22</sup> alagoana Mãe Neide Oyá<sup>23</sup> D’Oxum<sup>24</sup>. Este fato ocorreu em função da minha mudança para Recife no ano de 2003 e, acredito, que da sensibilidade da Mãe Chica Xavier, uma vez que a necessidade de todo médium é de praticar a caridade, e longe da ICERBO minhas atividades espirituais ficaram comprometidas.

Estávamos na beira da lagoa no município de Jequiá, as três (eu, Mãe Chica e Mãe Neide) na margem do rio Jequiá, no interior de Alagoas, descansando após uma festa dedicada a Oxum, que acontecia no início de julho, e fui surpreendida com a declaração de Mãe Chica. Ela pegou as minhas mãos, as mãos de Mãe Neide e disse: “Mãe, estou te dando a minha filha, porque sei que ela vai te ajudar tanto quanto vem me ajudando todos esses anos. Sei também que ela precisa cuidar do “seu povo<sup>25</sup>” em um lugar mais perto, e não poderia estar em melhores mãos do que nas suas”. Essa cena ecoa em minha mente como um gesto de amor, como tantos que a vi exercendo ao longo da vida, este 13 de julho de 2004 foi o episódio que marcou a minha vida espiritual, pois a partir daí minha conexão com os dois terreiros, as duas Yalorixás e as famílias espirituais envolvidas nos dois espaços tornaram-se muito forte.

Passsei então a fazer parte também do GUESB como filha de santo de Mãe Chica e comecei a preparar-me para cumprir os ritos que me tornariam, de fato, filha de santo de Mãe

---

<sup>21</sup> Cambonar é auxiliar as Entidades, como acendendo o cachimbo ou charuto.

<sup>22</sup> Sacerdotisa chefe de uma casa-de-santo. Grau hierárquico mais elevado do corpo sacerdotal, a quem cabe a distribuição de todas as funções especializadas do culto. É a mediadora por excelência entre os homens e os òrisà, equivalente masculino é denominado babalorixá.

<sup>23</sup> Divindade das tempestades e do Rio Niger, mulher de Ògún, e, depois, de Sòngó. Relacionada com os vendavais, os raios e os trovões. Sincretizada com Santa Bárbara.

<sup>24</sup> Divindade das águas, em particular no Rio Òsún, na Nigéria. E a segunda esposa de Sòngó, mas foi casada também com Ògún e Òsóòsi.

<sup>25</sup> Aqui Mãe Chica fez referência aos Orixás e Entidades com as quais eu trabalho.

Neide. Como morava e trabalhava em Recife, programei a minha *obrigação*<sup>26</sup> para o período de férias, em janeiro do ano seguinte. Fiz todo o enxoval religioso, que compreendeu louças para os Orixás e vestimentas específicas, e no dia 15 de janeiro de 2005 fui para Maceió com minha filha mais nova.

Não imaginava o que me aguardava naquele período de reclusão, passando pelo momento mais doloroso da minha vida, que foi a partida da minha Mãe biológica Dinamar. Lembro bem das últimas palavras dela para mim “você está no lugar certo, Mãe Neide é sua mãe! Se entregue aos seus Orixás porque Eles é que te darão forças para você passar tudo o que tem que passar nessa vida!”. Essa conversa aconteceu no dia 23 de janeiro, e minha Mãe faleceu no dia 24 de janeiro de 2005. Saí do GUESB direto para o Rio de Janeiro, usando roupas de Mãe Neide, já que não havia levado roupas adequadas para o velório daquela que me trouxe a este mundo. Cabe aqui ressaltar que para o período de obrigações no terreiro usamos roupas específicas para esse fim, sendo estas preparadas para uso restrito no espaço sagrado.

Passado o período de luto, noventa dias da passagem de minha Mãe, retomei os rituais que me tornaram, oficialmente, filha de santo de Mãe Neide. Dessa vez, sem a presença física de minha Mãe, mas sentindo que a continuidade de minha missão enquanto religiosa se fortificava a partir daquele momento. Assumi então várias funções no GUESB, já que era uma Egbomi<sup>27</sup>, auxiliando Mãe Neide em todos os trabalhos espirituais quando estava em Maceió.

Os trânsitos permeiam minha vida e acredito que são traçados pelos Orixás, pois na sequência das atividades religiosas vieram algumas vitórias na minha vida profissional e consegui ter mais flexibilidade para estar em Maceió por mais tempo, já que, naquela época, tendo assumido a direção de uma instituição de ensino superior privada em Pernambuco, a Faculdade Decisão parte integrante do grupo UNINASSAU no bairro do Janga, tinha folga às sextas-feiras, tendo então mais dias para me dedicar ao terreiro.

A familiaridade com a família GUESB e com a cidade também evoluiu e eu passei a representar Mãe Neide em várias instâncias culturais religiosas em Alagoas.

Em novembro de 2010, após participar ativamente com Mãe Neide das comemorações do mês da consciência negra, acabei encontrando uma casa para alugar em Maceió, no bairro Antares, que fica a 8 km do bairro Village Campestre II, local em que o GUESB está situado.

---

<sup>26</sup> Ritual de recolhimento no qual o médium se desconecta do mundo exterior para entrar em comunhão direta com os Orixás.

<sup>27</sup> Essa denominação é dada tanto as pessoas que receberam o cargo oyê, tornando-se uma iyalorixá ou Babalorixá que irão abrir um novo ile axé, como as que não receberam esse cargo e continuarão na casa onde foram iniciados ou em outro ile axé, sem ser iyalorixá ou babalorixá.

Em janeiro de 2011 mudei para a casa alugada, deixando os empregos que tinha para dedicar-me à ONG e, na esperança de conseguir um emprego em Maceió, fato que aconteceu quatro meses depois. No mesmo ano consegui, pela primeira vez, participar da Festa de Caboclo realizado no GUESB, e observei, àquela época, as singularidades entre a ICERBO e o GUESB.

A simplicidade das Yalorixás, a firmeza no trato com todos os presentes sem perder a doçura de mãe, além do uso da jurema branca e outros ingredientes que fazem parte da receita da Jurema nos dois terreiros, os cânticos, as rezas, tudo me era familiar no GUESB.

A minha perspectiva enquanto religiosa, praticante da Umbanda, sempre foi a de manter-me como filha de santo, contudo, mais uma vez, os Orixás demonstraram que não cabe a minha vontade, mas sim a Deles. E para demonstrar as mudanças, os trânsitos, aos quais faço referência neste estudo, relato como fui “escolhida” por Oxum para assumir o cargo de Mãe Pequena do GUESB”. Eu que sempre disse que não queria passar de filha de santo, acabo por assumir um compromisso junto à espiritualidade, no começo fiquei assustada, mas com o passar do tempo fui compreendendo que a escolha feita por Oxum diz muito mais sobre quem eu sou do que o cargo ao qual fui designada.

Mas antes de relatar a minha escolha, preciso elencar aqui o calendário religioso que Mãe Neide cumpre há anos, e que inclui alguns rituais com data fixa: o Toré dos Caboclos, realizado todo dia 20 de janeiro, a feijoada da Vovó Maria Conga, que acontece no dia 13 de maio, a oferenda à Oxum, no dia 02 de fevereiro e no dia 16 de julho, as comemorações do Olubajé, realizadas no dia 08 de agosto, a festa da Maria Padilha, festejada no dia 31 de agosto, a festa de São Cosme e São Damião, comemorados no dia 27 de setembro, a louvação à Oxum, que acontece no dia 13 de outubro, a festa de Iansã, realizada no dia 04 de dezembro e, por fim, a oferenda às Yabás, feita no dia 08 de dezembro.

No ano de 2014 preparamos as oferendas à Oxum para entrega na cachoeira do rio Mundaú, em União dos Palmares, município da zona da mata alagoana. Era o dia 02 de fevereiro, resalto aqui que essa data além do culto à Oxum em Alagoas é um marco na história do povo de santo alagoano, como descrito no capítulo de apresentação<sup>28</sup>. Estávamos em uma van, a caminho do local das oferendas, com um grupo de filhos e filhas de santo, que contava com a presença de minha filha do meio, Tainá. O ritual na cachoeira compreende ofertar flores e frutas à Yabá e receber a benção de Oxum com a lavagem da cabeça dos presentes. Neste dia, a Oxum de Mãe Neide, que lavava a cabeça dos médiuns, me chamou e

---

<sup>28</sup> Data do Quebra de 1912.

colocou a jarra com a qual ela lavava a cabeça dos presentes na minha mão. No primeiro momento, eu não entendi e recorri ao Pai Pequeno João Paulo, para que me explicasse o motivo daquele gesto. João Paulo então falou com Oxum, ressalto aqui que Orixá não fala em som audível, apenas no ouvido de determinadas pessoas, quando há a necessidade da comunicação entre Orixá e encarnados. João Paulo ouviu o que a Oxum estava falando e em voz alta declarou que Ela havia me escolhido como Mãe Pequena do GUESB. Isto ocorreu dentro da cachoeira, onde todos nós estávamos.



**Imagem 2 - Cachoeira em União dos  
Palmares. 02/02/1994  
Fonte: Acervo Manuela Cecília**

Mais uma vez os Orixás mostrando o movimento que era necessário para a minha vida e para a dos presentes, mais um trânsito, pois, a partir daquele momento, eu deixava de ser apenas uma filha de santo para ser também Mãe, a Mãe Pequena do GUESB, cargo que Oxum escolheu para mim. Ressalto aqui que Egbomi equivale à Mãe, contudo eu mantinha a mesma postura de filha. Neste mesmo dia Mãe Oxum me deu a filha de santo Manuela Cecília, mais conhecida como Manu Preta, filha de Iemanjá e Xangô. Entendo hoje, muito mais do que naquele lindo dia que a escolha feita pela Yabá Oxum possibilitou a minha expansão da fé e do amor pois passei a estar mais próxima de Mãe Neide e a aprender com ela. Não só a como fazer as coisas do jeito dela, mas também a amar e compreender a força que habita em mim, como faço agora ao transpor minhas próprias barreiras físicas e pessoais para descrever os trânsitos que me são sagrados enquanto religiosa, enquanto mulher e mãe.

Estes trânsitos não foram somente de mudança de local, foram de crescimento enquanto religiosa, como ativista cultural, como mãe e, também, como estudante. Nunca deixando de participar das atividades (giras) na ICERBO.

Fazendo parte do ritual nos dois espaços sagrados, procuro, com este estudo, além de descrever a realização do ritual da Jurema Sagrada nos dois terreiros, registrando mais uma forma possível da realização de seu culto, busco também elencar os fatores culturais e socioeconômicos pertinentes às matriarcas e como estas estabeleceram seus espaços sagrados e seus ritos e, ainda, abordar a construção familiar diferenciada das Yalorixás. Acredito que elencar as famílias de ambas dará ao leitor uma visão das similaridades e dos vínculos estabelecidos por elas e entre elas. Ainda que o preconceito e o racismo estrutural marquem o cotidiano das famílias negras, e até crie antagonismos entre nordestinos e ‘sulistas’, as duas matriarcas fundadoras dos terreiros estabeleceram laços familiares espirituais que explicitarei nas sessões seguintes.

Meus interlocutores na ICERBO são os integrantes da família Xavier de Jesus e Morais: os filhos biológicos do casal, Chica e Kelé (Clementino Luiz de Jesus): Christina, Izabela (Bela D’Oxossi) e Clementino Junior<sup>29</sup>; e os netos Ernesto Xavier e Luana Xavier. Os filhos e filhas de santo da ICERBO também fazem parte deste estudo enquanto entrevistados: Suzane Nahas, Antônio, Neide e tia Neusa. Já no GUESB, minha interlocutora principal é Mãe Neide Oyá D’Oxum, tendo como apoio, além da memória dela, o Pai Pequeno da casa, Pai Paulo de Omulu<sup>30</sup>, e o Ogã Milton Junior, que são filhos biológicos de Mãe Neide, além do Ogã Rodrigo de Oxum, Igor de Oxumarè, Luana de Iemanjá e Lannay de Oxum.

Para melhor entendimento do leitor sobre como eu construo minhas experiências neste estudo enquanto pesquisadora e, ao mesmo tempo, participe nos rituais da Jurema, descrevo como cheguei até aqui, ressaltando que minha pesquisa de campo foi interrompida abruptamente num determinado momento, fato que passo a relatar.

Em 2 de agosto de 2020, já cursando o mestrado em Antropologia, fui ao Rio de Janeiro para dar início ao levantamento de dados, realizar fotos e filmagens, para iniciar de fato a minha pesquisa de campo. A interrupção se deu não só pela situação de pandemia que o mundo atravessava naquele momento, muito mais grave do que hoje, mas também com o retorno ao Orun (falecimento) de minha Mãe Chica, ocorrido no dia 8 de agosto de 2020, como já citado. Estando de luto junto com toda a Irmandade Cercado de Seu Boiadeiro, esta

---

<sup>29</sup> Como o pai Clementino é sempre chamado de Kelé, nesta pesquisa quando citar Clementino será sempre o filho.

<sup>30</sup> Divindade da varíola e das moléstias infectocontagiosas e epidêmicas; consta como um dos filhos de Nanã.

pesquisa passou para um patamar muito mais significativo para mim do que o pensado quando do início do projeto, que era o de descortinar as relações entre as duas Yalorixás, apresentar o meu papel nessa rede de laços espirituais e construir um estudo que pudesse dar conta dos rituais consagrados à Jurema nos dois espaços religiosos.

Somente em janeiro de 2021 consegui retomar a pesquisa de campo, mas, desta feita, com Mãe Neide, em Maceió-AL, que embora também estivesse de luto pela passagem de Mãe Chica, não interrompeu as atividades do seu terreiro. Ressalto aqui que mesmo com os fortes laços afetivos entre as duas Yalorixás, elas não tinham parentesco espiritual. Mãe Neide não é filha ou irmã-de-santo de Mãe Chica, sendo assim, o GUESB, enquanto terreiro, não entrou em luto nem viveu a necessidade de suspensão das atividades. Contudo, esse foi um período bastante difícil em todos os aspectos, especialmente quando parava para refletir acerca de meu papel de pesquisadora e se seria capaz de elaborar uma etnografia apropriada a fornecer elementos para a escrita. Procurei então retomar Magnani (2006) em *“De Perto e De Dentro”*, quando o autor escreveu sobre a prática etnográfica do interior da cidade saindo da perspectiva observada pelos “de fora e de longe”. No meu entendimento, concordo com a perspectiva de que um “nativo em carne e osso” tem a possibilidade de identificar, de fato, os aspectos culturais da cidade.

Partindo desta mesma linha de raciocínio e ciente de que essa familiaridade tende também a dificultar a pesquisa, eu, enquanto pesquisadora e “nativa”, posso e devo demonstrar com maior objetividade do que os “de fora”, aspectos sobre os terreiros. “Embora existam alguns detalhes que, na minha vivência, se tonaram comuns ao ponto de passarem quase despercebidos, o meu desafio é o de pensar a Jurema Sagrada nos terreiros como se ‘de fora’ eu fosse, porém com o cuidado de contemplar detalhes que fazem parte do meu cotidiano enquanto religiosa, com a mesma riqueza etnográfica que utilizo ao descrever outros objetos de estudo relativos a contextos nos quais não estou inserida da mesma forma.

Assim, o que se propõe inicialmente com o método etnográfico sobre a cidade e sua dinâmica é resgatar um olhar *de perto e de dentro* capaz de identificar, descrever e refletir sobre aspectos excluídos da perspectiva daqueles enfoques que, para efeito de contraste qualifiquei como *de fora e de longe*. (MAGNANI, 2006, p. 17)

Procuro então, nesta pesquisa, praticar a movimentação enquanto alguém que está imersa nos terreiros, mas buscando, ao mesmo tempo, exercitar o olhar de fora para melhor compreender. Busco ampliar minha capacidade de observação e de transcrição dessas

realidades, num movimento que me possibilite elucidar detalhes que, para mim, enquanto filha de santo, são cotidianos e, portanto, quase ‘naturalizados’. Mas a pesquisadora precisa realizar uma etnografia que possibilite à filha de santo ampliar seus (meus) conhecimentos acerca da Jurema ao longo da jornada de pesquisa e, ao mesmo tempo, elaborar uma escrita que permita ao leitor compreender a Jurema Sagrada de Mãe Chica e de Mãe Neide.

Cabe explicitar que não pretendo que esta pesquisa esteja enquadrada como uma auto etnografia, mas sim, como uma tentativa, através da reconstituição de fatos e períodos em que vivenciei experiências na Jurema de forma coletiva. É certo que descrevo, na medida em que sou intuída, a minha trajetória, mas, mais no sentido de permitir ao leitor uma maior compreensão do meu lugar de fala, enquanto Umbandista, filha de Mãe Chica e de Mãe Neide. Sou filha Delas e sigo a minha espiritualidade, de forma a orientar-me acerca do que posso e do que não me é permitido escrever.

A jurema sagrada é elemento que desperta estudos acadêmicos e encanta a mim, que eu não conhecia até meados de 1989, como o leitor poderá constatar enquanto relato minha trajetória na espiritualidade.

Não tenho a pretensão de com esta pesquisa supervalorizar os terreiros, nem as práticas religiosas que fazem parte do cotidiano dos mesmos, mas revelar *A Jurema Sagrada de Mãe Chica, de Mãe Neide e de Mãe Luana*, apresentar o processo religioso por escrito, sob a minha ótica e com a permissão das Yalorixás, ao revelar detalhes da Jurema Sagrada enquanto instrumento de fé e de preservação de uma cultura ancestral.

A continuidade da pesquisa tornou-se árdua, quase que impossível de executar; não fosse o meu chão, meus pés fincados no axé, esta tarefa teria sido impossível. Além, claro, da paciência de minha orientadora.

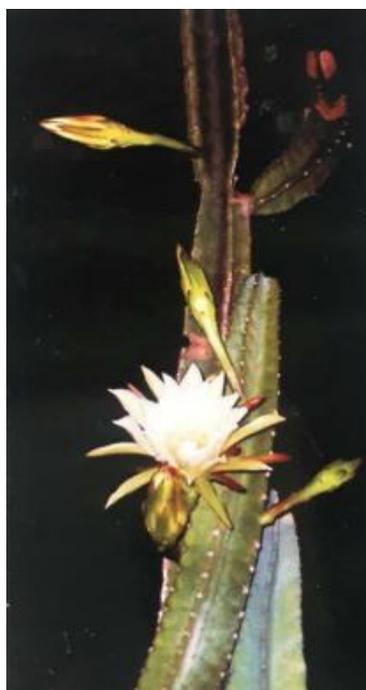
Outros trânsitos foram desenvolvidos por mim, pois em meio à pesquisa, voltei ao Rio de Janeiro, em outubro de 2021, com o propósito de auxiliar minha filha mais velha em uma obra que o apartamento dela demandava, uma vez que ela não conseguia acompanhar por trabalhar embarcada<sup>31</sup>. Então ela me solicitou que ficasse na casa dela para, quando estivesse em *home office*, eu pudesse fazê-lo. As viagens empreendidas a trabalho foram se intensificando e o retorno à Maceió foi se tornando impraticável por diversos motivos: questões financeiras, familiares e emocionais. Tive uma sequência de crises de ansiedade, tratamentos médicos e perdas.

---

<sup>31</sup> Trabalho executado em navio, no qual ela passa de três até seis meses sem retornar à sua residência.

Mas o retorno ao Rio de Janeiro se concretizou, e a parte mais importante neste retorno foi a reabertura da ICERBO em meio a tantas modificações. Finalmente retornei à minha casa de origem, aquela que me acolheu há 35 anos, dessa vez sob a liderança de Mãe Luana Xavier, a herdeira da ICERBO. Ela me chamou e perguntou: “Tia, posso contar com você para esse momento? Quero fazer a reabertura do Cercado no dia 14 de maio de 2022, mas estarei em São Paulo gravando<sup>32</sup>, você pode ajudar?” Mais uma vez a força do Cercado se fez em mim, a força do mandacaru em flor, e no dia 12 de maio lá estava eu, junto com a Irmandade de Caboclo Boiadeiro, limpando e arrumando o Cercado para a louvação que aconteceria no sábado. Tudo muito simples, com muita emoção, mas sobretudo com muita fé e gratidão, reabrimos o Cercado de Boiadeiro oficialmente, com uma cerimônia fechada aos convidados.

Nesta ocasião vimos a flor do majestoso mandacaru que simboliza a conexão com o Caboclo Boiadeiro de Mãe Chica, uma raridade vista por poucos, mas que simboliza para nós a beleza do renascimento. Mãe Chica era grande admiradora da flor do mandacaru e nós aprendemos com ela a apreciar essa beleza e agradecer a conexão com a espiritualidade. A seguir está uma foto desta flor, captada por Izabela - Bela D’Oxossi.



**Imagem 3 - Mandacaru em flor  
Julho de 1999**

**Fonte: Acervo Bela D’Oxossi**

---

<sup>32</sup> Cabe aqui ressaltar que Luana Xavier, assim como a avó Chica Xavier, é atriz, e concilia as agendas profissional e religiosa, seguindo o exemplo da avó.

O próximo passo foi a reabertura oficial que teve início com o preparo da jurema, no dia 15 de julho de 2022, mas que será tratado na sessão três desta pesquisa, intitulado **A Jurema Sagrada na ICERBO e no GUESB.**

Desde o primeiro momento de minha incursão no tema desta pesquisa deparei-me com algumas questões que motivaram esta escrita. A primeira delas, como já citei anteriormente, foi o fato de eu visualizar o ritual da Jurema Sagrada como um marco de resistência e fé nos dois terreiros. Depois vieram as leituras sobre a Jurema, as experiências acadêmicas sobre a Jurema, e nelas não consegui encontrar o que vivencio nos dois terreiros, embora a Jurema que eu conheço tenha algumas convergências com as Juremas já descritas por pesquisadores.

Dentre as descobertas que constam no presente estudo, destaco a não realização de ritual de iniciação à Jurema, onde há assentamentos específicos, como descritos por Maria do Carmo Brandão e Luís Felipe Rios (2001):

Existem três procedimentos para a juremação dos discípulos. No primeiro, o próprio mestre espiritual é o responsável pela implantação da semente<sup>33</sup>. Esse mestre promete ao discípulo e após algum tempo, misteriosamente, surge a semente em uma parte qualquer do corpo. O segundo procedimento é aquele em que o líder religioso, o juremeiro, realiza um ritual especial, em que dá a seus afilhados a semente e a bebida de jurema para beber. [...] Em um terceiro procedimento, o juremeiro implanta a semente da jurema, através de um corte realizado na pele do braço. (BRANDÃO e RIOS, 2001, pp. 172-173)

Sobre a composição da mesa da jurema, nos terreiros ICERBO e GUESB, não há outras bebidas além da Jurema, nem altar específico permanente nos terreiros de Mãe Chica e Mãe Neide para cultuá-la, o que os difere também do que foi descrito por Roger Bastide (2001):

O primeiro momento, anterior e preparatório da cerimônia, é a composição da mesa. A que vi compreendia cinco charutos, dois crucifixos, três pés de jurema, dois vidros, colocados obrigatoriamente sobre moedas que os isolam, a princesa cercada de um rolo de fumo, uma garrafa de cachaça e outra de aguardente, cinco velas. (BASTIDE, 2001, p.153)

Embora constate a relação entre o que identifiquei nos terreiros com o já descrito por Luiz Assunção quanto às elaborações e representações da Jurema, observo que há divergências entre a maneira de dividir ou classificar, o que é privado e o que é público.

O autor aponta:

---

<sup>33</sup> Semente da árvore jurema.

[...] que os rituais privados são aqueles em que o número de participantes é limitado ao cliente e algumas pessoas da casa, incluindo-se entre as atividades privadas as consultas, despachos, os trabalhos de mesa astral e jurema de mesa. Os rituais públicos são as giras para os orixás, as giras de jurema e outras que seguem calendário preestabelecido pelo dono da casa. (ASSUNÇÃO, 2010, p. 185)

Mas, em se tratando da Jurema Sagrada, objeto deste estudo, os rituais da Jurema podem ser privados ou públicos, sendo de categoria privada o ritual do preparo da bebida sagrada, onde somente os filhos e filhas da casa podem participar, não havendo a possibilidade de convidados não iniciados estarem presentes à cerimônia nos terreiros. A participação pública é realizada nos dois terreiros com a festa da Jurema, realizadas em datas diferentes, contudo, com o mesmo padrão ritual, como o leitor poderá observar na sessão três **O culto da Jurema Sagrada na ICERBO e no GUESB**. As limitações deste estudo recaem, sobretudo, no quesito da diversidade das Juremas encontradas, reelaboradas na Umbanda e no Xangô, como as descritas por Motta<sup>34</sup> e Fernandes<sup>35</sup>, em relação a Pernambuco, e onde há o entrecruzo de elementos ameríndios, onde o uso do tabaco e da jurema aparece como fundamentais nas cerimônias (Motta, 2001, p. 182).

Este entrecruzo também é encontrado nos terreiros de Mãe Chica e Mãe Neide, onde as entidades encantadas e os orixás africanos estão ocupando o mesmo espaço físico, ritual e festivo utilizando o tabaco e a Jurema - bebida sagrada- e também a Entidade Jurema.

No diálogo estabelecido com os teóricos, procuro demonstrar as modalidades diferentes do culto nos terreiros pelos quais transito, uma vez que neste estudo a minha história, o meu trânsito converge com o desenvolvimento da escrita, do pensar e do sentir (vivenciar mesmo) a Jurema.

Sendo eu pesquisadora e membro dos dois terreiros, questões como relativizar ou até mesmo transcender o objeto de pesquisa tornam-se desafiadoras, pois é a descrição da minha vivência enquanto religiosa. Minha interpretação está bem próxima do observado por Gilberto Velho (1981), por acreditar que neste estudo, tratando de um objeto que me é familiar, oferece-me vantagens, e possibilidades, de rever e enriquecer os resultados das pesquisas sobre a Jurema. Ao mesmo tempo em que me questiono ante à necessidade de confrontar-me intelectualmente, e mesmo emocionalmente, frente às diferentes versões e interpretações existentes a respeito de fatos e situações. Como o fato da Jurema Sagrada por mim estudada,

---

<sup>34</sup> MOTTA, Roberto. 1985

<sup>35</sup> FERNANDES, Gonçalves. 1937.

mesmo nascida no Nordeste, apresentar diferenças das já estudadas e publicadas por outros pesquisadores.

[...] ao estudar o que está próximo, a sua própria sociedade, o antropólogo expõe-se, com maior ou menor intensidade, a um confronto com outros especialistas, com leigos e até, em certos casos, com representantes dos universos de que foram investigadores, que podem discordar das interpretações do investigador. (VELHO, 1981, p. 131)

Outro ponto importante por mim identificado diz respeito ao modo de preparar a bebida jurema, que é transmitido pela oralidade, assim como aponta Câmara Cascudo, quando o autor se refere ao preparo da jurema. O licor da jurema não segue uma receita escrita, sendo o segredo da prática absolutamente oral, com fórmulas distintas praticadas em cada terreiro, repassado de mestres para discípulos<sup>36</sup>. Tanto na ICERBO quanto no GUESB, o segredo do preparo da bebida Jurema é repassado das Yalorixás para os filhos/as-de santo, uma vez que não há a nomenclatura de mestres e discípulos. Contudo, a jurema árvore é elemento central da tradição no preparo da bebida Jurema ou do licor da jurema como descrito pelo autor, podendo ser utilizadas para tanto, a raiz, as cascas ou ambos. O interessante é observar que a oralidade continua sendo o fator essencial para o repasse da cultura afro-ameríndia encontrada nos terreiros por mim estudados e que têm a prática da Jurema como uma de suas ações sagradas.

Outros autores, não compreendidos como estudiosos de religiões, também fazem parte do meu aporte teórico, tais como Claudia Fonseca, José Magnani e Mateus Maas. Destes, lanço mão quando é necessário retomar os conceitos etnográficos e mergulhar na pesquisa sem perder de vista de que sou “nativa”.

Nos caminhos, nas trilhas percorridas por Luiz Assunção em sua pesquisa realizada nos terreiros nordestinos, no Ceará, no Piauí, no Maranhão e na Paraíba, o autor identificou um ponto em comum na compreensão da lógica que perpassa a concepção organizacional do terreiro e a visão que os praticantes têm das entidades espirituais<sup>37</sup>. Assunção destaca que o que existe é uma complementariedade de diversas práticas rituais, sendo cada uma realizada em seu devido tempo<sup>38</sup>. Em se tratando da ICERBO e do GUESB, a composição é também de reelaboração, a fim de constituir a complementariedade citada pelo autor. Um exemplo disso seria o hino de louvor ao Nosso Senhor do Bonfim, que é entoado por Mãe Chica<sup>39</sup>, e que é

---

<sup>36</sup> Ver CÂMARA CASCUDO, 1951, p. 20.

<sup>37</sup> ASSUNÇÃO, Luiz, 2010, p. 149.

<sup>38</sup> Ibidem

<sup>39</sup> Citado na sessão três desta pesquisa.

oriundo da igreja católica, mas que compõe a prática na Umbanda de Mãe Chica. Como também o Rosário a Nossa Senhora, que é realizado por Mãe Neide, na véspera da festa da Vovó Maria Conga. Destaco também o cântico do Mandacarú<sup>40</sup>, de autoria de Mãe Chica, que é realizado em ambos os terreiros.

Como já afirmei aqui, minha intenção não é de discutir conceitualmente o significado da Jurema, pois entendo que ela é complexa, são muitas; ressalto que este estudo é um instrumento para aglutinar complexidade à prática, complexidade já apontada nas trilhas que antecedem esta pesquisa. É meu objetivo ressaltar a importância das Yalorixás fundadoras e a continuidade do culto à Jurema Sagrada na ICERBO e no GUESB, suas relações de parentesco espiritual e afetivo que advêm do elemento sagrado que é a Jurema.

---

<sup>40</sup> Citada nas sessões três e quatro desta pesquisa.

## 1. A JUREMA SAGRADA - HISTÓRIA E REFLEXÕES TEÓRICAS SOBRE A SUA PRÁTICA

Buscando compreender como se deu o processo de negociação e de assimilação de novas práticas rituais entre a ICERBO e o GUESB, queremos identificar elementos que, num plano mais amplo, permitam uma reflexão sobre as relações inter-religiosas da Jurema Sagrada com o complexo religioso chamado Xangô do Nordeste, entendendo aqui por Xangô do Nordeste, o conjunto de práticas religiosas da forma como descrito por Motta (1985):

[...]como a principal expressão religiosa afro-brasileira de Pernambuco e com ocorrência tanto na capital (zona urbana em geral) quanto na Zona da Mata. Em tal religiosidade, elementos ameríndios estão presentes, sendo fundamental, como no catimbó, o uso do tabaco e da jurema para celebração tanto das entidades encantadas, como espíritos indígenas e africanos. Se o xangô assim se apresenta compartilhando elementos também essenciais à jurema de umbanda, fica difícil separar e classificar drástica e de forma estanque as fronteiras dessas religiosidades. (MOTTA, idem, p. 112)

Assim, reforço como um dos objetivos desta investigação, compreender de que forma acontece o culto da Jurema nas Umbandas praticadas pelas fundadoras dos dois terreiros aqui propostos, observando o culto numa perspectiva processual, como processo de constituição da pesquisa etnográfica. O processo de escrita desta pesquisa perpassa por processos criativos, construtivos da pesquisadora que sou e de tudo o que vejo, vivencio e descrevo, mas também perpassa os processos que animam os próprios leitores, cabendo a estes compreenderem a amplitude cultural do objeto aqui abordado e do qual busco oferecer evidências de sua existência, buscando descrever, também, seus impactos nos contextos - tanto individual, quanto comunitário - dos participantes deste estudo. Como descrito por James Clifford.

Nesse sentido, releva os “processos criativos (e, num sentido amplo, poéticos) pelos quais os objetos culturais são inventados e tratados como significativos” e, ao mesmo tempo, mostra que a coerência que se busca na etnografia, tal qual um texto literário “depende menos das intenções pretendidas do autor do que da atividade criativa de um leitor” (CLIFFORD, 1998, pp.39-57).

Iniciada em período pandêmico e, portanto, realizada em condições insatisfatórias, a pesquisa de campo atravessou também outras dificuldades.

Como já citado anteriormente, o próprio falecimento de Mãe Chica, pois além da questão religiosa que determina um tempo de luto, neste período tive a oportunidade de ter a experiência marcante do nativo que é pesquisador, já que também minha pesquisa de campo teve que ser suspensa naquele espaço, em respeito ao luto da família carnal de Mãe Chica e da família ICERBO da qual faço parte, estando também eu de luto.

Somente em janeiro de 2021 consegui retomar a pesquisa de campo, mas, desta feita, com Mãe Neide, em Maceió-AL, que embora também estivesse de luto pela passagem de Mãe Chica, não interrompeu as atividades do seu terreiro. Ressalto aqui que mesmo com os fortes laços afetivos entre as duas Yalorixás, elas não tinham parentesco espiritual. Mãe Neide não é filha ou irmã-de-santo de Mãe Chica, sendo assim, o GUESB, enquanto terreiro, não entrou em luto nem viveu a necessidade de suspensão das atividades. Contudo, esse foi um período bastante difícil em todos os aspectos, especialmente quando parava para refletir acerca de meu papel de pesquisadora e se seria capaz de elaborar uma etnografia apropriada a fornecer elementos para a escrita. Procurei então retomar Magnani (2006) em “*De Perto e De Dentro*”, quando o autor escreveu sobre a prática etnográfica do interior da cidade saindo da perspectiva observada pelos “de fora e de longe”. No meu entendimento, concordo com a perspectiva de que um “nativo em carne e osso” tem a possibilidade de identificar, de fato, os aspectos culturais da cidade.

Partindo desta mesma linha de raciocínio e ciente de que essa familiaridade tende também a dificultar a pesquisa, eu, enquanto pesquisadora e “nativa”, posso e devo demonstrar, com maior objetividade do que os “de fora”, aspectos sobre os terreiros. “Embora existam alguns detalhes que, na minha vivência, se tonaram comuns ao ponto de passaram quase despercebidos ou mesmo “naturalizados”, o meu desafio é o de pensar a Jurema Sagrada nos terreiros como se ‘de fora’ eu fosse, porém com o cuidado de contemplar os detalhes que fazem parte do meu cotidiano enquanto religiosa, com a mesma riqueza etnográfica que utilizo ao descrever outros objetos de estudo relativos a contextos nos quais não estou inserida da mesma forma.

Assim, o que se propõe inicialmente com o método etnográfico [...] é resgatar um olhar *de perto e de dentro* capaz de identificar, descrever e refletir sobre aspectos excluídos da perspectiva daqueles enfoques que, para efeito de contraste qualifiquei como de *fora e de longe*. (MAGNANI, 2006, p. 17)

Procuro então, nesta pesquisa, praticar a movimentação enquanto alguém que está imersa nos terreiros, mas buscando, ao mesmo tempo, exercitar o olhar de fora para melhor compreender. Busco ampliar minha capacidade de observação e de transcrição dessas realidades, num movimento que me possibilite elucidar detalhes que, para mim, enquanto filha de santo, são cotidianos e, portanto, quase ‘naturalizados’. Mas a pesquisadora precisa realizar uma etnografia que possibilite à filha de santo ampliar seus (meus) conhecimentos acerca da Jurema ao longo da jornada de pesquisa e, ao mesmo tempo, elaborar uma escrita que permita ao leitor compreender a Jurema Sagrada de Mãe Chica e de Mãe Neide.

A jurema sagrada é elemento que desperta estudos acadêmicos e encanta a mim, que não a conhecia até meados de 1989, como o leitor poderá constatar enquanto relato minha trajetória na espiritualidade.

Como já citado por mim anteriormente, a Jurema Sagrada está na constituição de um complexo ritualístico que tem influências do catolicismo, do espiritismo - religiões europeias e dos opressores/invasores do Brasil - e de outras expressões afro-brasileiras. A Jurema Sagrada tem como base do seu culto a árvore de mesmo nome, oriunda do Nordeste. A bebida ritualística que é preparada a partir das cascas de seu tronco e de suas raízes permite a conexão com o universo dos Encantados. Seja ela como veículo de transe ou como consagração, a bebida consagrada na Jurema Sagrada é encantamento que nos leva a diversos trânsitos, olhares, escritos e encantos.

Não pretendo aqui definir a exatidão os terreiros de Jurema, tão pouco as práticas da Jurema em todos esses espaços sagrados, estou nesta pesquisa tentando abordar a prática da Jurema na ICERBO e no GUESB. Entendendo a Jurema como uma linguagem de ligação, do trânsito entre os terreiros de Mãe Chica e Mãe Neide, o primeiro elo que considero é o afetivo, e o segundo seriam os elementos formais desse trânsito, pois em primeiro lugar sou filha de Mãe Chica, para depois ser filha de Mãe Neide. Também neste trânsito está Luana Xavier, a herdeira da ICERBO. Estes detalhes estão compondo a sessão quatro deste estudo, intitulada **Yalorixás, os trânsitos e a política de alianças entre as casas religiosas**.

Mãe Chica também é encanto, ela sempre revelou que a Umbanda praticada na ICERBO era especial porque era a “sua Umbanda”, a que agregou conhecimentos ao longo da vida no candomblé e com o Caboclo Boiadeiro, é a Umbanda de Chica<sup>41</sup>. Esse fato despertou a minha curiosidade, e sempre que havia oportunidade entre as funções no terreiro, eu

---

<sup>41</sup> “A Umbanda de Chica”, como a Yalorixá denominava sua casa - o Cercado de Boiadeiro - aqui citada, objetiva diferenciá-la dos estudos anteriormente publicados acerca da Umbanda. Aliás, pesquisadores como Reginaldo Prandi, *Os Candomblés de São Paulo: a velha magia na metrópole nova*, 1991, já notaram essa autonomia das casas e das lideranças religiosas em relação ao modo particular de cultuar o santo.

procurava saber mais sobre a sua história. Não fazia ideia de que uma baiana pudesse bolar<sup>42</sup> com um Encantado em plena roça baiana - este ato também será abordado posteriormente. Na minha perspectiva, até então, somente Orixás poderiam levar um médium a bolar, principalmente na Bahia, berço do candomblé, mas Mãe Chica bolou com o Caboclo Boiadeiro e com Ele aprendeu a cultivar a Jurema, do jeito que Ele ensinou.

Mãe Neide, por sua vez, minha mãe de santo em Maceió-AL, também cultuava a Jurema Sagrada, e após conhecer Mãe Chica agregou alguns elementos ao culto que já realizava. Duas Yalorixás, dois terreiros em regiões distintas, mas que têm como elemento ritual a Jurema Sagrada. Mulheres pioneiras, mulheres mães de família, mulheres Yalorixás, mulheres que atuam na cultura negra e que são minhas mães espirituais e me integraram à Jurema, despertando em mim a vontade de falar sobre ela.

A Jurema Sagrada de Mãe Chica não está nos contextos abordados por pesquisadores, ela advém de sua espiritualidade, do Caboclo Boiadeiro da Yalorixá, pois foi ele que a intuiu ao preparo da bebida curativa para o corpo e o espírito. Da mesma forma, a Jurema Sagrada de Mãe Neide não está contemplada, através da minha pesquisa bibliográfica, no contexto de pesquisas anteriores.

No Cercado de Boiadeiro não existe a nomenclatura de Mestres nas sessões de Caboclos, nas Juremas. Como também no GUESB, não há distinção em relação ao espaço físico, Orixás e Caboclos podem estar no mesmo espaço, no salão, em uma mesma gira.

No GUESB os Mestres e Mestras compõem a linha de Exú e não têm encruzo com a Jurema.

Nas Juremas da ICERBO e do GUESB não há as interrupções que ocorrem nos terreiros estudados por Assunção em Recife, Natal Paraíba e Ceará, como descritos pelo autor ao observar rituais públicos (Assunção, 2010, p. 100).

Tão pouco há aspectos de desafio à ordem e ao erotismo, como descritos por José Jorge de Carvalho:

Ocorre, em termos de comportamento dos espíritos, um considerável relaxamento das regras de conduta que vigorava quando a festa começou, e a licenciosidade, o erotismo, a violência simbolizada e a escatologia crescem dramaticamente. Parte mais dramática em que o comportamento dos espíritos efetua uma completa subversão da ordem. (CARVALHO, 1994, p. 92)

---

<sup>42</sup> Nome dado ao transe no qual o Orixá se manifesta através da incorporação, pedindo a iniciação do médium e o Babalorixá ou a Yalorixá consulta os búzios para saber qual o Orixá e se há urgência ou não na iniciação.

O Cercado de Boiadeiro não é considerado um terreiro, nos moldes que costumamos ver, com uma estrutura física independente, com a Yalorixá dedicada às atribuições, com a cobrança de mensalidades e outros procedimentos, que caracterizam, um grande número dos templos que praticam as religiões de matrizes afro-brasileiras. O Cercado é uma Irmandade<sup>43</sup> no estrito sentido da palavra, é um local onde a família da matriarca cuida e se reveza com amigos, filhos e filhas que voluntariamente contribuem física e monetariamente com o lugar e com a realização de suas práticas. Como declarou Izabela, filha de Mãe Chica:

A mudança do telhado do Cercado, que era de amianto, você lembra<sup>44</sup>? Foi o meu tio Ivan que deu as telhas. E assim foi, todo mundo chegando junto, mas a responsabilidade é nossa, nós nunca criamos um estatuto e coisas assim porque no final das contas nós somos um culto doméstico. São os amigos, são as pessoas que vieram da Tenda de Pedro, familiares. [Relato de Bela d'Oxóssi em entrevista concedida a esta pesquisadora no dia 19 de setembro de 2020]

No Cercado de Boiadeiro, a Jurema se faz presente, pela própria árvore, como o leitor pode observar na Imagem 04 jurema da espécie branca - *Mimosa ophthalmocentra* - *Piptadenia stipulacea*<sup>45</sup> - da qual são retiradas as cascas para o preparo da bebida sagrada, realizada em ritual específico que será detalhado ao leitor na sessão três, intitulada **O culto da Jurema sagrada na ICERBO e no GUESB**. Para além da árvore, há também a bebida, que é preparada e acondicionada em uma garrafa especial e guardada de um ano para outro, e que fica no altar do Cercado, onde estão as imagens de santos católicos, Orixás, fios de conta, chapéus de couro e outros itens, e que serão detalhados na sessão supracitada.

---

<sup>43</sup> Como citado na sessão introdutória desta pesquisa.

<sup>44</sup> Neste momento a minha interlocutora pergunta a mim, pois quando cheguei no Cercado o que cobria o espaço considerado salão era uma estrutura de ferro com telhas de amianto.

<sup>45</sup> LORENZI, H. Árvores brasileiras: manual de identificação e cultivo de plantas arbóreas do Brasil. 4. ed. Nova Odessa, SP: Instituto Plantarum, 2014. 384 pp.



**Imagem 4 - Jurema Branca na  
ICERBO  
14/07/2022  
Fonte: Acervo Paulo - PH**

No primeiro momento desta pesquisa a abordagem inicial era a Jurema, no sentido de identificá-la enquanto prática, bem como seus elementos formais, ouso dizer, como parte do universo já pesquisado e divulgado por estudiosos, mas no decorrer da jornada e, com a indicação de minha orientadora e dos professores que fizeram parte da minha banca de qualificação no dia 13 de maio deste ano, identificamos que na realidade a Jurema é o veículo. A pedra fundamental que me permitiu o trânsito, do qual faço parte e esta pesquisa. Por isso, o presente estudo recebeu o título de **Trânsitos do Sagrado: da Irmandade do Cercado de Boiadeiro - ICERBO, no Rio de Janeiro-RJ, ao Grupo União Espírita Santa Bárbara - GUESB, em Maceió-AL.**

A reflexão teórica por mim percorrida não está descrita somente na bibliografia existente e citada na pesquisa, ela vem do chão do terreiro, das folhas, flores, cascas da árvore Jurema, das rezas e cânticos entoados por Mãe Chica, Mãe Neide, irmãos e irmãs da ICERBO e do GUESB. Ela vem do momento em que a Jurema foi o instrumento que uniu as duas Yalorixás mais fortemente e permitiu a mim, conhecer Mãe Neide, como citado na parte introdutória deste estudo. Ela, Mãe Neide, foi convidada a participar da Festa do Caboclo Boiadeiro, festa na qual a bebida sagrada é ofertada aos presentes em um ritual de muita força e fé. Lembro como se fosse hoje da imagem de Mãe Neide, fumando um cachimbo, cercada

de folhas e flores, sentada em um pequeno banco de madeira, fazendo os arranjos com a ajuda de alguns dos médiuns presentes e de minha filha mais nova, Tuany, que também tentava ajudá-la. Os arranjos que decoraram a ICERBO naquela ocasião foram feitos por ela que anos depois se tornaria também minha Mãe.

Naquela ocasião, a Jurema Sagrada estava na minha perspectiva como a bebida que transcende as barreiras da materialidade e constrói pontes para a elevação espiritual e física de quem a ingere com fé. Nesta mesma perspectiva há um diálogo com Câmara Cascudo e Bastide, descrito por Brandão e Rios:

[...] este culto da Jurema se difundiu dos sertões e agrestes nordestinos em direção às grandes cidades do litoral, onde elementos das outras matrizes étnicas entraram em cena. Desse modo, o símbolo da árvore que liga o mundo terreno ao além e, embora amarga, dá sapiência aos que dela se alimentam, ganha novos significados, surgindo um mito com traços cristãos. (BRANDÃO e RIOS, 2001, p. 161)

A bebida Jurema Sagrada da ICERBO e do GUESB não é amarga, diferentemente do apontado pelos autores supracitados, pois no preparo dela há a mistura com ingredientes adoçados, como o açúcar mascavo e o mel. Contudo, os aspectos de elevação espiritual são convergentes com as narrativas coletadas ao longo dos estudos que versam sobre a Jurema.

A Jurema Sagrada é tema de estudos há anos, mas ainda sem expressividade numérica se relacionada aos estudos acerca de outras religiões de origem africana, como o candomblé e o Xangô do Nordeste e isso ainda é mais grave quando nos referimos ao cenário alagoano. Segundo Silva e Souza<sup>46</sup> apenas dezessete estudos acadêmicos tendo a Jurema Sagrada como tema foram publicados entre 1994 e 2017.

No início da minha pesquisa, eu não poderia avaliar a diversidade de autores que em estudos sobre as religiões brasileiras teriam citado **a jurema, ou as juremas**, considerando a tamanha diversidade de práticas e amalgamentos culturais que a Jurema encerra.

Os trânsitos ou as trilhas da Jurema, das Juremas, são oriundos do Nordeste. Mais especificamente do sertão nordestino. A primeira menção, por mim encontrada, foi em Gonçalves Fernandes (1937), quando o autor menciona a Jurema, enquanto cultos marcados pela ‘pobreza do ritual e por preocupações mágicas’ (Gonçalves Fernandes, 1937, p. 144). Na sequência, encontro caracterizações da jurema, enquanto prática religiosa de poder curativo em Roger Bastide, que em sua vinda ao Brasil dialoga com Mário de Andrade, dentre outros

---

<sup>46</sup> SILVA, Deyvson e SOUZA. Gustavo. 2019, p.182.

intelectuais, e aponta a tradição cultural nacional forjada por marcas indígenas e africanas vivas no Brasil.

Os apontamentos mais descritivos de jurema encontrei em Mario de Andrade (1983) e Câmara Cascudo (1978). Seguindo orientações recebidas na oportunidade de minha banca de qualificação, destaco aqui o clássico livro sobre o catimbó nordestino, *Meleagro*, de Luís da Câmara Cascudo, por acreditar que aquela obra é a fonte de formação da Jurema na atualidade. Nesse livro, o autor aborda algumas práticas dos ‘feiticeiros’ do sertão e litoral nordestino, praticantes do catimbó, correlacionando-as com a antiga magia europeia. Ao descrever os ritos ligados ao catimbó, Câmara Cascudo afirma que religiosidades como a pajelança e o toré, não são tão significativas quanto as tradições místicas europeias. “O Catimbó é bruxaria sem recorrer ao diabolismo medieval” (1978, p 21).

O Catimbó é descrito por Câmara Cascudo como um processo místico individual sem necessidade de culto ou protocolos sagrados, funcionando como “um consultório tendendo, cada vez mais, para a simplificação ritual” (1978, p. 87). Neste ponto de *Meleagro*, visualizo a mesma trilha percorrida nos terreiros por mim estudados. Embora tenham ritos de preparação formalizados no cotidiano dos praticantes, há, em caso de necessidade urgente<sup>47</sup>, a consulta aos necessitados de forma não ritualística. Também em *Meleagro*, encontramos a pontuação sobre a influência do kardecismo na prática do catimbó, sem a influência moralista e cristã de Kardec (1978, p. 27).

Prosseguindo no trânsito da Jurema, recorro a José Jorge de Carvalho (1998), quando o autor descreve rituais da Jurema no Recife apontando as influências do Xangô e da Umbanda nos rituais de Jurema, “aparecendo quase sempre relacionada a outras formas religiosas como o Xangô e a Umbanda” (Carvalho, 1998, p. 89). Contudo, o autor aponta que a Jurema é um aspecto religioso complementar às religiões de matriz africana no Recife.

Luiz Assunção (2006) inicia em sua obra uma etnografia dedicada exclusivamente à Jurema, elencando características de práticas indígenas do sertão nordestino, com influências de outros contextos religiosos, reelaboradas:

é, portanto, a mistura de elementos oriundos do candomblé, do espiritismo kardecista, do catolicismo popular, e principalmente da umbanda, que ao serem reelaborados, darão origem a um processo de criação de uma nova prática de jurema, em que os elementos religiosos de outros cultos coexistem de forma dinâmica, reformulando o espaço religioso tradicional,

---

<sup>47</sup> Quando uma pessoa está doente e bate à porta do terreiro pedindo ajuda, é sempre atendida, na linha dos Caboclos que compõem a Jurema.

assimilando-o e transformando-o em uma nova prática (Assunção 2006, p.22).

Sandro Salles também aponta, quando descreve sobre Alhandra (cidade paraibana de referência no culto à Jurema), que o catimbó era constituído de elementos católicos e indígenas, mas também de elementos religiosos europeus, magia e kardecismo. Nesta perspectiva, o catimbó é constituído da bebida da jurema e do culto aos mestres que utilizam o cachimbo como elemento essencial marcador juremeiro.

Como este estudo não se propõe a trazer um descritivo específico sobre o trânsito da Jurema, mas sim sobre as juremas que conheci na vivência nos dois espaços sagrados, retomo às minhas percepções, objeto deste estudo.

Com o mergulho na bibliografia que tive acesso para realizar esta pesquisa percebi que a Jurema Sagrada não é somente um ritual, ela é muito mais. Ela é aldeia, cidade, o lugar de um mundo espiritual como em Alhandra, localizada no litoral da Paraíba, local considerado por muitos como o berço de uma grande linhagem de catimbozeiros<sup>48</sup> e mestres do além.

A representação da Jurema no mundo espiritual para os vivos vem sendo estudada e tem, também, variadas especificidades, ainda que contenham como parte fundante o complexo mágico religioso já citado. Segundo Câmara Cascudo, o Juremá é composto por aldeias, cidades e reinados onde residem os encantados, mestres e caboclos.

Cada aldeia tem três mestres. Doze aldeias fazem um reino com 36 mestres. No reino há cidades, serras, florestas, rios. Quantos são os Reinos? Sete, segundo uns. Vajucá, Tigre, Canindé, Urubá, Juremal, Fundo do Mar e Josafá. Ou cinco, ensinam outros: Vajucá, Juremal, Tanema, Urubá e Josafá (CÂMARA CASCUDO, 1931, p. 43).

Nas juremas descritas por Vandezande (1975) há detalhes acerca da veneração à árvore, como também uma ligação forte com os índios e os mestres.

“A ‘cidade mais antiga da jurema, cujo pé de jurema teria sido plantado pelo ‘Mestre Inácio’, regente dos índios, é o arbusto velho e enorme que se encontra na atual propriedade ‘Estiva’...O arbusto é sempre venerado, e muitas vezes há velas acesas ao anoitecer..O lugar é chamado pelos entendidos de ‘cidade do Major do Dias’...Mestre Inácio e Mestre Major do Dias foram proprietários de Estiva. O atual proprietário, o Mestre Adão, um dia tornar-se-á também mestre do além depois que seu espírito for lavado.”(VANDEZANDE, 1975, p. 129)

---

<sup>48</sup> Ver André Luís Souza. A Mística do Catimbó-Jurema representada na palavra, no tempo e no espaço, 2016

Nesta passagem descrita pelo estudioso em sua pesquisa de mestrado realizada no Recife, pode-se perceber a força da árvore, bem como a relevância dos mestres que um dia foram os proprietários do local e a possibilidade de ascensão ao reino dos encantados por parte do atual proprietário. Neste ponto minha reflexão volta-se à associação do mestre com a Jurema enquanto cidade espiritual, vinculando-se à noção de elevação dos seres vivos para então tornarem-se mestres juremeiros. Esta é mais uma das muitas conexões que percebo ser grandiosa na representatividade nordestina, na qual a força dos que atuam está diretamente ligada aos que já passaram, à ancestralidade, imputando a força da natureza para a proteção dos que ficam.

Desta forma percebo a Jurema Sagrada na ICERBO e no GUESB, como uma força ancestral que permite a perpetuação da vida de luta dos que permanecem neste plano que chamamos de Ayè<sup>49</sup>, com a força da ancestralidade que está no Orum<sup>50</sup>.

As Juremas estudadas nos estados do Ceará, Paraíba, Pernambuco e Rio Grande do Norte, por alguns autores como Fernandes (1940), Bastide (1945), Câmara Cascudo (1951), Vandezande (1975) e Assunção (1991), a Jurema apresentada é uma Jurema que cura, que tem na encantaria - mestres, mestras, caboclos e caboclas, entidades que detêm os segredos de ervas e raízes e as utiliza para a cura. E é esse o princípio da Jurema que conheci com Mãe Chica, o princípio que congrega a força da bebida Jurema, feita a partir da árvore do quintal, com a força da espiritualidade. “A Jurema Sagrada, ela é doce como o mel, basta um golinho dela para que você se conecte com a espiritualidade, com a força dos Caboclos, com a força da Jurema”<sup>51</sup>.

A jurema é citada no candomblé de caboclo pelo pioneiro no assunto, Edison Carneiro (1938)<sup>52</sup>; depois por outros autores, como Yoshiaki Furuya (1994)<sup>53</sup> que estudou os cultos populares na Amazônia e Jocélio Santos (1995)<sup>54</sup>, que em sua pesquisa busca entender a inserção do caboclo no sistema afro-baiano, e no qual afirma que os elementos ‘ameríndios’ dos ‘candomblés afro-baianos, presentes no culto aos caboclos, não revelam uma fusão entre grupos africanos e indígenas, mas o que seria a cultura indígena para esses terreiros (SANTOS, 1995, p. 13).

<sup>49</sup> Em iorubá: Àiyé ou Ayé, é a Terra ou o mundo físico, paralelo ao Orum, mundo espiritual.

<sup>50</sup> Em iorubá Orum é o mundo espiritual.

<sup>51</sup> Palavras que Mãe Chica sempre nos dizia.

<sup>52</sup> Ver Edison Carneiro. Candomblés da Bahia. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2008. [1938]

<sup>53</sup> Ver Yoshiaki Furuya, “Umbandização dos cultos populares na Amazônia: a integração ao Brasil?”. *Senri Ethnological Reports*, I: 11-59. Disponível em [minpaku.repo.nii.ac.jp](http://minpaku.repo.nii.ac.jp), consultado em 14/09/2021.

<sup>54</sup> Ver Jocélio Santos. O dono da terra: o caboclo nos candomblés da Bahia. Salvador: Sarah Letras, 1995.

Nesta Jurema presente no candomblé de caboclo baiano, Jocélio Santos aponta a representação religiosa do caboclo enquanto revela a reprodução de um desfile anual na Bahia (1824), no qual as imagens de caboclos apresentam um caráter meramente alegórico. Já o povo-de-santo, por sua vez, fez destas imagens objetos sagrados (Santos, 1995, p. 49). Santos revela que esse desfile acontecia no dia 02 de julho, Dia da Independência da Bahia<sup>55</sup>, data em que é realizada tradicionalmente, a festa do Caboclo Boiadeiro na ICERBO, terreiro da baiana Mãe Chica Xavier.

As obras existentes sobre o catimbó e a jurema, têm como base os estudos realizados por Câmara Cascudo (1978), Andrade (1963), Vandezande (1975) e registros feitos por Estevão Pinto (1935), Bastide (1974) e Motta (1976, 1988). Embora nos últimos anos tenham despontado algumas outras obras, Assunção (1988, 1991, 2010), Carlini (1993), Carvalho (1990), Pinto (1995), Nascimento (1994) e Grunewald (2005), o centro destas pesquisas tem como referência o Nordeste, mais especificamente o sertão nordestino, salvo algumas exceções<sup>56</sup>.

Nelas, encontro o reconhecimento dos múltiplos significados, como citado na sessão introdutória: a Jurema árvore, a Jurema bebida, a Jurema culto - planta, no qual o uso de partes da árvore dá origem ao preparo da bebida utilizada no culto, e a Jurema, entidade cabocla.

Em todas as Juremas descritas pelos autores acima, as entidades, sejam elas índios, caboclos<sup>57</sup> ou mestres, de direita ou de esquerda, todas têm um patamar diferenciado, uma classificação no reino da Jurema. Como um princípio, citado anteriormente, onde a entidade mestre é um espírito evoluído ou em processo de evolução espiritual, que permite aos encantados evoluírem e assumirem outros ‘postos’.

“Mestre, eles devem ser aqueles que dominam que manda naquela tribo ele é os responsáveis daqueles caboclos, vão ensinando a eles como é, vão explicando. Acho que deve ser assim como a gente vive na terra, lá na encantaria, são os assessor deles que comanda ele. O mestre é mais evoluído, mais doutrinado, porque ele vai ensinando aqueles outro como devem baixar. Ele baixa na linha da jurema.” (Antônio Lourenço, Juazeiro do Norte - CE). (ASSUNÇÃO, 2010, p. 196)

---

<sup>55</sup> Os baianos comemoram o dia Independência do Brasil na Bahia, pois marca a vitória dos brasileiros na guerra travada na então província da Bahia, por mais de 17 meses (de fevereiro de 1822 a julho de 1823) contra as tropas portuguesas.

<sup>56</sup> Quando os estudos versam sobre Alhandra, esta cidade localizada no estado da Paraíba é banhada pelo mar.

<sup>57</sup> Entidades que quando encarnadas desempenhavam atividades ligadas ao trato com o gado, ou pessoas que exerciam atividades rurais.

Há também alguns estudos que apontam o catimbó como sendo a parte da Jurema que representa os mestres. Para os umbandistas do sertão nordestino, índio, caboclo e mestre são entidades do culto da Jurema, contudo há no Nordeste, juremeiros que não concordam com essa classificação, como diz Mãe Quinha, de Sousa-PB:

“O ritual de jurema é só de mestre. Aí não pode misturar não. Você hoje me procurou, né? Aí quem lhe atendeu foi Mestre Carlos da Jurema, Mestre Severino da Jurema, Zé Pelintra da Jurema, Tia Maria da Jurema, uma mestra da jurema que também cura com jurema, aí tem o Caboquinho Índio da Jurema que cura com jurema [...] aí quando você canta vêm os mestres....Caboclo Gentil, Galopa Pedra...que ele trabalha também na jurema, aí todos são, porque esses caboclos são, como ele disse, ele é arrancado na jurema e trabalha com Mestre Carlos. Aí Mestre Carlos abriu os trabalhos e vem tudo atrás...Agora se quem atendeu você hoje foi um Urubatam de guia, não tem nada a ver com jurema; totalmente diferente. (ASSUNÇÃO, 2010, p. 194)

Mas as convergências encontradas fazem a diferença para os praticantes, como observa Roberto Motta:

Catimbó, candomblé de caboclo, macumba e outros constituem cultos menos estruturados do que candomblé, xangô, ou tambor de mina. Estes desde o princípio formaram congregações hierarquizadas, as quais, neste momento de ruptura das ligações sincréticas com a Igreja Católica, tendem a cada vez mais transformar-se em igrejas independentes, disputando com outras igrejas, seitas e movimentos a conquista do mercado religioso. Por outro lado, catimbó e equivalentes não requerem, em regra geral, o acionamento de um processo iniciático, com seus custos e complicações. (MOTTA, 2000, p. 18).

Contudo, nenhuma das especificações ou estudos dá conta da compreensão da Jurema praticada por Mãe Chica e Mãe Neide, embora haja traços de todas as Juremas nos dois terreiros. Assim como as convergências existentes entre o Catimbó, o Candomblé, o Xangô, a Umbanda e a Jurema, como o leitor poderá observar na sessão três, quando será detalhada a prática ritual dos terreiros.

A diversidade encontrada na bibliografia sobre a tradição dos usos da jurema seja ela a Jurema-Caboclo, a Jurema Catimbó, Jurema de Mesa, ou simplesmente Jurema para fins medicinais, é extensa, e vai desde os idos de 1871, com a citação de Thomaz Espíndola<sup>58</sup>, até a contemporaneidade, passando por trabalhos acadêmicos de diferentes níveis de profundidade (desde Trabalhos de Conclusão de cursos de Graduação, Especialização, até os

---

<sup>58</sup> Em A Geografia Alagoana, 1871, pp. 59-63 o autor descreve a Jurema como uma planta de uso medicinal.

de Mestrado e Doutorado). Nesse extenso rol de estudos, busco me ater às especificações básicas, já elencadas no capítulo introdutório. Embora se faça necessário considerar abordagens diferenciadas das diversas Juremas, esta pesquisa precisa estabelecer uma linha de raciocínio que possibilite ao leitor conhecer ou visualizar as diferenças entre o que já foi publicado sobre as formas ritualísticas da Jurema e as Juremas da forma como são praticadas por Mãe Chica (e agora por Mãe Luana Xavier) e por Mãe Neide.

Do que foi escrito pelos viajantes que estiveram no Brasil - ainda no século XVI, não há relatos acerca da jurema, somente da existência de rituais onde eram utilizados maracás, instrumentos presentes até hoje nas sessões de Catimbó-Jurema. A pouca documentação histórica que apresenta as práticas religiosas dos indígenas deixa uma lacuna que julgo não será preenchida, uma vez que a observação dos europeus que aqui chegaram tinha somente a perspectiva deles enquanto majoritários morais e socialmente.

As sessões de Jurema, também chamadas de sessões de Catimbó, evidenciada por Bastide (1945), têm origem no entrecruzo com a religião dos índios e do homem do Nordeste, nas trilhas pelas quais percorre ao longo do tempo.

O catimbó é de origem dos índios. Sem voltar às descrições antigas da pajelança e aos primeiros contatos entre o catolicismo e a religião dos índios, inclusive àqueles fenômenos de “santidade” que conhecemos tão bem através de informações do Tribunal do Santo Ofício, sem tentar traçar a genealogia histórica do catimbó, encontramos ainda hoje entre o puro índio e o homem do Nordeste toda a gradação que nos conduz pouco a pouco do paganismo ao catimbó da Paraíba. (BASTIDE, 1945, p. 202)

A jurema é composta de vários elementos, agregando várias cosmologias religiosas, nas quais estão presentes o maracá, chocalho que marca as sessões, permeados pelas toadas que trazem as histórias da jurema, das entidades e seus significados. Dentre as entidades destaca-se o Rei Salomão, registrado por Álvaro Carlini na “Missão de Pesquisa Folclóricas” (Carlini, 1993, p. 167) como mestre dos caboclos, sugerindo tratar-se de uma falange de espíritos subordinada ao sábio rei. Como no ponto entoado pelo juremeiro Seu Netinho, em Patos-PB, transcrito por Luiz Assunção:

Boa noite, meu senhor, meu pai  
 Dai-me força pro trabalho meu  
 Oh! Jurema encantada  
 Que nasceu de um filho sol  
 Oh! Jurema encantada  
 Que nasceu de um filho sol

Oh! Dai-me força e ciência  
Pra que desça rei Salomão  
Pra trabalhar com ciência  
Meu mestre. (ASSUNÇÃO, 2010, p. 162)

Nos estudos supracitados são descritos outros elementos que compõem a jurema nordestina, especialmente a mesa da jurema, ou seu altar, ou ainda, seu peji. A estrela do Rei Salomão, a princesa, que é um recipiente com água, ou com a jurema - bebida feita a partir da raiz ou da casca macerada de jurema preta. Neste ponto, como o leitor atento já deve ter observado, encontro outra diferença na espécie de jurema empregada na confecção da bebida descrita pelos autores e a bebida jurema que é preparada na ICERBO e no GUESB. A jurema utilizada pelas Yalorixás aqui estudadas é da espécie branca, como já citada por mim.

Há também outros elementos que integram o altar ritual da maioria dos terreiros com os quais tive contato através da bibliografia. O príncipe - que é o copo ou taça com água ou com a bebida jurema -, imagens de caboclos, mestres e santos da igreja católica, cachimbo e fumo. Além de oferendas e assentamentos, tendo inclusive a presença de um tronco da árvore jurema que simboliza o objeto ritualístico através do qual a entidade do juremeiro poderia encarnar.

Cabe aqui ressaltar que em relação ao grupo que tem a prática a jurema enquanto religião, esse faz parte de uma população minoritária e que, conseqüentemente, abarca camadas do povo que têm um menor poder aquisitivo. O que caracteriza a Jurema, na perspectiva eurocêntrica dominante, como uma religião que não gera conhecimento intelectual. Como prática ancestral indígena e essencialmente nordestina, a jurema tem como elemento fundante o sertão nordestino, onde o índio deixou seu sangue e marcou costumes em um vasto universo cultural.

Com relação à classe dos praticantes, Vandezande (1975), observou em Alhandra-PB que as atividades aconteciam geralmente aos pés da jurema. Neste aspecto entendo que os rituais aconteciam em casas mais afastadas e humildes.

Todas as sessões do Catimbó consistem, essencialmente, em dezenas de entidades espirituais, ou espíritos, que se comunicam com os participantes das sessões. Os 'mestres' ou 'mestras', são pessoas que viveram outrora, na maioria em Alhandra, que tiveram atividade mediúnica, geralmente junto aos pés de Jurema que guardam sempre o nome deles” (VANDEZANDE, 1975, p. 166)

As convergências entre o Catimbó e a Jurema seguem a mesma linha para alguns autores, uma vez que, para determinados grupos, o veículo da cura é a fumaça, a exemplo de Roger Bastide, quando o autor escreve sobre o catimbó:

Temos aqui os primeiros elementos do catimbó, o uso da defumação para curar doenças, o emprego do fumo para entrar em estado de transe, a ideia do mundo dos espíritos entre os quais a alma viaja durante o êxtase, onde há casas e cidades análogas às nossas. A grande diferença é que a fumaça da pajelança é absorvida, enquanto no catimbó ela é expelida. (BASTIDE, 2010, p. 147)<sup>59</sup>

Ressalto aqui que na Jurema Sagrada da forma que é praticada nos terreiros estudados não há o emprego do fumo como veículo para o estado de transe. As entidades na ICERBO e no GUESB utilizam o fumo sem o ato de tragar a fumaça, como veículo de purificação das pessoas e do ambiente. O transe se dá sem a necessidade do fumo ou da bebida Jurema Sagrada.

Mas há que se considerar que cultos como o Catimbó e o Candomblé de Caboclo constituem cultos menos elaborados, ou seja, cultos que exigem menos de seus adeptos, sejam eles médiuns ou não, pois nesses cultos não é necessária uma iniciação com custos, como acontece com o Candomblé ou com o Xangô, como, aliás, já foi evidenciado por Mota aqui nesta pesquisa.

Aliás, retomando Roberto Motta<sup>60</sup>, destaco aqui sua afirmativa, de que a influência do espiritismo popular (cf. Motta, 1977, p. 99), foi o que incluiu a jurema no universo das práticas afro-religiosas, evidenciando, assim, o catimbó ligado à jurema como uma das religiões mais populares da cidade do Recife: “Os ritos mais praticados pelo povo do Recife não são os do xangô, mas, feito um dos meus informantes expressou, os da umbanda que é jurema” (Motta, 1977, p. 102). Ainda sobre a jurema do Recife, há considerações do autor acerca da influência na umbanda carioca da jurema do Recife, pois há a junção de Exús. Motta revela que as entidades juremeiras do catimbó nordestino são reinterpretadas de maneira a configurar um conjunto autônomo.

A essas duas categorias, de origem arquetipicamente nordestina, vêm se acrescentando, nos últimos anos ou décadas, conjuntos hagiológicos procedentes do Rio de Janeiro ou, ainda quando originários de outras regiões, reinterpretados, em sua função mitológica, posição ritual, e expressão musical, na antiga capital do país. Tal é eminentemente o caso dos exus

<sup>59</sup> Para isso, ver Reginaldo Prandi (Org.). Encantaria Brasileira. O livro dos mestres, caboclos e encantados.

<sup>60</sup> No ano de 2008 tive a oportunidade de cursar duas disciplinas na UFPE-PPGAS, nas quais aprendi muito com o estimado Professor Roberto Motta.

(masculinos) e pombagiras (exus fêmeas) que passam a constituir um conjunto autônomo (MOTTA, 1991, p. 39).

As diferenças observadas entre as religiões afro-brasileiras podem ser muito tênues, no sentido de serem elaboradas, interpretadas, ressignificadas e transmitidas pela oralidade; não têm um livro base como as religiões de origem europeias ou orientais, a exemplo da Bíblia ou do Alcorão. Candomblé, Catimbó, Jurema, Umbanda, Xangô são específicos em sua essência e regionalidade. E essas especificidades muitas vezes se observam, ainda, de casa a casa, criando diferenciações.

Para outros autores, como o juremeiro Alexandre L’Omi L’Odò<sup>61</sup>, o Catimbó é a Jurema, e a Jurema é o Catimbó.

Catimbó, termo polissêmico que também significa cachimbo – que a partir desse momento, nesse texto, será ligado diretamente ao culto à Jurema Sagrada. Ambos os termos se referem à mesma prática religiosa, portanto Jurema é Catimbó, e Catimbó é Jurema. Vale a pena saber que o termo catimbó é controverso, embora a maior parte dos pesquisadores afirme que deriva fumaça do mato e timbó refere-se a uma espécie de que se assemelha à morte. Desta forma, catimbó seria a floresta que conduz ao torpor, ou a morte, numa clara referência ao estado de transe ocasionado pela ingestão da fumaça. Assim, fogo na árvore ou árvore que queima relataria a sensação de queimor momentâneo que a ingestão da bebida da Jurema ocasiona. (LOMI ‘ODO, 2011, p. 1084)

Sendo este um dos motivos pelos quais os rituais juremeiros são realizados em espaços normalmente situados no meio da mata, ou em outros com acesso restrito aos religiosos praticantes onde os Caboclos e Mestre têm liberdade para a prática da cura, da ciência que faz da jurema, ou das juremas, uma religiosidade.

Nos terreiros pesquisados por mim, identifico as interseções com estudos realizados por diversos autores, já citados aqui, onde a bebida consumida é o auge do marcador religioso. A ingestão da Jurema, nestas casas religiosas tem o ‘poder’ de ser o veículo com o astral, a cidade da jurema enquanto o reino que permite a cura do corpo e da alma. Ressalto que tanto na ICERBO quanto no GUESB não há transe mediúnico com a ingestão da Jurema, há o canal, o veículo de comunhão com as forças da natureza.

Como nos estudos do pesquisador Sandro Guimarães de Salles, que definiu:

---

<sup>61</sup> Juremeiro, candomblecista, historiador e Mestre em ciências da religião.

O “Catimbó-Jurema como um complexo semiótico, fundamentado no culto aos mestres, caboclos e reis, cuja origem encontra-se nos povos indígenas nordestinos. As imagens e os símbolos presentes nesse complexo remetem a um lugar sagrado, descrito pelos juremeiros como ‘um reino encantado’, os ‘encantos’ ou as ‘cidades da Jurema’. A planta de cujas raízes ou cascas se produz a bebida tradicionalmente consumida durante as sessões, conhecida com jurema é o símbolo maior do culto. É ela a ‘cidade’ do mestre, sua ‘ciência’, simbolizando ao mesmo tempo morte e renascimento (SALLES, 2010, pp. 17-18)

Nesse diálogo com as fontes especializadas, busco estar atenta à influência do universo afro-brasileiro em tradições ameríndias e vice-versa, ou, ainda, à prática do ritual juremeiro das matas, a exemplo do Kipupa, evento festivo realizado por juremeiros reunidos em Quipapá-PE, que remete ao que já foi identificado como Candomblé de Caboclo por autores como Ramos e Carneiro<sup>62</sup>.

Início aqui a compreensão com a entidade Jurema, pois foi com a presença Dela<sup>63</sup> que primeiro tive contato na minha infância, como relatado na parte introdutória deste estudo. Esta entidade (a Jurema) foi observada por pesquisadores enquanto parte integrante deste universo juremeiro e está ligada às forças da natureza, das florestas. De acordo com Luiz Assunção:

Existem caboclos que são identificados por sua origem tupi ou tapuia. É mais frequente a referência à origem tupi, como a Cabocla Jurema, que é conhecida como filha de Tupinambá. Acreditamos que essa ideia presente no imaginário coletivo reflete o processo de reelaboração do culto da jurema vivido a partir do contexto de colonização da sociedade brasileira. A Cabocla Jurema passa a ser filha de Tupinambá, aquele que se aliou ao branco, que foi aculturado. (ASSUNÇÃO, 2010, pp. 188-189)

A jurema é local de morada das entidades caboclas, segundo as religiões afro-brasileiras. Sendo que, em algumas delas, nos terreiros de Umbanda que têm as entidades chamadas caboclos, não há o preparo da bebida jurema, sendo esta apenas uma representação da força da natureza que as entidades trazem.

Nos terreiros por mim estudados, o Juremá é o local de morada das entidades caboclas, havendo a Cabocla Jurema que é reverenciada nos pontos cantados na ICERBO e no GUESB e a bebida Jurema Sagrada, sendo esta preparada e ofertada em datas específicas que serão detalhadas na sessão três, intitulada **O culto da Jurema Sagrada na ICERBO e no GUESB**.

<sup>62</sup> Para isso, ver Arthur Ramos. O negro brasileiro. 1º volume: etnografia religiosa e Edison Carneiro. Religiões Negras: notas de etnografia religiosa; Negros Bantos.

<sup>63</sup> Como relatado na introdução desta pesquisa, iniciei o meu aprendizado na Tenda da Cabocla Jurema.

O reconhecimento da Jurema como planta sagrada, compartilhada em rituais, é relatado por alguns dos estudiosos que dedicam seu tempo à sua compreensão. Uma das referências na contemporaneidade sobre o tema da Jurema, Rodrigo Grunewald, descreve o Toré e a Jurema como ícones da indianidade nordestina. O Toré e a jurema são elementos culturais que, embora não exclusivos das sociedades indígenas, codificam a autoctonia dos índios da região Nordeste do Brasil. (Grunewald, 2008, p. 44)

Na observação feita por mim, nos terreiros dos quais faço parte, esta afirmação é bem-vinda, embora haja algumas diferenças que eu desejo aqui destacar e que complexificam, ainda mais, o campo de investigação. Considero, após a pesquisa de campo realizada com membros da família de Mãe Chica, que os elementos culturais herdados por ela no tocante ao culto da Jurema não advêm da indianidade nordestina. Segundo os relatos, ela não tinha contato com ancestrais indígenas, mas sim com africanos que vieram escravizados para o Brasil. Nem mesmo o contato com a religiosidade observada nos Torés Nordestinos, descritos por Grunewald, ela teve.

Mãe Chica nasceu na Bahia, na Roça de Sabina, Terreiro de Candomblé situado na zona rural da capital Salvador, e quando ela tinha oito anos sua mãe retornou à zona urbana de Salvador. Os detalhes desse período da infância de Mãe Chica estão na sessão dois, intitulada **Um breve perfil das Yalorixás fundadoras**, onde o leitor poderá observar que Mãe Chica não teve contato com o terreiro de Candomblé de Caboclo, ou de culto à Jurema enquanto ritual.

No Nordeste que conheço e no qual aprendi o culto à Jurema de Mãe Neide, a planta utilizada não é a Jurema preta, a mimosa tenuiflora que contém alta concentração de DMT<sup>64</sup>. A casca da Jurema utilizada no preparo da bebida Jurema é da espécie branca. Não sendo, portanto, utilizada a bebida como promoção da alteração de consciência nem como veículo para o transe, no qual os médiuns incorporam. Já entre os índios Truká (ou Turká), da Ilha da Assumpção, em Cabrobó-PE, a jurema usada no ritual Particular ou Cienciazinha, é a preta sem espinhos. O transe não está condicionado à bebida da Jurema, mas esta é, reconhecidamente, um facilitador para tal<sup>65</sup>.

Há também, em estudos já realizados por Grunewald (2005) e Assunção (2010), a descrição acerca do local onde a jurema acontece, sendo destacado que nos rituais das religiões brasileiras a jurema é sempre realizada em espaços indígenas. Entendo aqui que esse

---

<sup>64</sup>DMT é a abreviação de dimetiltriptamina, um alucinógeno também conhecido como “molécula de espírito”.

<sup>65</sup>Dados obtidos em conversa com minha orientadora que realizou, entre os Truká, junto com Mércia Rejane Rangel Batista, da UFCG, e com Cláudio Manoel Duarte de Souza, da UFBA, um vídeo denominado A Cienciazinha dos Truká, nos idos dos anos 1990, registrando o ritual da Jurema.

espaço indígena esteja ligado à tradição do toré, em ser realizado em meio à natureza, nas florestas, enquanto símbolo de resistência cultural. Neste ponto, remeto à jurema praticada por Mãe Neide, que acontecia em um espaço aberto, fora do terreiro, mas, dentro do terreno onde se localiza a sede do GUESB, em Maceió-AL, mas que no ano de 2017 foi transferida para a filial (Navizala<sup>66</sup>) localizada na Serra da Barriga, município de União dos Palmares, zona da mata alagoana.

Os dois terreiros pesquisados apresentam algumas características similares no ritual da Jurema quando comparados com terreiros citados em estudos anteriores, a exemplo do uso da casca da árvore da jurema para o preparo da bebida sagrada, como notado por Santiago (2008) em estudo sobre a jurema nas cidades de João Pessoa, Cabedelo, Bayeux e Santa Rita, todas no estado da Paraíba. “A Jurema Sagrada é “uma prática religiosa de tradição indígena” presente na região do Nordeste brasileiro. O culto está “vinculado à árvore do mesmo nome (Jurema)”. É desta árvore que se faz uma “bebida sagrada a partir da casca, tronco e raízes”.

Contudo, a autora também descreve que “a bebida “possui a propriedade de transportar os homens para o mundo do além, possibilitando-os à comunicação com os seres que lá habitam” (Idem, p. 08).

A ingestão da bebida é realizada pelos médiuns dos terreiros, sem, contudo, ser essa ingestão condição indispensável para o transe ocorrer. Os detalhes sobre as incorporações estarão detalhados na sessão três, quando descrevo os cultos nos dois terreiros. Este é um contexto abordado em estudos acadêmicos, mas que não é encontrado da mesma forma na ICERBO e no GUESB, pois nesses espaços que investigamos não há a ingestão da bebida para fins de transporte dos participantes para o mundo espiritual, embora a bebida Jurema esteja presente noutros momentos. A Jurema constitui um dos elementos que dá nome ao ritual nos terreiros estudados, como forma de consagração, e não como fluido elementar para o transe espiritual.

Mas como o leitor poderá observar nas transcrições das entrevistas realizadas, a bebida Jurema Sagrada, fruto do ritual restrito, é ofertada nos dias em que os terreiros recebem os convidados para a sessão de caboclos na ICERBO e, igualmente, no toré de caboclos realizado no GUESB. Em ambas as casas, beber a jurema é permitido aos médiuns e aos convidados nestes dias específicos. Em relação à conexão dos médiuns e a ingestão da jurema, transcrevo o que revelou a filha de santo Neide Schiavo, da ICERBO:

---

<sup>66</sup> Nome da filial do GUESB na Serra da Barriga, União dos Palmares-AL.

Quando bebo a Jurema penso nos meus filhos, nos meus netos, pedindo saúde para todos. Minha cabocla (Jupira) sempre deixa eu beber a jurema para depois ela vir e trabalhar, mas não é que precise da bebida para isso. Na igreja o padre toma o vinho, aqui nós bebemos a jurema, só que é uma vez por ano quando desenterramos a jurema, só nós do Cercado, é como um remédio, só que muito melhor, porque ajuda na cura o corpo e a da alma. (Trecho da entrevista realizada *on line* no dia 20 de setembro de 2021).

O que observo nos dois terreiros se diferencia do que tenho encontrado nos textos sobre a Jurema, embora em alguns deles encontre também semelhanças, como no descrito por Luiz Felipe Rios e Maria do Carmo Brandão:

O que chamaremos aqui complexo mágico-religioso da jurema envolve como padrão a ingestão da bebida feita com partes da jurema, o uso ritual do tabaco, o transe de possessão por seres encantados, além da crença em um mundo espiritual onde as entidades residem. (RIOS e BRANDÃO, 2001, p. 162).

Essa falta de correspondência total entre o que relatam os textos e a realidade que investigo se deve, certamente, à antiguidade do uso da Jurema em contextos rituais religiosos no Nordeste do Brasil e à sua já não tão recente expansão para outras regiões do país, alargando as modalidades e os contextos de uso, nem sempre religiosos.

Rodrigo Grunewald (2018)<sup>67</sup> descreve diversos experimentos com o uso da Jurema, que qualifica, como já dito aqui, como trilhas da Jurema, com contextos culturais e políticos que ampliam o contexto acerca do seu uso. O autor destaca a essência, *o nascimento da jurema enquanto parte integrante de um elemento de uso e estudo*<sup>68</sup>, com início nas matas do semiárido nordestino, apresentando configurações e reelaborações espirituais e religiosas disseminadas em vários lugares do Brasil.

As histórias dessas religiosidades são construídas pelas pessoas que as fazem na ação, contestando e negociando significados em contato com tradições religiosas (espirituais, místicas) diversas com as quais entram em contato – especialmente com setores do catolicismo e da umbanda – e a partir de um lugar dialógico no qual vão construindo sua existência cultural. (GRUNEWALD, *op. Cit.*, p. 112)

---

<sup>67</sup> Ver Rodrigo Grunewald. Nas trilhas da jurema in Revista Religião e Sociedade, 2018.

<sup>68</sup> Grifo da autora.

Grunewald considera os entrelaçamentos da Jurema com religiosidades diferentes em relação aos indígenas do Nordeste do Brasil. E dessa relação nordestina com a diversidade religiosa: o catimbó, a umbanda, o candomblé, o catolicismo, dentre outras, o autor considera, nesse percurso da trilha, a Jurema umbandizada, ou simplesmente Jurema. Entretanto, a Jurema tem destaque por ser uma religião que requer espaço ao ar livre, tendo a presença da árvore - a juremeira - como referencial, embora as Cidades da Jurema<sup>69</sup> estejam presentes nos terreiros de Umbanda, nos quais a Jurema é cultuada.

Há também, de acordo com o autor, o registro da presença da Jurema como elemento fundamental em folguedos presentes em algumas regiões do Nordeste do Brasil. Não podemos esquecer que Alagoas constituiu parte do território de Pernambuco até 1817 e que suas constituições política e social estão entrelaçadas.

Refiro-me aqui então à constituição social da Jurema enquanto resistência dos povos originários e africanos escravizados e, também dos seus descendentes afro-brasileiros, que reelaboraram sua religiosidade a partir de elementos da religiosidade europeia e que se encontram em folguedos pernambucanos, tais como o Cavalo-Marinho, os Caboclinhos, a Caçada do Bode, presentes no Maracatu Nação e no Rural. (Grunewald, 2020, p. 225).

As variações da Jurema enquanto religiosidade ocorre de acordo com o tempo e os lugares nos quais ela é praticada ou cultuada, sendo um processo de construção religioso das pessoas que praticam o ritual. Aqui são assimiladas ou incorporadas à Jurema outras tradições religiosas a partir das experiências espirituais, místicas e sociais de quem as faz. Neste ponto, encontro uma referência para abordar a jurema de Mãe Chica e a Jurema de Mãe Neide, que agregaram elementos do catolicismo, do catimbó e da umbanda. Cada uma com sua religiosidade específica e suas experiências, mas seguindo a mesma trilha juremeira com a forma de preparo sendo compartilhada e assimilada.

Nas trilhas percorridas por Grunewald são descritos os tipos da Jurema, enquanto planta, e seus usos. As Juremas são muitas, mas a mais disseminada no Nordeste é a Jurema preta, aquela que tem o maior teor de alcaloide em sua raiz e cascas e é utilizada no preparo da bebida usada em processos místicos e de transe. De acordo com Grunewald o segredo da Jurema continua:

[...] já se buscou – a partir do pressuposto da riqueza do saber botânico indígena em sua capacidade de combinação e experimentação de diferentes plantas – por um suposto “segredo da jurema”, quando se indagavam alguns

---

<sup>69</sup> Morada dos mestres que passam a ser representadas pelos pejis de Jurema, onde são colocadas as tronqueiras” (Lima Segundo, 2015, p. 72).

pesquisadores, como, por exemplo, sobre qual planta (ou outro elemento da natureza, como algum mel etc.) se misturaria a ela de forma a ser psicoativa para os indígenas. Não se chegou até hoje a nenhuma conclusão, embora misturas de diferentes elementos com a jurema tenham sido relatadas. (GRUNEWALD e SAVOLDI, 2020, p. 222)

Os autores também destacam a ‘mistura local’, a mesma que tem fundamentação das Juremas por mim estudadas, uma vez que Mãe Chica e Mãe Neide são negras e têm nas respectivas formações familiares e religiosas a mistura evidenciada por Grunewald e Savoldi:

Não devemos esquecer que muitos indígenas (e grupos de índios) do interior do Nordeste foram, por diversos motivos, habitar a região litorânea e suas proximidades. Misturaram-se aos índios locais, mas também à população branca, mestiça e negra rural em geral (mas também urbana), como também se acomodaram em quilombos, misturando-se à população negra mais aguerrida. Sabemos também que os indígenas do interior e do litoral tiveram contatos os mais variados e que outros elementos étnicos a eles se associaram fazendo com que suas religiosidades se entrecruzassem.”. (GRUNEWALD e SAVOLDI, 2020, p. 225).

Entendo que as religiosidades que fazem uso da Jurema compõem o universo do sincretismo oriundo da miscigenação e ressignificação que os povos originários e os africanos construíram para a prática de suas culturas. Os processos de constituição da religiosidade afro-brasileira são fluidos e vêm em ciclos distintos. “A sincretização com o catolicismo, o do branqueamento com a formação da umbanda e o da africanização, que transformou o candomblé em religião universal” (Prandi, 1988, p. 152). Seguindo a trilha de Prandi, particularmente quando o autor se debruça sobre as influências históricas das religiões afro-brasileiras, observo a Jurema Sagrada na Umbanda de Mãe Chica como oriunda do candomblé de Caboclo da Bahia, e a de Mãe Neide, tendo no Xangô do Nordeste e no Catimbó a sua base. Como ela sempre diz a quem pergunta sobre a fundamentação do GUESB: “Aqui é o Catimbó de Vovó Maria Conga, aqui é o Xangô do Nordeste, onde juntamos o melhor da ancestralidade para nos ajudar na caminhada da vida”!(Frase utilizada por Mãe Neide quando perguntam a ela sobre o que fundamenta o GUESB)

Ambas passaram pelo trânsito de práticas, aglutinando a Umbanda, como seus antepassados fizeram com o Candomblé e o Catolicismo, utilizando-se de elementos capazes de tornar sua prática religiosa aceita pela sociedade.

Ao iniciar este estudo pude perceber que a Jurema é muito mais do que a bebida que compõe o ritual conhecido por mim nos terreiros. A Jurema é também elemento de resistência

integrante dos cultos afro-brasileiros, e de grande importância para que tenhamos elementos de estudo para compreender a configuração da Umbanda na atualidade, bem como para compreendermos o silenciamento histórico de algumas casas religiosas afro-brasileiras que exerciam a prática juremeira, como descrito por Assunção (2010):

Na prática, os pesquisadores que integravam a “Missão de Pesquisas Folclóricas” enfrentaram diversos problemas, principalmente da forte pressão policial aos cultos afro-brasileiros, como a reserva mantida pelos praticantes e frequentadores dessas casas religiosas, dificultando o contato e o acesso às práticas rituais existentes. Todavia, diante da riqueza das informações coletadas é importante e convém destacar alguns dados para posterior compreensão da jurema praticada mais recentemente nos terreiros de umbanda no sertão nordestino. (ASSUNÇÃO, 2010, p. 90).

Cabe aqui elucidar algumas questões com relação aos terreiros estudados, para maior compreensão do leitor.

Quando conheci o Cercado de Boiadeiro, hoje Irmandade Cercado de Boiadeiro (ICERBO), não sabia da existência do ritual da Jurema Sagrada. Para mim, tratava-se de um terreiro familiar que tinha a fundamentação no candomblé baiano, mas que era Umbanda.

Mais tarde, já fazendo parte da família, participei do ritual por completo, que é o de preparar, enterrar, levantar e depois beber a Jurema. Foi na ICERBO que bebi a Jurema pela primeira vez. No GUESB, o ritual de preparar, enterrar e levantar a Jurema também é restrito, fazendo parte dele somente os filhos e filhas de santo, da mesma forma que é feito o ritual na ICERBO.

O ritual da Jurema Sagrada, compreendendo aqui o ciclo do preparo, do enterrar e do levantar, não é aberto para os convidados dos terreiros, e agora, após estudar e compreender um pouco mais o significado dos rituais que são realizados de forma discreta e o papel desempenhado pelas religiões afro-brasileiras relaciono-o com o que é praticado nos terreiros.

A bebida Jurema exerce um papel maior, como um sacramento praticado como forma de resistência às pressões históricas que obrigaram os povos tradicionais e os africanos a se submeterem às religiões eurocêtricas como forma de sobrevivência. No ritual da Jurema Sagrada percebo a resistência cultural e ancestral no ambiente religioso, como preservação de elementos culturais e raciais oriundos da miscigenação entre indígenas e negros, formadores da sociedade brasileira.

O fato de a bebida ser ofertada em uma “sessão”, nome que é dado a este momento na ICERBO, e “toque”, denominação dada no GUESB, enfatiza um aspecto sociopolítico e a torna pública, embora com dosagem restrita, ao ser inserida no toré de caboclo, enquanto

ritual festivo e sem o consumo de álcool. O toré de caboclo no GUESB acontece dia 20 de janeiro e a sessão de caboclo na ICERBO acontece no mês de julho, estes detalhes sobre datas o leitor poderá compreender melhor nos capítulos seguintes deste estudo.

Um ponto importante a ser revelado nesta pesquisa é o fato de que quando os médiuns têm algum problema de saúde o médium não bebe a Jurema por conter álcool. Da mesma forma, as Entidades destes médiuns não ingerem a Jurema, nem outra bebida.

Após essa caminhada espiritual e enquanto pesquisadora relaciono o silêncio acerca do ritual com a repressão social e política que os praticantes de cultos afro-brasileiros sofreram e sofrem até os dias atuais. Percebo essa relação nos terreiros aqui estudados principalmente por serem eles fundados por mulheres negras que têm um papel sociopolítico muito importante.

Apesar da popularidade que a Jurema vem conquistando ao longo de sua constituição, como uma religião que agrega elementos do catolicismo - a exemplo do GUESB que utiliza imagens de santas da igreja católica, a exemplo de Nossa Senhora Aparecida, a Jurema compõe o arcabouço das religiões de matrizes africanas, e manteve-se como popular distanciando-se da perseguição e da discriminação, uma vez inserida a estas outras formas religiosas. Assim como outras religiões afro-brasileiras, a Jurema atrai para os terreiros de Xangô e Umbanda, pela essencialidade dos encantados, entidades que fazem as curas para os males que afligem a sociedade. Como descrevem Brandão e Rios no estudo realizado com terreiros em bairros de Recife:

Nessa perspectiva é de se ressaltar que o culto da jurema constitui um dos elementos que atraem adeptos para os terreiros de xangô e de umbanda. Não é apenas o brilho das festas que atraís as pessoas para estas formas de religiosidade. A assistência prestada pelos encantados aos que a eles recorrem já levou muitas pessoas a, em busca de alívios para as mazelas do mundo, se tornarem juremeiros e/ou filhos-de-santo. (BRANDÃO e RIOS, 2001, p. 180)

É este universo religioso amalgamado pela religiosidade afro-brasileira que constitui a minha caminhada, amalgamando, reelaborando e ressignificando os aprendizados. Ao mergulhar no estudo para melhor entendimento da Jurema, vou entendendo o descrito pelos pesquisadores e o que ouvi das mães que tive e tenho o aprendizado através da oralidade.

O presente estudo considera as práticas juremeiras já abordadas anteriormente no Nordeste, que levam em conta a execução do ritual curativo, através da ingestão da bebida. Entretanto, considero como parâmetros, os processos de elaboração e reelaboração do culto à

Jurema Sagrada, nos dois terreiros, objetivando divulgar através desta pesquisa as influências e os trânsitos das Juremas na ICERBO e no GUESB.

Assumo essa perspectiva de que o GUESB possa ter recebido influências do ritual da Jurema Sagrada da forma como é praticado pela ICERBO porque considero aqui que a Yalorixá Chica Xavier, como mais velha, deteve esse grau de influência nas práticas da Yalorixá Mãe Neide. Como ela mesma relatou a mim durante entrevista:

Eu já fazia a Jurema há anos, mas com a chegada de Mãe Chica na minha vida, fiz algumas adaptações por considerar que cabiam e nossa religião é transmitida pela oralidade, né minha filha? (Entrevista com Mãe Neide concedida no dia 20 de agosto de 2021, no Cercado de Boiadeiro).

Nessa direção, pretendo demonstrar não apenas quais foram os motivos que levaram Mãe Neide a incorporar novos elementos ao ritual da Jurema no GUESB, como citado por ela, mas também evidenciar quais elementos Mãe Chica agregou à prática da Jurema na ICERBO, ou mesmo aos outros ritos de sua Umbanda, a partir de sua relação com Mãe Neide.

Os aspectos que fundamentam o culto à Jurema na ICERBO são considerados a partir das entrevistas que realizei com integrantes daquele terreiro e da minha memória enquanto Egbomi<sup>70</sup> daquela casa, mas também faço uso de bibliografia que contempla as pesquisas sobre terreiros, barracões e demais designações de espaços ritualísticos afrobrasileiros nos quais eu pude identificar a prática do culto à Jurema.

Como se constitui a estrutura da Jurema Sagrada assimilada no terreiro alagoano estudado? Quais os motivos que levaram a Yalorixá Mãe Neide a incorporar ao que já era realizado em seu terreiro, as práticas da Yalorixá Mãe Chica? É possível estabelecer uma relação entre a Jurema Sagrada praticada no ICERBO e no GUESB com outras práticas religiosas como o Catolicismo, a Umbanda e o Candomblé? E até com universos não religiosos?

A propósito disso, torna-se oportuno aqui retomar mais uma vez os estudos de Rodrigo Grunewald (2018), quando o autor aborda a originalidade e a diversidade das etnias indígenas no Nordeste:

Queremos ainda lembrar que, de fato, não só usos litúrgicos foram feitos com a jurema no Nordeste em seus processos de apropriação por pessoas e grupos não indígenas. Como já apontado por Grünewald (2005b), por exemplo, cangaceiros do bando de Lampião haviam aprendido a fazer

---

<sup>70</sup> Essa denominação é dada tanto as pessoas que receberam o cargo oyê, tornando-se uma iyalorixá ou Babalorixá que irão abrir um novo ile axé, como as que não receberam esse cargo e continuarão na casa onde foram iniciados ou em outro ile axé, sem ser iyalorixá ou babalorixá.

jurema na Serra do Umã, onde habitam os Atikum, e a bebiam em situações que envolviam violência e bebedeiras alcoólicas. Movimentos messiânicos também fizeram uso da jurema, como aquele que se reunia em torno da Pedra do Reino (Idem: 110-135).

É também no contexto destas indagações que tenho buscado estudos voltados para o culto da Jurema em Alagoas. Mesmo com a existência de pesquisadores que como Arthur Ramos, dentre outros, interessaram-se pelos cultos afro-brasileiros em Alagoas, não posso deixar de notar a ausência de pesquisas sobre o tema específico da Jurema e, mais precisamente, de pesquisas contemporâneas que abordem o tema com a mesma densidade que abordam outros aspectos presentes nas religiões de matrizes africanas.

Minha inquietação surge a partir do momento em que constato que o Culto da Jurema é amplamente divulgado e estudado no Nordeste, especialmente em Pernambuco e na Paraíba, embora haja, em menor escala, estudos no Rio Grande do Norte, na Bahia e em Alagoas.

Nos estudos realizados em Pernambuco, destaco o já citado estudo de Roberto Motta (2000), onde o autor aponta a Jurema no Catimbó como o reino onde moram os caboclos e mestres, trazendo a entidade da cabocla Jurema e citando o seu ponto cantado. A cidade da Jurema se encontra também personificada na cabocla Jurema, que canta no seu ponto: “*Eu sou uma caboca que vem lá das aldeias, carregando flores, mas eu sou frecheira. E a minha cidade é campo de açucena*”. (MOTTA, 2000, p. 17).

Já na Paraíba, Luiz Assunção (2010), em sua pesquisa, traz a Jurema enquanto prática religiosa na qual as residências de seus praticantes se transformam em terreiro de Umbanda. Com o melhor espaço da residência, o salão, destinado aos rituais e festas públicas que na ausência destas voltam a ser sala de visitas. Nestes moldes descritos pelo autor há pequenos jardins, árvores plantadas e casas dos Exus e dos Eguns (almas) separadas e dispostas à esquerda e à direita do portão de entrada. (Assunção, 2010, p. 155). Nestes terreiros que funcionam nas residências, há imagens de santos católicos, como Nossa Senhora, São Cosme e São Damião, além de fotografias de Orixás decorando as paredes. Os moldes deste terreiro são de prática da Jurema e da Umbanda com o mesmo altar, sendo este separado com o que é de Orixá e o que é da Jurema.

Cabe aqui ressaltar que os altares de Jurema, no sentido de *mesa da jurema, ou cidade do caboclo*, encontradas em geral no Nordeste, compreendem segundo Luiz Assunção:

Chama cidade de caboclo, sete copos de cristal, a cidade dos mestres, aí vem a tigelinha, pratos. Só podemos assentar os mestres no segundo andar, não se pode assentar no chão. Aí vem o príncipe e a princesa, os calicezinhos, sete cálices é uma cidade de caboclo, aí vem o príncipe e a princesa completa a

cidade de caboclo. Aí vem a tigela, vem o prato e o tronco da jurema e os sete copos, é a cidade da jurema, dos senhores mestres, eles moram tudo num canto só. Isso é um assentamento dos grandes. (Pai Levino<sup>71</sup>). (ASSUNÇÃO, 2010, p.157)

São pesquisas nas quais os autores discutem sobre a assimilação de conceitos da Umbanda e do Candomblé, como a assimilação dos Orixás e dos Pretos-Velhos em um mesmo terreiro, não necessitando da realização da Jurema em outro espaço físico.

Esses juremeiros se unem tanto em grupos independentes, mas também em institutos espirituais e organizações religiosas a fim de buscarem os efeitos espirituais da jurema. Ao mesmo tempo em que situam e delinham seus rituais a partir de tradições religiosas, esotéricas e filosóficas conhecidas, estes sujeitos pós-modernos ampliam o campo místico simbólico da jurema com enxertos de configurações e performances próprios de cada casa (GRUNEWALD e SAVOLDI, 2020, p. 236).

Como também já notara Pordeus (2006), a Jurema não é mais praticada dentro do Catimbó, como os índios de outrora o faziam; ela está revestida de novos valores simbólicos engendrados pela grande mistura religiosa operada na Umbanda, em que aparecem elementos do Catolicismo e do Espiritismo.

Mas será esta modalidade de culto no GUESB o resultado do processo de mobilidade das Yalorixás, como nos diz Reginaldo Prandi (1990) acerca das relações oriundas da modernidade?

As tendências mais claras da direção em que se dão essas mudanças de axé (terreiro, linhagem, nação) permitem perceber a existência de um processo de mobilidade no interior da religião que aparece como um processo de mobilidade social (no início é mobilidade geográfica: a migração do Nordeste para o Sudeste), uma vez que as redes de parentesco, e as mudanças de um grupo para outro, inserem os adeptos em linhagens religiosas de origens diferentes, todas elas portadoras dos mesmos graus de prestígio (PRANDI, Idem, p. 3).

Outro ponto sobre o qual desejo refletir, ainda na perspectiva da mobilidade das Yalorixás, é a minha própria migração, para além dos espaços sagrados aqui considerados - a ICERBO e o GUESB - no culto à Jurema. Será que pelo fato de Mãe Chica ser do Nordeste, da Bahia, e ter mudado para o Sudeste, para o Rio de Janeiro, foi incorporado ali algum elemento diferente do que já era praticado no Nordeste, na Roça de Sabina, de onde Mãe

---

<sup>71</sup> Presidente da Federação Espírita de Umbanda - Patos - PB

Chica veio? Quais elementos são os fundantes para a Jurema de Mãe Neide? Apontar o entendimento das Yalorixás que têm hoje os terreiros sob sua responsabilidade, pode auxiliar a explicar essas questões. Considerando que a atual Yalorixá da ICERBO, Luana Xavier, é filha de santo de Mãe Neide, esses aspectos relativos à mobilidade serão desenvolvidos neste estudo na sessão 2 desta pesquisa.

Enquanto filha de santo de Mãe Chica e participante das atividades do GUESB, percebi que recebia, no GUESB, um tratamento diferenciado do que era dado aos demais e só parei para pensar sobre isso ao começar o processo de escrita deste estudo. Não me refiro aqui às inúmeras brincadeiras que fazem comigo, em relação ao meu sotaque carioca, mas sim, às atividades espirituais que comecei a desempenhar no terreiro. Creio que o tratamento diferenciado seja em função dos anos de atividade espiritual que tenho, como também por se tratar de uma filha daquela que é a madrinha do GUESB e uma pessoa exemplar em toda sua trajetória.

As diferenças no tratamento recebido por mim no terreiro foram especialmente percebidas quando passei a estar no GUESB com mais regularidade, à época de minha mudança para Maceió, como descrito na sessão introdutória. E foram acentuadas após ser escolhida como Mãe Pequena da casa, como também descrito na introdução desta pesquisa. Mas objetivando elucidar o leitor que não conhece as particularidades rituais de um terreiro, como Egbomi não tenho a obrigação de executar serviços braçais, uma vez que minha função principal é dedicar-me aos trabalhos espirituais, pois detenho uma corrente espiritual consolidada.

Além de receber dos mais novos as reverências, a exemplo da reverência que fazemos à Mãe Neide no ato de bater cabeça à ela - ato que é de grande significado para os religiosos de matrizes africanas, sendo executado por todos os médiuns, que se postam ao chão, normalmente sobre uma toalha apropriada para esse fim e, saúdam os Orixás aos pés da Yalorixá -, a partir do momento em que fui escolhida como Mãe Pequena da casa, os médiuns também praticam uma reverência, ante à mim e pedindo a benção. Ressalto aqui que a reverência praticada não é para nós, e sim para o Orixá que nos rege. Da mesma forma ritualística, há o pedido de bênçãos ao Pai Pequeno, aos Pais Ogãs e Mães Ekedys.

Quando de nossa última entrevista, mesmo em meio ao luto pela morte de Mãe Chica, Izabela, Bela D'Oxóssi - filha do meio da matriarca e Ekedí de Oxóssi, sucessora de Mãe Chica na guarda da memória da família e da ICERBO - ressaltou a importância de falar sobre as memórias da mãe e de como a ICERBO iniciou:

“Quando você acabar vamos fazer um resumo e sair palestrando nas escolas, mostrando que é possível conciliar a religião e a família, a religião e a carreira. Não foi por acaso que minha mãe ‘bolou’ aos 11 anos de idade com o Seu Boiadeiro. Essa história não pode ficar restrita ao Cercado, ela precisa ir longe como o berrante do vaqueiro”. [Relato de Bela d’Oxóssi em entrevista concedida no dia 19 de setembro de 2020, grifos meus].

Acreditamos que este estudo irá colaborar para a ampliação do universo grandioso que compreende a Jurema. Como nos diz Roberto Motta, quando chama a atenção para a quantidade de terreiros que detém, de forma explícita ou não, o nome sagrado – Jurema: “de uma lista de 506 'centros de Xangô e Umbanda', organizada em 1972 pelo Departamento de Antropologia do Instituto Joaquim Nabuco de Pesquisas Sociais, 259 contêm, no próprio nome, a designação explícita de um caboclo ou de um mestre [de jurema]” (MOTTA, 1977, p. 102).

Os estudos acerca do(s) culto(s) à Jurema, como já observei e citei anteriormente, são poucos na contemporaneidade, apesar do tema das religiões afro-brasileiras contar com ampla bibliografia especializada.

Sobre eles podemos dizer que refletem a Jurema numa perspectiva espiritual, ritual, socioespacial; estudos sobre a Jurema que contemplam os processos de reelaboração e transformação experienciados desde os realizados por Luiz da Câmara Cascudo (1978); Mário de Andrade (1963); René Vandezande (1975); José Jorge de Carvalho (1990) e Alvaro Carlini (1993), passando pelos de Maria do Carmo Brandão e Renato Rios (2004); Luiz Assunção (1999, 2010) e Rodrigo Grunewald (2018, 2020).

Neles, a observação das Juremas ocorre, em sua grande maioria no sertão nosdestino, local de resistência dos povos originários e, de resistência de africanos escravizados. Não encontrei muitas pesquisas que abarquem a Jurema nas zonas urbanas das cidades (exceção se faça a Grunewald, embora em muitos casos, trata-se de exemplos que se referem a universos outros que não, necessariamente, religiosos). No caso deste estudo, trata-se de dois terreiros que estão nas capitais, embora a ICERBO esteja em Sepetiba, bairro praiano na zona oeste da cidade do Rio de Janeiro-RJ, e o GUESB esteja no bairro Cidade Universitária, da capital Maceió-AL.

Retomando as trilhas, destaco a dissertação de René Vandezande, aqui já citada, na qual o autor fez o primeiro inventário dos inúmeros elementos rituais que compõem o catimbó praticado em Alhandra, que é como já citado anteriormente uma cidade do litoral paraibano. Vandezande observa cultos, formas e símbolos e mapeia as cidades da Jurema.

Dentre os autores que descrevem a Jurema, elegi a trilha percorrida por Luiz Assunção pelo fato de o autor abordar com preciosidade as múltiplas práticas juremeiras que encontramos no Nordeste, no Catimbó nordestino, práticas que ultrapassam a religiosidade afro-brasileira ao marcar o processo de resistência. Em pesquisa que realiza na Paraíba, Luiz Assunção descreve o uso da Jurema enquanto elemento que possibilita a cura, como um processo mágico curativo.

[...]Só que ele é um índio velho feiticeiro. Ele é o curandeiro da tribo. A nação dele é a jurema. Chamados pra cura, feitico, mandinga. Prepara aquelas ervas, no cachimbo, eles curam com a própria folha da jurema. Faz banho, fuma ela, defuma”. (ASSUNÇÃO, 2010, p. 191)

Nas trilhas que tenho percorrido na pesquisa de campo, os terreiros, como já observei, não apresentam a ingestão da bebida Jurema como condutor para o transe, nem para o trabalho na esquerda, como comumente é descrito o trabalho com entidades que praticam “o que não é bom”. Como citado por Luiz Assunção:

Como afirma Mãe Bina, de Patos-PB, “o caboclo pode passar para a esquerda, mas a esquerda é dos mestres”. Aliás, esta concepção foi apontada anteriormente por Cascudo (1978, p. 66) afirmando que “o catimbó se reúne para ‘trabalhos’, bons ou maus, mas deliberados, com sua corte de ‘mestres’ conhecidos pelas predileções malélicas ou caritativas”. (ASSUNÇÃO, 2001, p. 206)

Na ICERBO e no GUESB, a possessão ou transe mediúnico acontece com a incorporação de caboclos, de pena ou de couro, caboclos de pena compreendem entidades de índios, e caboclo de couro, entidades de sertanejos, boiadeiros. Mas não há por parte destas entidades trabalho que seja para o mal, pelo contrário, segundo relatos de pessoas que frequentam a ICERBO há anos, após a ingestão da Jurema e o abraço do Caboclo Boiadeiro, somado aos ensinamentos silenciosos de Mãe Chica, a vida melhorou muito. Como declarou a filha de santo da ICERBO, Suzane Nahas:

O meu maior aprendizado ao longo desses anos foi o olhar a paciência da Mãe [...] depois da minha primeira participação no ritual da jurema, que levou anos, acho que uns três anos, tive a maior revelação da minha vida. Não foi como era no santo daime que eu fiz parte por quatro anos, não foi no ato de beber a jurema, que me transportou para outra esfera. O que aconteceu na hora que eu bebi, foi que eu pedi para que eu fosse uma pessoa melhor, uma médium melhor, e foi o que aconteceu. Foi algo maior que me permitiu

tirar o bloqueio familiar que tinha, foi uma cura para o meu espírito. Eu só percebi depois, o efeito da jurema, foi uma revelação que aconteceu, em forma de conversa na minha família. Só depois daquele dia, não lembro quantos dias depois, mas tenho certeza que beber a jurema desbloqueou as coisas, as pessoas e eu soube da minha ancestralidade espiritual, oriunda de pai e avós. [Entrevista de Suzane Nahas, concedida a esta pesquisadora em 03 de dezembro de 2021 de forma remota].

Nesta perspectiva, percebo o depoimento supracitado como a bebida Jurema ingerida foi para a médium uma cura, o elemento desinibidor que ela teve para seguir sua trajetória espiritual com mais firmeza.

As trilhas são apontadas por alguns autores que antecederam aos que tenho como referência maior neste estudo: Assunção e Grunewald. Como citado anteriormente, Assunção seguiu e citou Bastide (1959, p. 158) em seu estudo publicado em 2010: “a cura da doença é uma finalidade essencial dessa religião; os Espíritos não são chamados à Terra para serem adorados, mas para atender às necessidades da clientela religiosa”. Assunção descreve a Jurema praticada em Quipapá – PE, na qual os Mestres desenvolvem suas curas através do uso da fumaça do cachimbo, passando pela Jurema, na qual os Exús e Pombagiras conhecidos na Umbanda são Mestres Juremeiros.

De acordo com a categoria, as entidades espirituais da “linha de jurema” são classificadas em Caboclos, Índios e Mestres. As práticas ritualísticas são organizadas em universos simbólicos denominados pelo povo da umbanda como correntes da mata, da água e astral. A corrente da mata é comandada por Oxóssi e seu universo abarca todos os elementos da natureza. São a morada dos encantados das florestas, como os índios e caboclos, mas também associadas aos Exus. (ASSUNÇÃO, 2010, P. 159)

Algumas Juremas descritas por Luiz Assunção convergem com a perspectiva abordada por Prandi (2012), quando o autor menciona que a Jurema acontece dentro da Umbanda como manifestação mágica religiosa, ou de transe, oriunda do Nordeste.

Uma vez que a umbanda foi se alastrando pelo Brasil inteiro, os cultos caboclos regionais, que se mantiveram vivos em seus locais de origem, começaram a passar por um processo de umbandização. Hoje, no sertão do Nordeste, quiçá no Brasil todo, é difícil ver um culto de jurema que não seja no interior de um terreiro de umbanda. (PRANDI, Idem, p. 26)

Alguns autores, como Bastide (1989), escreveram sobre a importância da população indígena no Nordeste e a resistência destes em se converterem ao cristianismo. Coriolano de

Medeiros (1910) descreveu como os povos originários resistiram ao escravismo e à conversão ao cristianismo. “A grande população natural, essa foi arcabuzada, morta a punhal, a açoites ou vendida como escrava” (Medeiros, 1910, p. 31). Desta resistência do nativo originou-se a ocupação do sertão, onde os elementos simbólicos tradicionais e os elementos africanos foram reelaborados no fazer religioso e na gestação de novos significados, conforme nos indica Luiz Assunção (2010, p. 73).

Há também uma rica fonte de estudos sobre a população negra e a importância das heranças simbólicas e culturais advindas do Quilombo dos Palmares<sup>72</sup>. Nessa perspectiva, os estudos sobre a religiosidade afro-brasileira em Alagoas se fazem importantes para a compreensão da própria história do Estado.

Ressalta-se que em Alagoas, após a abolição da escravatura, o trabalhador negro vai ser utilizado em grande escala, fato contrário ao que aconteceu nas regiões sul e sudeste, onde o imigrante europeu ganhou destaque. Isso ocorreu devido à crise que afetara os proprietários rurais da região. No caso de Alagoas, particularmente, a crise veio acompanhada da necessária modernização do setor produtivo da cana de açúcar, representada pela transição do engenho banguê para o engenho central e, posteriormente, para a usina (DIÉGUES JR., 2006, p.75).

As reflexões e particularidades acerca do estado de Alagoas, sob a luz da geografia histórica, antes de sua emancipação de Pernambuco, era a de que era habitado por nativos ameaçadores ante a perspectiva europeia. O índio nativo e “primitivo” se retrai para que o português apareça, ficando nas vilas que originaram o estado as marcas das práticas realizadas pelos colonizadores e colonizados com heranças que revelam singularidades dos processos sociais vivenciadas. (SOUZA e TAVARES, 2019).

Quando pensamos acerca da pressão política e social no âmbito religioso em Alagoas, podemos refletir analisando alguns estudos já realizados no campo da antropologia na UFAL, como o de Janecléia Pereira Rogério (2008), por exemplo, que aponta a dificuldade em caracterizar os terreiros e suas práticas ritualísticas na cidade de Maceió. “Talvez o quebra-quebra das antigas casas de culto tenha impossibilitado a identificação ou mesmo a

---

<sup>72</sup> Dessa área dos Palmares, principalmente, vieram nos *folks* desses povos e continuados pelos seus descendentes, - o Coco, a série dos folguedos temáticos do Boi, os Quilombos, a dança do Buá, o Bate-Coxa, etc.” E, assinalando o lastro de sua influência ele vai identificar que as suas influências se espalharam em reminiscências: “(...) nos seus negros de ganho; nas suas negras quitandeiras e vendedoras de tabuleiros de doce; de peixe e mariscos (...) nos cultos negro-fetichistas (Xangô), nos seus Maracatus (hoje extintos).” (Duarte, 1974: 19).

caracterização de uma única “nação” predominante” (Pereira, 2008, p. 34) A pesquisadora descreve também a plurivalência dos terreiros na cidade de Maceió ao observá-los:

É o caso do que observamos a partir do cotidiano dos terreiros em Maceió que nos mostra que o sacrifício e as possessões continuam pontos centrais dos Xangôs e Umbandas da cidade, mesmo que exista com certa frequência, nessas mesmas casas de Xangô e Umbanda, o culto da Jurema. (PEREIRA, 2008, p. 50)

Creio que ao pontuar como se estabeleceram e se transformaram as heranças religiosas no território, poderemos ter uma maior compreensão acerca dos processos de incorporação e ressignificação de elementos de culturas indígenas e africanas e, conseqüentemente, da diversidade dos cultos à Jurema no cenário religioso em Maceió e no Rio de Janeiro, com os terreiros estudados. Lembrando aqui que apesar da ICERBO estar localizada geograficamente na cidade do Rio de Janeiro, sua fundadora era baiana.

Cabe aqui lembrar a problematização evidenciada por Goldman (2015, pp. 642-658) quando o autor aborda como as sociedades eram vistas e apontadas por estudiosos. O estudo do Candomblé, da Umbanda e suas múltiplas significações, Catimbó, Jurema, Xangô, Umbanda Carioca não refletem o ‘simples’ identificado pela antropologia do século passado, como algo pertencente às sociedades primitivas. Não se trata de sociedade primitiva, por ser uma sociedade diferente da nossa, foi analisada pelos primeiros antropólogos de forma parcial e limitada à sua visão de sociedade moderna. Estes grupos religiosos detêm processos amalgamados e transmitidos pela oralidade e pelos fazeres. Sendo estes diferentes em cada região do país, mesmo que a raiz original, indígena e africana esteja presente em todo território.

Goldman traz à luz o conceito de contra mestiçagem ao se referir às sociedades tradicionais indígenas e africanas, imputando (na minha perspectiva) o valor que há nas sociedades religiosas de matrizes africanas e ameríndias. Ao escrever sobre os contatos íntimos entre brancos europeus, índios, negros e asiáticos, o autor escreve sobre as trocas e os intensos conflitos entre esses povos desde os primeiros momentos da colonização europeia. Ressaltando que este processo por ele descrito corrobora com a construção narrativa da dimensão ideológica na sociedade brasileira, no período do final dos anos 30 até os anos 70, período que foi marcada pela ideologia da mestiçagem. A contra mestiçagem afro indígena, como afirma Goldman (2014), tem justamente uma origem afro indígena, como no caso dos militantes afro indígenas do Artemanha e do Umbandaum de Caravelas, Bahia.

O autor destaca a importância de uma antropologia “que se concentra nas diferenças enquanto tais, que leva efetivamente a sério e parte do que as pessoas pensam e que aposta em escapar dos clichês que nos assolam e, assim, pensar diferente”, como afirma Goldman (2014, p.219). Ao revisitar Goldman, paro para pensar no trânsito de Mãe Chica: do candomblé de caboclo na Bahia para um terreiro de umbanda no Rio de Janeiro; penso nas diferenças que ela precisou ultrapassar para a constituição do Cercado do Boiadeiro e relembro das muitas histórias contadas por ela e que agora as ouço de suas filhas.

Desta forma, o presente estudo transita em dois terreiros que têm elementos estruturais solidificados na tradicionalidade, no Candomblé, no Catimbó, na Umbanda e na Jurema, mas que percorrem caminhos diferenciados e encontram-se, tal qual o cruzo no mercado de Exú<sup>73</sup>.

Pensar a Jurema e a maneira como ela é realizada nos dois terreiros perpassa por trazer à luz afetividades, culturas, heranças que são ricas e não apenas algo que contraste com a cultura eurocêntrica. Mas implica também compreender a Jurema como uma prática religiosa que traz representações da natureza extremamente ligadas aos indígenas, mas também aos boiadeiros, figuras sertanejas e, nos terreiros por mim estudados, Entidade que conduz o ritual da Jurema.

Assunção (2010), em busca de uma síntese que possa descrever as entidades da Jurema no Nordeste, traz as representações feitas pela corrente da mata dos elementos da natureza, como florestas, árvores, frutos, cachoeiras, dando ideia de vida pródiga que se reproduz infinitamente, recriando um universo simbólico muito distante da realidade sertaneja [...]. Ao contrário, as entidades espirituais que habitam o universo das matas são elaboradas a partir de um imaginário sertanejo que recria e expressa características da cultura e da vida cotidiana, não apenas de indígenas, mas vaqueiros, boiadeiros, cangaceiros, profetas. (ASSUNÇÃO, 2010, p.160).

---

<sup>73</sup> Orixá que na cultura ioruba é o princípio do movimento.

## 2. UM BREVE PERFIL DAS YALORIXÁS FUNDADORAS

Para o desenvolvimento do estudo, levei em consideração o engajamento das duas líderes religiosas que acumulam funções que ultrapassam os limites físicos do terreiro e se envolvem ativamente no contexto político e social de suas respectivas comunidades. Escrever sobre elas é ter os olhos marejados de felicidade e gratidão ao Orun por ser filha de santo de duas mulheres marcadas pela fé e pelo amor. Portanto, as linhas que escrevo a seguir, não dão conta da imensidão que carregam essas duas mulheres, negras, nordestinas, mães de tantos e tantas filhas e filhos espalhados no Brasil e pelo mundo.

### 2.1 - Francisca Xavier Queiroz de Jesus - Mãe Chica Xavier

Para falar de Francisca Xavier de Jesus é necessário falar de sua mãe, Dionísia Santanna Santiago, uma jovem de 22 anos que saiu grávida da zona urbana de Salvador-BA em meados de julho de 1931. A jovem Dionísia, que teve uma educação rígida, católica, ofertada por seus padrinhos brancos e ricos, largou emprego e suas relações sociais, dentre as quais destaca-se o educador Anísio Teixeira, e foi procurar “no mato” um local em que pudesse gestar em paz. Chegou até a Roça da Sabina, terreiro de candomblé em Quintas da Barra, hoje um bairro refinado de Salvador. Ela não pretendia iniciar-se nos preceitos do candomblé da Bahia, seu desejo era apenas ficar em paz. Assim, cercada pela energia sagrada de uma roça de candomblé, entre Orixás<sup>74</sup>, Ogans<sup>75</sup> e Ekedes<sup>76</sup>, nasceu Francisquinha, como era conhecida e carinhosamente chamada por seus conterrâneos baianos, em especial por seu marido Kelé, parentes e amigos próximos.

A matriarca fundadora da ICERBO, Francisca Queiroz Xavier de Jesus (Chica Xavier) foi de atuação ativa dentro e fora do terreiro. Nascida em Salvador – BA em 22 de janeiro de 1932 mudou-se para o Rio de Janeiro em 1953, onde estudou teatro e fez a primeira peça de

---

<sup>74</sup> Orixá (Iorubá: *Òrìṣà*) são divindades da religião iorubá. Os iorubás vivem principalmente no sudoeste da Nigéria, sudeste de Benim e em menor número nas regiões do centro-sul do Togo. Os Orixás dividem-se em dois grupos, os aborós (Iorubá: *aborò*) ou orixás masculinos, e as aiabás ou orixás femininas.

<sup>75</sup> A palavra Ogã vem do Iorubá e significa Senhor da Minha Casa. É um cargo de suma importância e de responsabilidade nos terreiros de Umbanda e Candomblé, dentre as funções exercidas pelo médium - homem que não entra em transe - estão o conjunto de vozes e toques do atabaque.

<sup>76</sup> Ekedji (Iorubá) Ekede, ajoie e macota são nomes dados de acordo com a nação do candomblé para um cargo feminino de grande valor: a de "zeladora dos orixás". É o equivalente feminino dos ogãs, sendo escolhida e confirmada pelo orixá do terreiro de candomblé. Não entram em transe.

visibilidade negra, “O Orfeu da Conceição”, em 1956, na qual trabalhou com Clementino Kelé, seu marido desde 1956.

A estreia de Mãe Chica no cinema foi em 1962, sob a direção de Roberto Farias, no filme *Assalto ao Trem Pagador*. Desde o início de sua carreira na televisão, ela se lembrava das dificuldades encontradas por ser mulher negra. Todas estas atribuições profissionais não foram desvinculadas da atuação religiosa, como consta em sua biografia: “Nasci na Bahia, o candomblé nasceu comigo, mas as Entidades me chamaram, a Tia Beata, o Caboclo Boiadeiro. Levei todos eles para o meu trabalho” (Montero, 2013: 23).

Foi também funcionária pública do CBPE (Centro Brasileiro de Pesquisas Educacionais do INEP), Ministério de Educação e Cultura- MEC. Ela sempre falava disso com orgulho, e tem uma foto, na sala da casa da família, da carteira de trabalho assinada por Anísio Teixeira. Chica fez cinema, teatro, novelas, escreveu livros e atuou em Conselhos de Cultura.

Mãe Chica foi uma das pioneiras nas telas da TV brasileira, participou de inúmeras novelas, sendo a primeira em 1973, na TV Globo, quando interpretou a Rosa em *Os Ossos do Barão*. Foram mais de cinquenta personagens só na televisão, com destaque para a Bá na primeira edição de *Sinhá Moça*, a Inácia de *Renascer* e a Magé Bassã na minissérie *Tenda dos Milagres*. Em nossas conversas, ela sempre relatou que era tratada com muito respeito, mas sempre foi firme quanto ao seu papel precursor na dramaturgia brasileira. Com uma delicadeza e suavidade tão peculiares, ela não se esquivava de elencar as dificuldades que tinha enquanto mulher negra, mãe e de terreiro. Como também falava sobre a necessidade da presença de mais negras e negras nas artes, com papéis de destaque, saindo das cozinhas ou permanecendo nelas. Mas na perspectiva da representatividade, não da subalternidade, como revelado em seu depoimento à jornalista Sandra Almada (1995):

Eu queria que mostrassem, na ‘telinha’, famílias negras com filhos formados, mulheres como eu, por exemplo, que vim como mecanógrafa da Imprensa Oficial do Estado da Bahia e cheguei a jornalista do serviço público e a documentarista do Centro Latino-Americano de Pesquisa em Ciências Sociais. Eu queria que mostrassem isso, para ajudar essa gente a sair da senzala, a descer do morro e dizer: ‘Eu vou estudar, não vou bater carteira’. (ALMADA, 1995, p. 25)

Sempre foi para mim um grande aprendizado estar perto dela, poder conversar com uma mulher tão cheia de luz, uma Yalorixá e ainda uma atriz famosa. As histórias que ouvi

dela perpassam a atuação de alguém que vivenciou tudo com intensidade e consciência plena das responsabilidades que carregava enquanto mulher negra.

Como disse Luiza Bairros, ao escrever sobre o papel da mulher negra quando descreve sobre a invisibilidade de uma jovem negra em um programa de TV de Salvador, quando destaca o racismo estrutural pelo qual a população negra, especialmente, a mulher negra enfrenta. Em contraponto com a mulher que demonstrava o prato dando conselhos, enquanto a jovem negra permanecia muda. Sobre essa invisibilidade que está embasada na episteme do conhecimento eurocêntrico-colonial, a autora ainda relata:

Se por um lado os produtores de TV acham que não possuímos a autoridade e a segurança necessárias para ensinar até mesmo o que supostamente fazemos melhor, por outro é evidente que o racismo já não pode mais ser praticado sem contestação, sem que de algum modo emerjam os contraditórios discursos que (re)criamos nas duas últimas décadas. (BAIRROS, 2020, p. 240)

Chica Xavier estudou, e muito, e talvez por isso sempre influenciou seus filhos e netos a seguirem o mesmo caminho. Dos três filhos, a mais velha, Christina, é a primeira negra Doutora em Química pela Fundação Osvaldo Cruz - FIOCRUZ, instituição na qual trabalhou e se aposentou. Izabela é artista plástica, aposentada pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio de Janeiro e curadora de algumas bibliotecas espalhadas pelo país, e o filho mais novo de Mãe Chica, Clementino Junior, é cineasta premiado nacional e internacionalmente, além de ser professor e doutor em Educação pela UNIRIO.

Seus netos Ernesto e Luana também não fugiram à regra, estudaram, estudam e trabalham; já o neto mais jovem, Oranyan, que acabou de completar dezoito anos, está dedicando-se aos estudos e no apoio aos mais velhos, como o seu avô que conta com ele para várias tarefas.

Retomando o foco à Mãe Chica, ela foi contratada da TV Globo, emissora na qual se aposentou, escrevia cantigas e prosas, que também ficaram eternizadas em um livro, Chica Xavier Canta sua Prosa. Nele estão impressas a louvação aos seus santos de fé e que estão registrados em nossa memória, pois foram cantados nas tardes e noites na ICERBO ao longo de mais de 33 anos.

Mãe Chica teve grande destaque como defensora da cultura afro-brasileira, recebeu pelo seu trabalho de preservação e incentivo à cultura afro-brasileira, o Troféu Palmares, em 2010, pelo extinto Ministério da Cultura.

Mas foi com a simplicidade e a calma que trazia na musicalidade com o sotaque baiano, que Chica dedicou a vida à espiritualidade. Mulher extremamente ligada a terra e ao barro, tornou-se uma referência para a família carnal, agregados e outros que aprenderam a admirar a atriz e a Mãe de santo.

Parte dessa trajetória da relação de Mãe Chica com a espiritualidade foi relatada por uma de nossas interlocutoras na ICERBO, Ekedí Bela D'Oxossi, em entrevista concedida em 28 de agosto de 2021:

Minha mãe viveu até os oito anos de idade, com a madrinha dela, Maria José, católica fervorosa que dizia que preferia ver Chiquinha em um caixão do que vestida de baiana no meio de um terreiro. Mamãe contava que a madrinha dela ficava assustada, de olhos arregalados mesmo, quando mamãe dançava com desenvoltura os cânticos do candomblé. Ela nunca tinha pisado em um terreiro, mas ela dizia que a ancestralidade estava guardada na memória dela e que por isso ela sabia dançar o candomblé.

Mas ela tinha as tias que a levavam para o candomblé, mas assim, somente para assistir, até que um dia, quando ela tinha onze anos, bolou para o Seu Boiadeiro no Engenho Velho, na Casa Branca.<sup>77</sup> Minha avó Dionísia, mãe de mamãe, via a vida das pessoas em um copo de água. Ela sempre se acostumou à religiosidade, frequentava as missas, tinha a herança da minha avó de ver em um copo de água, conhecia todo mundo do candomblé, mas não era feita no candomblé, ela tinha uma quartinha que era do anjo da guarda na casa dela, que na realidade era um quarto que moravam minha avó e minha mãe. Quando ela decidiu vir morar no Rio de Janeiro, ela levou a quartinha na Igreja de Santa Bárbara e deixou no banco. Foi como se ela dissesse: Eu tô indo embora daqui, mas não estou largando vocês. Um fato interessante contado pelo meu pai, é que eles se conheciam desde que minha mãe tinha dezesseis anos e nunca soube de sua ligação com o candomblé até o dia em que estavam já aqui no Rio de Janeiro. Eles eram noivos ainda, quando eles foram visitar a casa de candomblé de uma amiga da Bahia, ela estava linda vestida de tailleur, quando ele viu, mamãe estava incorporada com Iansã e saiu de lá toda desarrumada. Ele ficou espantado e pensou, meu Deus, ainda tem mais essa? Risos, mas ele disse, tudo bem! Se faz parte da sua vida eu estou nessa.

Mamãe só se dedicou mais à religião depois de aposentada, o que ocorreu em 1977. Nessa época a gente frequentava uma casa em Bonsucesso, a Tenda de Pedro, que era de Dona Esmeralda e Sr. Bernardo. Nós morávamos no Humaitá e esse centro era em Bonsucesso, ela fez o santo dela nessa época. A feitura foi com Mãe Ajigadê, no terreiro que ficava em Anchieta, as coisas dela ficaram na casa da mãe de santo porque nós morávamos em apartamento e ela não podia colocar os assentamentos<sup>78</sup> na cabeça dos outros. Então ela resolveu, seguindo o conselho do tio Macedo, comprar no ano de 1979 esse terreno aqui, no número 48, que tinha uma estrutura de casa inacabada, que chamamos de casa em ruína e era cercado de arame farpado. Mamãe então resolveu fazer a casa de Exú ao lado da casa que existia. Ele foi o primeiro a morar aqui, depois ela fez o quarto do santo e trouxe os

<sup>77</sup> Casa Branca do Engenho Velho ou Ilê Axé Iyá Nassô Oká é considerada a primeira casa de candomblé aberta em Salvador, Bahia.

<sup>78</sup> Conjunto de peças em louça ou barro que materializam o elo da pessoa com o Orixá.

assentamentos dela e foi ajeitando a casa que tinha. Dava para colocar uma geladeira e tinha um sofá e um banheiro, a gente vinha para cá e ficava todo mundo amontoado. Depois foi a construção do sobrado, que era para ter a estrutura para o santo, com cozinha e quartos amplos, o quarto das mulheres e o quarto dos homens, para trocar de roupa e dormir, caso fosse preciso. Aos poucos, mamãe, nossa família e amigos que eram da religião, foram melhorando o Cercado, nós nunca tivemos estatuto, regulamentos, porque todos que frequentam aqui são da família e amigos da família. Não é um terreiro, é uma irmandade. Aqui é Umbanda, não é candomblé, é Umbanda da Chica, nós não vivemos do santo, nós vivemos para o santo, não temos mensalidades fazemos o que podemos com nosso recurso e contando com a ajuda dos irmãos.

A Yalorixá era também irmã<sup>79</sup> da Igreja de Nossa Senhora do Rosário e São Benedito dos Pretos em Salvador, fato que revela o sincretismo como relata sua neta Luana Xavier:

A fé que ela nutre desde muito nova é sem dúvidas uma de suas maiores virtudes, lembro de uma vez ter perguntado a ela de quem era uma foto 3x4 na gaveta, um rosto que não me era nada familiar. Então ela disse que era de uma senhora que ela conheceu na feira e que estava passando por problemas de saúde. Minha avó então pegou essa foto, anotou o nome atrás e a partir daí começou a rezar pela saúde desta moça. Desde pequena a ouvia dizer: “quer expressar carinho por alguém especial, reze por essa pessoa”. Vovó definitivamente vive pra família. Sempre gostou de casa cheia, almoço de domingo regado a moqueca de ovos (especialidade dela), cozido ou feijoada. Ela preza pela fartura. É que seu primeiro Orixá é Iansã, a deusa dos ventos e das tempestades, mas vovó também tem Oxóssi em seu Ori. Que é um Orixá caçador, senhor da fartura. Almoço na casa da minha avó tem que ter comida para o dobro de pessoas presentes. É que a qualquer momento pode chegar uma filha ou um filho. Os de barriga são apenas três, mas ela foi angariando muitos outros pelo caminho<sup>80</sup>.

Mãe Chica sempre recebeu a todos com o mesmo amor, não importando se era colega de trabalho, no caso dela artistas, ou amigos dos amigos. Com o sorriso peculiar, a Yalorixá esteve à frente de todas as atividades de seus familiares, marido, filhas, filho e netos.

Foi através de Mãe Chica que comecei, aos 20 anos, a ter contato com a cultura negra brasileira. Ela me ensinou a enxergar e não só olhar para as mulheres negras, de forma diferente do padrão europeu e eurocêntrico com o qual eu estava acostumada. Mas que imagem era essa que ela tanto falava? Eram imagens opressoras, como pude entender, que formaram a base brasileira, imagens das afro-americanas que se rebelaram com as opressões de raça, de gênero e classe, elementos fundantes da pobreza das mulheres negras afro-latinas.

<sup>79</sup> Fazia parte da Irmandade de Nossa Senhora do Rosário e São Benedito dos Pretos.

<sup>80</sup> Entrevista de Luana concedida a Revista Dagase, Seção Aruanda.

Em uma das dedicatórias que tenho dela, no livro *Chica Xavier – Mãe do Brasil*, ela escreveu “Nós plantamos as vinhas, eles colheram os frutos, mas é tempo de colhermos, sempre será para nós mulheres e mães”. Hoje penso que ela escreveu isso porque sabe o quanto mudou minha maneira de observar, sentir e falar acerca do papel da mulher, em especial das mulheres negras, mães e de terreiro. Foi com ela que conheci Lélia Gonzalez, Ruth de Souza, Cecília do Bonocô e outras tantas mulheres negras, mas sem dúvidas, ela foi e é a minha maior professora e exemplo. Imagino o quão difícil foi para a geração de Mãe Chica, relembrando os relatos em que tive a grata oportunidade de ouvir nas tardes de função no terreiro e nas reuniões de família.

A vida de Mãe Chica se entrecruza com as de personagens, como a icônica Magé Bassã, para a qual ela teve que fazer teste e estudar muito para compor a personagem, como relatado por ela à Sandra Almada (1995):

Depois que me interessei pela personagem, fui para Salvador até com uma certa antecedência para pesquisar sobre o tema, o que, aliás, já havia feito durante minha vida toda na Bahia. Eu morava numa vila com várias casas e em quase todas morava gente de candomblé. Via aquela gente cantar o dia todo. As mulheres lavavam roupa cantando, brigavam entre si por causa do quaradouro, por causa de água, por causa de roupas e cantavam cantigas de provocação em nagô...Tudo isso eu acompanhei. Então já conhecia o porte das mães-de-santo, conhecia as danças, já sabia lidar com os orixás. Não foi difícil para mim. A minha pesquisa já estava quase concluída, pois foi feita durante toda uma vida. E eu tinha ajuda do santo que foi muito grande. (ALMADA, 1995, p. 33)

Podemos perceber, pelo relato acima que a relação de Mãe Chica sempre foi muito próxima ao candomblé, lembrando que ela também nasceu em uma roça de candomblé, como citado anteriormente. Sem, contudo, ser iniciada no Candomblé, como relatado por Izabela e transcrito aqui anteriormente, a iniciação formal de Mãe Chica, se esse é o termo correto, ocorreu anos depois de ela ter ‘bolado’ com o Caboclo Boiadeiro. A Umbanda praticada por Mãe Chica, a Umbanda de Chica, representa a sua religiosidade intuída pelo Caboclo Boiadeiro, por Tia Beata, Preta-Velha de Mãe Chica e demais Entidades e Orixás que a comandavam.

Eu poderia escrever sobre ela por mais tempo, o que aprendi daria mais de cem páginas, a afilhada de Anísio Teixeira, a amiga de Paschoal Carlos Magno, a menina que fazia teatro em casa, no colégio. Que foi oradora de improviso, Princesa da Primavera, funcionária de Vinícius de Moraes. Mãe Chica tem uma história que dá conta de uma tese inteira, gostaria

eu de registrar na escrita as diversas imagens desta grande mulher que desempenhou mais de cinquenta personagens, sempre imputando em cada um a força ancestral e derrubando as barreiras do racismo estrutural. Colocando em cada personagem a marca da mulher de axé que sempre foi, e de cabeça erguida ocupando os espaços que podia, sem perder a humildade e a serenidade, tão peculiares para uma filha de Iansã.

Esse ano de 2022 ela foi homenageada pela Escola de Samba Cubango - GRES Acadêmicos do Cubango, com o tema “O Amor Preto Cura - Chica Xavier, a Mãe Baiana do Brasil”, onde parte de sua história foi transmitida no maior espetáculo carnavalesco do estado do Rio de Janeiro, ousou dizer, como carioca, que do Brasil.

A vida profissional, espiritual, afetiva, familiar foi representada no desfile, foi a primeira vez que saí em um carro alegórico, a emoção foi muito grande em poder participar do desfile enquanto integrante da Irmandade do Cercado de Boiadeiro. Estar lá e sambar e cantar em homenagem à ela e ver tantas pessoas ao longo da avenida aplaudindo a homenagem, cantando conosco foi uma experiência incrível demais.<sup>81</sup>

Sim, ela arrebatou vários fãs e amigos ao longo de seus 88 anos de existência, como mulher negra, culta, Yalorixá casada e com três filhos. Salve Chica Xavier! Salve Mãe Chica, a Mãe Baiana do Brasil!!

## 2.2 - Maria Neide Martins - Mãe Neide Oyá D’Oxum

Maria Neide Martins - Mãe Neide Oyá D’Oxum, nasceu em 16 de maio de 1962 na cidade de Arapiraca, no Quilombo Carrasco, Alagoas, filha de João Sebastião Martins e Antônia Rocha Martins. Casada há 35 anos com Miltom Batista de Souza, é mãe de quatro filhos, João Paulo, Janaína, Miltom Junior e Luzia Clara.

Mãe Neide Oyá D’Oxum começou a ter ‘problemas de desmaio’ aos nove anos de idade e depois de ser levada para vários médicos sem diagnóstico que justificasse, a avó materna Cecília levou-a a um rezador em Arapiraca, Senhor Manoel Malaquias, como relatado por ela:

Minha mãe não aceitava nada que fosse fora da igreja católica, mas minha avó era chegada à espiritualidade, lembro que ela falava do coco da jurema, de Seu Zé Pilintra. Foi ela que me levou para um curador, lembro que me

---

<sup>81</sup> Vídeo disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=f4r3YyImpfY> e <https://g1.globo.com/rj/rio-de-janeiro/carnaval/2022/noticia/2022/04/19/cubango-veja-o-enredo-e-cante-o-samba.ghtml>

deitaram em uma esteira, rodeada de comidas e com trançados na cintura e nos braços, que eu depois descobri que era contra egum. Mas ele disse que depois que eu ficasse mocinha não teria mais como ‘segurar’. Tudo voltou quando eu menstruei com 10 anos e pouco, eu saía do ar, eu tinha medo de dormir sozinha porque via pessoas e passos. Quando eu fiz 13 anos minha tia Marina falou para a mamãe que precisava cuidar da minha parte espiritual. Mamãe falou que preferia me ver morta a me ver metida em macumba, porque era coisa do demônio. Então fui me virando como podia, escondida da mamãe. (Entrevista de Mãe Neide concedida no dia 20 de agosto de 2021, no Cercado de Boiadeiro)

Para driblar a resistência da mãe católica fervorosa, Mãe Neide contou com pessoas importantes na cidade de Arapiraca. Ela conseguiu se iniciar no Kardecismo aos 16 anos, no ano de 1978, no Centro Companheiro de Emanuel, em Arapiraca. Em relação ao ingresso de Mãe Neide no Kardecismo, ela explica:

Minha mãe era muito intolerante, preconceituosa e a Dra. Maria Goreth que era cardiologista tinha uma admiração muito grande por mim, pelo trabalho social que comecei a desenvolver em Arapiraca. Ela era palestrante no Kardecismo, então como minha mãe não me deixava ir para o terreiro, eu ia para o centro, não que ela concordasse, ela fingia que não sabia. Esta mudança religiosa foi originada a partir do conhecimento que a espiritualidade me deu, porque minha avó paterna, Maria Madalena dos Anjos foi internada em um hospital psiquiátrico, o Juquiri, em São Paulo, porque ela ouvia vozes. Naquela época, em uma família como a nossa, essa coisa de ouvir vozes era sinônimo de loucura. Aí, quando eu comecei a ouvir essas vozes, fui procurar um centro, lá eles me disseram que eu era médium e para não ficar como a minha avó, decidi continuar na vida espiritual. (Entrevista de Mãe Neide concedida no dia 20 de agosto de 2021, no Cercado de Boiadeiro)

Mãe Neide seguiu na Federação Espírita Alagoana no ano de 1981, dirigida na época pelo professor Coelho Neto. Neste mesmo ano passou a residir em Maceió, na rua Ari Pitombo, Trapiche.

Em 1983 começou a trabalhar na emissora extinta TVS – atual SBT, onde conheceu Sabino Romariz, que era apresentador do Programa a Vez do Povo na TV, e ele convidou-a para uma festa na casa de Mãe Celina. Mãe Neide conta que um dos primeiros terreiros que ela foi a Maceió, foi o terreiro de Pai Júlio Alexandre no Trapiche da Barra, e que a pombagira Maria Padilha que ela recebe, pegou-a e só foi embora quando a festa acabou. “Cheguei toda arrumada, de meia fina e salto alto, saí com a meia rasgada, cheirando a cerveja..(risos).”

Mas a minha Oxum escolheu foi a casa de Mãe Celina de Oxalufã, situada na Rua Cabo Reis, 30, no bairro Ponta Grossa, em Maceió, (Yalorixá que retornou ao Orun aos 104 anos, no dia 28 de abril de 2020), dando seus primeiros passos na sua nova missão, abraçando-a com dedicação e afinho. Com Mãe Celina Mãe Neide se dedicou à religião e relata:

Com ela eu aprendi o que é o santo, fui orgulho dela, pois a minha dedicação era integral. Eu largava tudo quando ela me convocava, sem pensar duas vezes. Ela confiava em mim e dizia que eu ia ser a Mãe Pequena dela, mas o meu Orixá e Vovó Maria Conga me mostraram o caminho que eu tinha que seguir. E eu segui e minha vida foi melhorando. (Entrevista de Mãe Neide concedida no dia 20 de agosto de 2021, no Cercado de Boiadeiro)

Anos depois, em 1988, orientada pela sua Preta Velha vovó Maria Conga, abriu sua casa no bairro da Cambona, também em Maceió, com o nome Centro Espírita Santa Bárbara, concretizado através do recebimento de seu próprio Deká<sup>82</sup>. Como os projetos são traçados por Oxalá e a espiritualidade assim o quisera, o Centro foi transferido para o bairro Village Campestre II. Em entrevista realizada no dia 28 de agosto de 2021, Mãe Neide ratificou o que havia relatado em 2017, que a Umbanda a chamou.

Foi através de um dos conselhos da Vovó Maria Conga que Mãe Neide Oyá D'Oxum deu início às atividades do terreiro que hoje leva o nome de Grupo União Espírita Santa Bárbara, estruturado em torno da fé, da caridade e do respeito, um dos mais reconhecidos terreiros de Umbanda de Alagoas<sup>83</sup>.

Com instalação humilde no início, Mãe Neide, nem de longe imaginava a luta que estava por travar, no sentido de praticar a sua religião em um bairro na periferia de Maceió, e o quanto contribuiria para a preservação e a difusão da cultura afro-brasileira.

Antes de descrever, um pouco, a atuação da Yalorixá enquanto pessoa pública, é necessário elencar alguns detalhes acerca do caminho espiritual por ela percorrido.

Retomando ao que foi citado em parágrafo anterior, Mãe Neide fez a sua iniciação na Umbanda pelas mãos da Yalorixá Mãe Celina de Oxalufã, Yalorixá que atuou na preservação das tradições da Umbanda traçada com o Nagô em Alagoas. Segundo a oralidade presente no

<sup>82</sup> A entrega do deká é o ápice da iniciação no Candomblé, e no Terreiro de Mãe Celina esse ritual era praticado. Após os sete anos de iniciação, o até então Yaô deverá fazer sua obrigação correspondente e, se tiver em seu destino a função de abrir uma nova Casa, receberá o seu **deká**. Na Nação Nagô é uma bandeja com os objetos sagrados.

<sup>83</sup> Depoimento disponível em Igor Luiz Rodrigues da Silva e Claudia C. R. Puentes. “Um Encontro de Fé e Adoração às Santas Almas: Percepção antropológica em torno da representação dos Pretos-Velhos no Grupo União Espírita Santa Bárbara Memória” In: III COPENE SUL – Negros e Negras do Sul do Brasil Desenvolvimento, Patrimônio e Cultura Afro-brasileira. Florianópolis. Anais do Congresso - ISSN: 2447-3766. UDESC, 2017.

GUESB, fonte de toda sabedoria e memória ancestral, Mãe Celina de Oxalufã, teve como Pai de Santo, Vô Rubilio, descendente direto do Quebra de Xangô de 1912. Uns dizem que ele seria filho de santo de Tia Macerlina, que morreu após o episódio do dia 02 de fevereiro de 1912, como também citado anteriormente nesta pesquisa. Outras fontes orais, demarcam que Vô Rubilio, não seria filho de santo, mas neto de santo de Tia Marcelina.

Neste sentido, nós do GUESB, levando em consideração essas narrativas, somos a quarta ou quinta geração direta que descende de Tia Marcelina e do Quebra de Xangô de 1912. Fato este que embora não tenha documentação, é considerado verdade por Mãe Neide e por todos nós que fazemos parte do GUESB. Como relatado por ela:

Minha filha, nós não temos nada escrito, os nossos mais velhos não sabiam escrever. E nós sempre aprendemos que a palavra é o que importa, nossa história é contada e cantada, pelos nossos pais, nossos avós e todos os que vieram antes de nós. Passando assim de uma geração para outra, sem duvidar do que é falado, pois a palavra é o maior presente do Orum. Minha mão Celina ouviu e nos contou, eu ouvi e conto para vocês. Essa é a nossa história e nós devemos honrar. Somos herdeiros daquela que mesmo apanhando, não perdeu a fé e o saber. [Relato de Mãe Neide em entrevista concedida a esta pesquisadora em 22 de julho de 2022]

Mãe Neide sempre foi a filha predileta de Mãe Celina, fato este verbalizado por ela inúmeras vezes, inclusive no dia em que ela esteve na Serra da Barriga, levada por Mãe Neide para realizar o sonho de estar na terra da liberdade.

Com o desencarne de Mãe Celina de Oxalufã, todos os objetos e acervos rituais e litúrgicos que estavam em seu terreiro, foram levados para o GUESB, uma vez que Mãe Neide é a herdeira de Mãe Celina, por vontade dela (Vó Celina) e confirmada pela Oxum de Mãe Celina. Esta herança tem para Mãe Neide o significado da continuidade de uma tradição religiosa que se que remonta ainda ao período escravocrata.

Tudo o que foi de Mãe Celina tem uma história, um significado, algumas coisas aprendi com ela e outras com a espiritualidade. Será tudo bem guardado e um dia vou inaugurar um memorial ancestral, com todas as peças que fazem parte da minha, da nossa história. [Relato de Mãe Neide em entrevista concedida a esta pesquisadora em 16 de maio de 2020]



**Imagem 5 - Imagens que pertenciam a Mãe Celina.  
10/01/2022**

**Fonte: Acervo Igor Luiz**

As funções espirituais de Mãe Neide são extensas e intensas, pois como já citei anteriormente, ela tem o dom de mesmo ante às maiores dificuldades da vida agradecer a Deus e aos Orixás por tudo o que acontece. Poderia eu então escrever sobre diversas passagens, às quais estive presente e outras, nas quais trabalhei com ela, mesmo estando longe fisicamente. Coisa que só quem é da religiosidade pode compreender e, em se tratando de um estudo científico, não caberá aqui discorrer acerca das minhas experiências religiosas junto a Mãe Neide. Uma vez que com ela aprendi não só sobre o Xangô do Nordeste, que não conhecia, mas também sobre a Jurema e também, características que são pertinentes à formação dela enquanto religiosa e a minha, sendo ambas transmitidas somente pela oralidade e não transcritas em um estudo.

O objeto deste estudo, a Jurema Sagrada do GUESB será tratada na sessão seguinte. Contudo, empreendo aqui um convite a quem tiver a oportunidade de leitura desta pesquisa, que realize uma busca com o nome dela na internet. Um grande número de matérias, estudos compõem um pouco da história de minha Mãe Neide.

Retomo aqui a atuação de Mãe Neide na área sociocultural de Alagoas, pois o trabalho social da jovem Maria Neide teve início quando ela tinha apenas 17 anos e começou a trabalhar na Prefeitura de Arapiraca, mais exatamente, na Secretaria de Urbanismo, que na época tinha o Vice-Prefeito Claudício Barbosa como Secretário, como relatou:

Eu ficava o dia todo atrás de uma mesa, sem ter muito o que fazer, e a Secretaria recebia os garis que chegavam em uma caçamba de caminhão. E de lá eles eram distribuídos para fazer os trabalhos nas ruas, era eu que recebia eles. Teve um dia de manhã que uma senhorinha começou a conversar comigo dizendo que tinha ido trabalhar a pulso,” eu tomo conta dos meus netos porque minha filha está presa, eu deixei eles sozinhos em casa”, aquilo ficou na minha cabeça. Na mesma rua tinha uma casa da Prefeitura, velha, fechada, na Avenida do Futuro que hoje tem casas maravilhosas em Arapiraca, mas na época era uma rua nova, projetada, e tinha muito mato. Quando foi um dia eu pensei, essa casa poderia ser uma escolinha para esses meninos, filhos dos garis, estudarem e eu fui pedir ao Secretário. Ele perguntou por que eu queria a casa e eu expliquei, mas ele disse que a Prefeitura não tinha dinheiro para isso, como vai se manter essa escola? Aí eu tive a ideia de pedir ajuda no comércio, não em dinheiro, mas com as coisas que precisava ter para receber as crianças e elas passarem o dia. E aí deu certo, foi dando certo, eu pedia para os amigos do meu pai que eram fazendeiros que doavam leite, pedia arroz, farinha, macarrão, açúcar nas distribuidoras de alimentos. Aí eu pedi a ele duas mães para ajudar na creche, aí ele disse que não tinha dinheiro, aí eu falei que ele podia remanejar duas mulheres que trabalhavam como garis para ajudar e eu ensinar elas a cozinhar e a cuidar. Ele cedeu duas, mas duas não davam conta, a escolinha virou creche, porque as crianças ficavam o dia inteiro e foi crescendo, ele foi obrigado a contratar mais mulheres, foi assim que Maria Neide Martins começou. E foi com essa creche que a Prefeitura ganhou mais visibilidade, as rádios iam lá para entrevistar e mostrar o trabalho que era feito, mas foi muita luta para iniciar<sup>84</sup> (Entrevista com Mãe Neide concedida no dia 20 de agosto de 2021, no Cercado de Boiadeiro).

Mãe Neide relata que quando foi morar no Village Campestre II não havia muitas casas no bairro e as poucas que existiam eram construídas de forma humilde, algumas de madeira, com um número expressivo de famílias oriundas do sertão, em sua maioria constituídas por operários que trabalhavam na construção civil e suas famílias. Com mulheres e crianças que ficavam ociosas durante o dia, sem área de lazer ou ocupação que lhes permitisse vislumbrar uma melhoria de vida.

Associando as atividades religiosas à importância de atender à comunidade e a disseminar a culturalidade afro-brasileira, Mãe Neide passou a desenvolver atividades de fortalecimento da autoestima e autonomia financeira na comunidade. Durante algum tempo, Mãe Neide, que também é costureira, percebendo a falta de emprego das mulheres do entorno do terreiro, teve a ideia de convidar essas mulheres para produzir roupas com retalhos de

---

<sup>84</sup> Declaração de Mãe Neide coletada durante entrevista realizada na cozinha da Vovó Maria Conga no dia 07 de junho de 2021.

tecidos, conseguidos através de doação de alguns ateliês da cidade. Com o grupo de mulheres formado, produziram biquínis, que eram vendidos durante o verão nas praias de Maceió.

Aos poucos, conseguiram renda suficiente para comprar mais uma máquina e o negócio começou a dar lucros, culminando com a inauguração da Grife “*Maria Farrapo*”.

Eu comecei a arrecadar tecidos de algumas fábricas que conhecia e trazia para casa para costurar roupas para as minhas crianças, naquela época eu já tinha dois, aí pensei em chamar as vizinhas e ajudá-las a fazer roupas para os filhos delas. Começava aí, em meados de 1980 o trabalho social no Village Campestre II. (Entrevista de Mãe Neide concedida no dia 20 de agosto de 2021, no Cercado de Boiadeiro).

As mulheres que trabalhavam na confecção dessas peças, em sua maioria tinham mais de um filho e as atividades do ateliê e o sucesso da grife culminam com o surgimento do Inaê, que desde o seu nascimento atendeu à demanda dos filhos destas costureiras, que não tendo onde deixar suas crianças as carregava para o espaço de trabalho. Surge, então, a ideia de ocupar as crianças com algum tipo de atividade recreativa, que ela foi agregando com o trabalho voluntário de filhos e filhas de santo, clientes e amigos. Isso, não apenas chamou a atenção das crianças filhas das costureiras, mas também das crianças e das mães do entorno do GUESB que, naquela altura, já não era somente conhecido como o terreiro, mas também, como o lugar que dava cursos gratuitos e que recebia a todos indistintamente.

Neste período ocorreu uma convergência com o trabalho espiritual, de grande importância para todos do terreiro de Mãe Neide, pois após a enchente do ano de 2000, que assolou Alagoas e destruiu boa parte da estrutura física que havia, Mãe Neide conseguiu finalmente reestruturar o GUESB. Então, em 13 de setembro de 2003, é reinaugurado o Grupo União Espírita Santa Bárbara (GUESB), em uma solenidade que contou com a participação de diversas autoridades e de Mãe Chica Xavier, como citado na sessão introdutória desta pesquisa. Mãe Chica foi então apresentada à comunidade, religiosa e cultural presente no dia, como madrinha da entidade. Em relação a este fato, de ela ser madrinha do GUESB, Mãe Neide declarou:

Nossa sintonia foi muito grande, desde o primeiro olhar que cruzamos, ela era muito mais do que se via nas telas de TV, ela era puro amor. Ao adentrar no salão do GUESB, a emoção e a espiritualidade tomaram conta de mim, senti Mãe Oyá sussurar no meu ouvido [...] foi Ela quem me disse que Mãe Chica seria a madrinha do GUESB. (Entrevista de Mãe Neide concedida a esta pesquisadora no dia 20 de agosto de 2021, no Cercado de Boiadeiro).



**Imagem 6 - Mãe Chica e Mãe Neide na  
ICERBO.  
Julho/2018  
Fonte: Acervo Mãe Neide**



**Imagem 7 - Mãe Chica e Mãe Neide no  
GUESB.  
Maio/2016  
Fonte: Acervo Autora**

Nesse mesmo ano, agora contando também com a minha ajuda, Mãe Neide começou a colocar em prática o desejo de ampliar suas ações sociais em prol da comunidade do bairro. Inicialmente, contando apenas com recursos da própria Mãe Neide, foram realizadas oficinas de Capoeira, Teatro, Dança Afro, Corte e Costura e outras, beneficiando um grupo de crianças, jovens e adolescentes.

No processo de criar mecanismos de aceleração do processo cultural dentro da ONG, até aquele momento Grupo União Espírita Santa Bárbara - GUESB, Mãe Neide incluiu o que era chamado por nós de Projeto Inaê e que passou a se chamar *Centro de Formação e Inclusão Social Inaê*. Como relatado por ela em entrevista realizada em 23 de julho de 2022 no Cercado de Boiadeiro:

O meu intuito era o de separar as atividades ligadas aos jovens daquelas desenvolvidas pelo GUESB enquanto terreiro. Muitas vezes o GUESB é chamado para participar de comemorações religiosas e os meninos não são obrigados a participar.

O processo de formalização do Inaê levou mais de um ano, e a legalização do Centro de Formação e Integração Social Inaê, data de 20 de janeiro de 2005, sendo assim instituído para desmembrar as atividades sociais das atividades religiosas, mas que tem suas atividades ligadas ao GUESB, uma vez que a Yalorixá é presidente da ONG.

Sempre em busca de apoiar o próximo, e após ver o sofrimento dos irmãos palmarinos, depois da enchente que devastou o estado de Alagoas, Mãe Neide busca um local para abrir uma sede da ONG em União dos Palmares. Através de uma das parcerias efetivadas por Mãe Neide, a que foi firmada entre o GUESB e o Instituto Feminista Jarede Viana, deu origem a resultados que mudaram a perspectiva que todos nós tínhamos em relação ao município. Com a realização de um geo-diagnóstico no município de União dos Palmares, foi possível obter os números alarmantes que faziam parte do complexo que agregou o antigo presídio. Desativado em meados dos anos oitenta, o presídio foi ocupado por vítimas das enchentes de 1989, e abrigava, em 2009 125 (cento e vinte e cinco) famílias, compondo um montante de 618 pessoas, das quais 353 (trezentos e cinquenta e três) crianças e adolescentes, 80 (oitenta) mulheres e 45 (quarenta e cinco) homens.

Em março de 2010, Mãe Neide inaugura a unidade do GUESB em Santa Fé-União dos Palmares, Alagoas. Com uma pequena casa alugada e contando com o apoio da Prefeitura da cidade, o GUESB levou autoestima e direitos humanos à comunidade através das oficinas de teatro, dança e percussão, atendendo a mais de duzentas e cinquenta crianças e adolescentes. E mais uma vez, Mãe Chica estava ao lado de Mãe Neide para partilhar desse momento tão especial que mudou o cotidiano da comunidade, lembro bem da alegria delas por verem tantas crianças participando da festa de inauguração.



**Imagem 8 - Inauguração do Inaê em Santa Fé - União dos Palmares.**

**10/03/2010**

**Fonte: Acervo Inaê<sup>85</sup>**



**Imagem 9 - Inauguração do Inaê em Santa Fé - União dos Palmares.**

**10/03/2010**

**Fonte: Acervo Inaê<sup>86</sup>**

Em diversos momentos em que pude conversar com Mãe Neide sobre a sua relação com o trabalho social, ela falou que os meninos e meninas do Inaê são como seus filhos de

<sup>85</sup> <http://guesbinae.blogspot.com/2011/12/unidade-santa-fe-realidade-dos.html?m=0>

<sup>86</sup> <http://guesbinae.blogspot.com/2011/12/unidade-santa-fe-realidade-dos.html?m=0>

barriga, que ela quer acolher, dar colo, puxar as orelhas e ver crescer como cidadãos. Em um trecho de nossa entrevista, ela revela:

Sempre que vem um grupo de estudantes, ou jornalista aqui para conversar comigo, eles me perguntam qual é a metodologia aplicada aos integrantes do Inaê, eu respondo que é o acolhimento ancestral, aquele colo de Vó que todo mundo gosta, sabe minha filha? Além do mais, eu sei que tenho a missão de ajudar meus meninos e meninas a se tornarem pessoas de bem, mandar para a escola, mas entender que a escola não oferece tudo. Por isso aqui, nas oficinas, eles têm a chance de aprender e de ensinar depois. Como aconteceu com tantos, até com o meu Juninho, que aprendeu com o Sandro, com o Popó e hoje eles ensinam. (Entrevista com Mãe Neide concedida no dia 23 de julho de 2022, no Cercado de Boiadeiro).

Pela minha vivência com Mãe Neide no terreiro e no Inaê, identifico a preocupação dela ao inserir os jovens que têm passado pelas oficinas no Inaê nas questões socioculturais que permeiam a realidade da população negra alagoana. Após a permanência e formação dos participantes, eles se tornam os monitores e têm participado de oficinas oferecidas por diversos órgãos governamentais para, estarem capacitados a transmitir a outros jovens o conhecimento acerca da verdadeira história do povo brasileiro. Como relatado por Mãe Neide:

Depois da Lei 10639/2003, o governo passou a se preocupar com a nossa cultura, com o nosso povo. E nós que fazemos o Xangô do nordeste, Babalorixás e Yalorixás, temos a obrigação de transmitir o que nós sabemos, o que nos foi deixado por nossos antepassados. Como sempre gostei de fazer coisas diferentes para ganhar o pão de cada dia, me sinto na obrigação de passar o que sei e, de incentivar os mais jovens a fazerem o mesmo. A gente aprende, a gente ensina e precisamos fazer isso com amor, eu faço com gosto. (Entrevista com Mãe Neide concedida no dia 23 de julho de 2022, no Cercado de Boiadeiro).

Dentre as muitas atribuições desenvolvidas pela Yalorixá, oriundas da responsabilidade que tem enquanto sacerdotisa da Umbanda, ela procura novos desafios, costumamos dizer, seus filhos e filhas de barriga e, nós que a acompanhamos mais de perto, que “a Mãe sempre procura fazer mil coisas ao mesmo tempo e faz todas muito bem”. E dentre esses desafios, destaco o de voltar à cadeira de estudante, realizada por ela, com grande incentivo de todos.

Mãe Neide prestou vestibular em uma faculdade privada para entrar no curso de Gastronomia, e entrou. A motivação dela, além do grande desafio que teve para conciliar todas as atribuições foi a de juntar o que havia aprendido e intuído com a ancestralidade para fazer os mais elaborados pratos. Ela estudou para levar à academia o prato do sagrado, as

comidas dos Orixás que ela sempre fez muito bem, e de levar esses pratos também para as mesas profanas. O que podemos comprovar a partir da declaração dela:

Senti a necessidade de aprender mais sobre as técnicas de culinária para poder ensinar e poder contribuir com o meu povo, com a minha família. Não gosto de ficar sentada esperando as coisas acontecerem, gosto de fazer acontecer. Por isso fui fazer faculdade, hoje sou Gastrônoma e levo o que aprendi com meus ancestrais, junto com as técnicas que os professores ensinaram para a cozinha formal. As pessoas acham que nós de terreiro somos burros, pobres e que não temos nada a ensinar, eles não sabem que é aqui que nossas raízes são fortalecidas, como o Baobá. (Entrevista com Mãe Neide concedida a esta pesquisadora no dia 23 de julho de 2022, no Cercado de Boiadeiro).

Mãe Neide sempre teve uma forte atuação no estado de Alagoas, seja dentro do terreiro ou fora dele, mas, a culinária está com ela desde os 15 anos, como ela relatou em entrevista concedida ao chef Guga Rocha do Instituto Brasil a Gosto.<sup>87</sup>

Sou uma dentre os 114 netos de minha Vó Cecília, cozinhar sempre fez parte da nossa vida, faço isso desde novinha. Depois veio a vontade de aprender mais sobre a comida que se fazia nos quilombos e aí eu segui. Naquela época, não tinha essa coisa de chef [...] Sou orgulhosa de ser mulher brasileira, negra e cozinheira. Também sou mãe, resistente, filha de Zumbi”. A cozinha quilombola é onde tudo nasceu. Em liberdade, não na senzala. A comida criada ali não é só alimento do corpo, mas também da alma e da resistência. É o útero do nosso povo brasileiro”

Acredito que dessa sua atuação social e da participação ativa na cultura alagoana tenha advindo a motivação do agraciamento da mesma, pelo Governo do Estado de Alagoas, com o título de Mestra do Patrimônio Vivo do Estado de Alagoas, no ano de 2011.<sup>88</sup> Mais uma vez os laços afetivos foram fortificados pelas Yalorixás, Mãe Chica ao saber da condecoração de Mãe Neide fez questão de estar presente, seus netos Ernesto e Luana e sua filha Christina também estavam presentes para a homenagem à Mãe Neide. Mãe Chica também foi a responsável, a pedido da Secretaria de Estado de Alagoas a entregar o diploma de Mestra do Patrimônio Vivo para Mãe Neide.

---

<sup>87</sup> Entrevista disponível em <<http://brasilagosto.org.br>>, acesso em 27 de setembro de 2022.

<sup>88</sup> Livro de Tombo nº 05, à folha 22 frente, a partir de 03 de agosto de 2011, conforme a Lei nº 6.513, de 22 de setembro de 2004, alterada pela Lei 7.172 de 30 de junho de 2010.



**Imagem 10 - Mãe Neide recebendo o título de Patrimônio Vivo de Alagoas das mãos de Mãe Chica.**

**03/08/2011**

**Fonte: Acervo Autora**

Muito mais poderia aqui ser descrito sobre Mãe Neide, no seu currículo estão diversos títulos e feitos. Ela foi Representante Nordeste no Conselho Nacional de Políticas Culturais, Representante Estadual-Sociedade Civil - Comunidade de Terreiros no CONSEA, é Representante Nordeste na Rede Nacional de Religiões Afro-Brasileiras e Saúde. Recebeu várias Comendas no estado, através do governo e da sociedade civil, além de Comendas Culturais pelo Ministério da Cultura e Fundação Cultural Palmares.

Ela implantou creche no bairro do Village Campestre II, a Creche Curumim, fez parceria com a Secretaria Municipal de Saúde, Ministério da Saúde, implantou a Casa das Janaínas. A creche e a Casa das Janaínas tiveram o funcionamento regular até o ano de julho de 2017.



**Imagem 11 - Crianças da creche brincando**  
**12/10/2015**

**Fonte: Acervo Autora**



**Imagem 12 - Mãe Neide e as crianças da creche**  
**28/09/2015**

**Fonte: Acervo Autora**

Mãe Neide firmou parcerias com Institutos de renome nacional para aplicação de oficinas permanentes destinadas à comunidade, concluiu pós-graduação em Culinária Brasileira, é Embaixadora da Gastronomia em Alagoas, enfim, um leque rico para descrever as ações de Mãe Neide Oyá D'Oxum. Mas a que mais a representa, para mim e para muitas outras pessoas, é a mulher de fé que ela é, e foi por ser desta forma que ela e Mãe Chica se conheceram e começaram a amizade que permitiu o meu trânsito entre elas. Este e os outros trânsitos serão detalhados na sessão quatro, intitulada **Yalorixás, os trânsitos e a política de alianças entre as casas religiosas.**

### 3. O CULTO DA JUREMA SAGRADA NA ICERBO E NO GUESB

Considero importante destacar, como já fiz anteriormente, que a Jurema Sagrada, da forma como é realizada na ICERBO e no GUESB, não foi por mim encontrada em estudos anteriores que destacam a Jurema como o complexo mágico religioso (Brandão e Rios, 2001; Assunção, 2010; Pinto, 1995) onde estão presentes aspectos tais como: a juremação como ritual mais simples, porém de muita ciência, que consiste na implantação de uma semente da árvore sagrada no corpo do discípulo, por baixo da pele (Brandão e Rios, 2001, p. 172). Também não é encontrada nos terreiros por mim estudados a separação descrita por Luiz Assunção, do que é da Jurema daquilo que é dos Orixás:

A organização do peji é feita por meio de uma divisão, separando o que é dos orixás e o que é da “jurema”, isto sempre em qualquer situação, seja no salão ou no quarto. Quando o peji está localizado no salão, ele é arrumado de modo que as imagens dos santos católicos e orixás fiquem separadas das imagens da “jurema”, e, como esses pejis são construídos geralmente em níveis diferentes, os primeiros ficam na parte superior, enquanto as representações da “jurema” ficam na parte inferior. (ASSUNÇÃO, 2010, pp. 155-156)

Nas práticas da Umbanda das Yalorixás Mãe Chica, Mãe Neide e Mãe Luana não há doutrinação de espíritos de pouca luz como característica fundamental da Jurema, como encontramos descrito na dissertação de Clélia Pinto:

Na concepção do transe umbandista, a jurema é vista como uma prática que tem como finalidade ajudar os espíritos não evoluídos. O umbandista tem como missão doutrinar estes espíritos para que se tornem espíritos de luz, não precisando mais incorporar. (PINTO, 1995, p. 168)

A Jurema Sagrada apresentada neste capítulo - da forma como é praticada nos terreiros supracitados -, embora contenha elementos simbólicos que provavelmente sejam oriundos de intercâmbios com o Candomblé, a Umbanda e suas variações, além de elementos da religião Católica, é tomada por mim e compreendida como única.

A Jurema Sagrada aqui descrita é a prática juremeira constituída pela minha caminhada, meu trânsito nos terreiros supracitados, com a qual construo uma narrativa biográfica. Ainda que a bibliografia encontrada constitua meu referencial teórico, destaco que a Jurema Sagrada de Mãe Chica e de Mãe Neide não está enquadrada na referida bibliografia.

Longe de querer, com isso, apresentar apenas mais uma variação possível de ritual e culto à Jurema, colaborando assim com algum tipo de inventário da prática juremeira e ampliando o quadro da literatura especializada sobre o tema, ao destacar a variedade da prática que aqui apresento, meu intuito é, mais exatamente, o de chamar a atenção para a importância do trânsito como elemento fundamental para a continuidade e a vitalidade da Jurema.

Neste ponto é necessário ratificar que meu foco é o de demonstrar a Jurema Sagrada das Yalorixás desenvolvida através de linguagens ancestrais e afetivas. Entendo que na prática da Jurema Sagrada realizada por Mãe Chica e Mãe Neide, há a troca de saberes das Yalorixás, sendo estes perpetuados por mim e por Mãe Luana Xavier.

Em conversa com Clementino<sup>89</sup>, ele ressalta o significado desta pesquisa, enquanto autobiografia que descreve a minha relação religiosa com Mãe Chica e com Mãe Neide. Assim como a relação de Mãe Luana Xavier como religiosa e neta de Mãe Chica e filha-de-santo de Mãe Neide, herdeira do Cercado, mãe-de-santo e conselheira de todos nós, inclusive minha, que necessito exercitar, permanentemente, a ‘separação’, enquanto pesquisadora, separar a minha relação religiosa da minha relação afetiva com a família de Mãe Chica e de Mãe Neide. Entendendo aqui que esta separação é necessária para que eu tenha cuidado, para que a minha relação afetiva não naturalize práticas e conceitos citados nesta pesquisa, impossibilitando uma visão crítica. Nesta entrevista ressaltar que minha orientadora está sempre atenta aos detalhes, chamando a minha atenção, pois enquanto pesquisadora preciso elucidar para o leitor todas as questões que para mim são comuns, corriqueiras e, portanto, passíveis de naturalização.

### 3.1 - Características do Cercado do Boiadeiro - estrutura física

É importante destacar que o bairro de Sepetiba é confundido com município, mas faz parte da zona oeste da cidade do Rio de Janeiro. De tão longe que fica do centro do Rio, às vezes até eu penso que estou viajando para outra cidade, as pessoas acham mesmo que Sepetiba é outro município<sup>90</sup>. Ao adentrar na Rua Capitão Hélio, que hoje está asfaltada, mas que durante anos era apenas de terra batida, nos deparamos com um extenso muro branco no qual se destaca o número 48 e, na sequência, o número 50.

---

<sup>89</sup> Clementino Luiz de Jesus Junior, filho caçula de Mãe Chica. Meu irmão de santo, pois me iniciei na Umbanda de Mãe Chica com ele, como citado na sessão introdutória, cineasta e Doutor em Educação.

<sup>90</sup> Fala de Izabela, coletada em situação de entrevista realizada em 23 de julho de 2022.

A entrada no portão do número 48, assim nós chamamos, dá acesso ao primeiro terreno comprado por Mãe Chica e Kelé, como citado no relato de Izabela no capítulo na sessão dois - **Um breve perfil das Yalorixás fundadoras**. Para quem está na calçada, chama à atenção o pé de akokò que passa e muito da altura da maioria das árvores na vizinhança. Esta árvore sagrada, também conhecida como a árvore de Oxossi, está relacionada à prosperidade e como ligação entre o Orun e o Ayè, dependendo do culto ancestral. Na Umbanda de Mãe Chica ela é sagrada e muito usada em vários rituais.

Atualmente, neste endereço há a casa onde mora tia Neném<sup>91</sup>, e na parte de cima tem a casa de Izabela. Ao lado direito de quem entra no número 48 está a Casa de Exú, a mesma que Izabela (Bela D'Oxossi como descrito na sessão introdutória) relatou ter sido a primeira construída no terreno. Seguindo por um caminho de cimento batido em meio às árvores e plantas diversas, somos levados ao frondoso pé de Mandacaru que tem mais de três metros de altura e que fica em frente à entrada principal do salão do Cercado.



**Imagem 13 - Akokò**  
14/07/2022  
Fonte: Acervo Autora



**Imagem 14 - Mandacarú**  
14/07/2022  
Fonte: Acervo Paulo - PH

---

<sup>91</sup> Prima e Comadre de Mãe Chica, que veio de Salvador para o RJ em meados de 1990 e está até hoje na família com 88 anos.

É neste portão que a vizinhança tem acesso à casa da família que está sempre interagindo com a população, seja nas antigas festas do dia das crianças ou nas ações em prol da melhoria da qualidade de vida da comunidade, a exemplo do Badar, uma modalidade de bazar, mas onde nada é vendido e sim doado, uma idealização de Izabela. O Badar foi pensado como uma ação para minimizar os impactos socioeconômicos enfrentados pela vizinhança, especialmente com doação de roupas, sapatos e livros. Mas não é um bazar qualquer, como relata Izabela:

O BADAR tem a ver com uma filosofia de vida, que eu herdei da minha Avó Dionisia, minha Mãe Chica Xavier, herdou dela, e eu da minha mãe: Por menos que você tenha, você sempre tem algo que possa dividir ou compartilhar. Isso é o BADAR.

Não é o "toma aí, porque eu não quero mais", é o gesto do "pra que eu vou acumular, se eu posso fazer circular, sem me fazer falta".

O BADAR não mata fome, eleva a autoestima.

A pessoa chega com a sandália grampeada e sai com um par novo ou seminovo e feliz. Já demos bicicleta, livros, smoking, ternos completos, roupas do Axé, bolsas, casacos de couro, casacos de pele sintética, roupas de cama, roupas de criança, conjuntos pra quarto de bebê, guitarras, brinquedos, violões e por aí vai..

Seguindo pelo quintal temos a biblioteca Dom Kelé do lado esquerdo e a casa que chamamos de Sobrado em frente, com sua varanda, que serve de apoio ao Cercado. Nesta varanda há uma porta de ferro que dá acesso ao salão do Cercado de Boiadeiro, onde há outras três portas: a porta que dá acesso ao espaço onde encontramos a juremeira, que também é uma porta de ferro; uma porta de madeira que dá acesso ao quarto do santo, e a terceira porta, do tipo sanfonada, que dá acesso ao quartinho onde ficam guardados alguns dos utensílios usados no Cercado.

Colado à pequena área, ao lado do salão principal onde está plantada a árvore da Jurema, a Juremeira cantada nos pontos do Cercado de Boiadeiro, parte integrante do ritual objeto deste estudo, avistamos um quarto de paredes brancas com palha da costa na porta de madeira, é o Peji de Pai Omulu.

Adentrando no salão, um espaço pequeno medindo cerca de doze (12) metros quadrados, encontramos o altar contendo várias imagens, sendo a do Caboclo Boiadeiro a que está à frente de todas. Há também imagens talhadas nas paredes e flâmulas com imagens de Orixás e de santos católicos; ao fundo encontramos outra porta que dá acesso ao quarto do santo, onde estão guardados os assentamentos de filhos/as da casa. Ressalta-se que a janela

proporciona aos que lá estão, não só a ventilação, mas também a vista da juremeira e do mandacaru.

### 3.2 - Abrindo os trabalhos na Irmandade do Cercado de Boiadeiro

#### 3.2.1 - Sob a gestão da Yalorixá Mãe Chica Xavier

A ICERBO, como já citado algumas vezes neste estudo é uma irmandade, a parte fundante dos participantes é da família de Mãe Chica e Kelé, irmãos, primos, sobrinhos e afilhados/as, além das pessoas da família, os amigos e amigas podem ser convidados e, com a frequência, passam também a fazer parte da Irmandade. Como Sepetiba fica na zona oeste da cidade do Rio de Janeiro, é comum para as pessoas que não moram lá irem à véspera das sessões. Com isso algumas começam as funções pertinentes ao desenvolvimento da sessão antes mesmo de chegar lá, eu, por exemplo, era a responsável por comprar as flores no mercado municipal do Rio, mais conhecido como CADEG e levar comigo na véspera. Outros levam ervas para o preparo do banho e velas além de seus pertences e dos que os Orixás e Entidades usam na sessão.

Como a sessão de Caboclo com a festa da Jurema Sagrada é realizada no dia 05 de julho, o preparo é feito no dia 28 de junho, e os/as filhos/as que não moram em Sepetiba chegam na véspera, dia 27 de junho. Na manhã do dia 28, começam os preparativos e Antonio é o encarregado de abrir, no espaço da juremeira, o local onde a bebida será enterrada. Para abrir o buraco ele utiliza uma ferramenta comum, a escavadeira manual, e deposita a terra que retira ao lado do buraco. Esta terra é que irá cobrir o recipiente com a bebida, que é um grande porrão de barro com tampa do mesmo material, espécie de jarro chamado de porrão na ICERBO, com aproximadamente 80 cm de altura e com a boca de uns 25cm.

Para iniciar o preparo da jurema, são necessários vinho, mel e as ervas, mas tudo foi colocado no salão no dia anterior ou no mesmo dia, pois as pessoas que chegam na ICERBO devem tomar seu banho normal e depois o banho de ervas. Só depois deste estágio de limpeza podemos mexer no sagrado. Há tempos atrás, quando tia Neném<sup>92</sup> tinha saúde, hoje ela tem

---

<sup>92</sup> Jacira Alves Ramos, recebeu esse apelido de sua irmã Gildete, acolhidas pela comunidade que tinha por patriarca Sr. Oswaldo Luiz de Jesus, (pai de Kelé). Conhecedora de ervas medicinais, excelente cozinheira, veio para o Rio de Janeiro definitivamente há mais 37 anos para devolver um laço que Caboclo Boiadeiro havia enviado para ela. Tornou-se Mãe Criadeira do Cercado, aquela que cuidava de tudo e de todos, cuidou de Luana Xavier e de Oranyan Queiroz de Jesus, filho de Bela D'Oxossi.

88 anos, era ela quem providenciava as ervas e preparava o banho para todos. Nos últimos dez anos, quem faz essa tarefa é Mãe Luana ou a mãe dela, Christina, porque mora lá, ou ainda a médium Bia. As ervas mais comumente utilizadas para o banho são abre caminho, vence demanda, arruda e guiné. Sob o olhar atento de tia Neném, as folhas são destacadas dos galhos e depositadas em uma bacia de ágata ao som de cânticos:

Pai Ossain das matas  
 Eu venho para lhe louvar  
 Ewé, ewé, ewé  
 Pai Ossain das matas  
 Eu venho para lhe louvar  
 Saravá o rei das ervas  
 Filho de pai Oxalá  
 Saravá o rei das ervas  
 Filho de pai Oxalá

Em seguida é acrescentada a água na bacia e as folhas são maceradas e os cânticos continuam, até que todo o axé vegetal, que é o sumo das folhas seja extraído. Após esse ritual o banho é colocado em um balde específico para o banho e, disponibilizado para que os/as filhos/as retirem a parte que vão utilizar, normalmente com uma caneca de ágata, levam para o banheiro e após o banho normal tomam o banho de ervas e vestem as roupas, normalmente brancas e estão preparados para o ritual.

Cabe aqui reportar ao leitor que estes procedimentos compõem o ritual da Jurema antes do desencarne de Mãe Chica, e teve continuidade com a reabertura da ICERBO neste ano de 2022. Contudo a descrição primeira será da realização da Jurema quando Mãe Chica ainda estava entre nós.

O sino é tocado por Christina e a cantiga para dar início ao preparo da Jurema na Irmandade do Cercado de Boiadeiro ecoa no quintal da ICERBO aos pés da árvore do mesmo nome, com Mãe Chica, filhos e filhas cantando:

Salve a folha da Jurema!!  
 Salve todo o Juremá!!!  
 Todo Caboclo é Oxossi, filho da cobra coral !!!  
 Todo Caboclo é Oxossi, filho da cobra coral !!!  
 Ê ê ê, ô Jurema, ê ê á!!!  
 Ê ê ê, ô Jurema, ê ê á!!!

Aos pés da juremeira, neste caso a árvore, é acesa uma vela comum junto a um copo de água para firmar a jurema e pedir licença. Este ato de firmar, para nós do Cercado exerce a

representação de saudação e de pedido para que a Jurema atraia os bons espíritos que se encarregarão de tornar a bebida um bálsamo para quem bebê-la. A vela e a água também simbolizam o pedido de consentimento à mãe natureza e aos Orixás para a extração da casca da juremeira que será utilizada no preparo da bebida. Diferentemente do que encontramos em estudos já realizados por outros pesquisadores, nos quais a bebida jurema é feita a partir da raiz da árvore jurema preta, como citado em Roberta Campos e Michelle Rodrigues (2013)

Além da estrela do Rei Salomão, outros objetos litúrgicos compõem a mesa da jurema, seu altar ou peji: a princesa, um recipiente com água ou o vinho da jurema, nome dado à bebida feita através da raiz ou da casca maceradas da jurema preta. (CAMPOS e RODRIGUES, 2013, p. 272)



**Imagem 15 - Juremeira com parte da casca retirada**  
**Fonte: Documentário Jurema de Clementino<sup>93</sup>**

No início dos trabalhos há uma prece inicial que é dita em voz alta por Luana de Iansã, mas que não pode ser aqui transcrita. Em seguida o Ogã Ernesto defuma a ICERBO, cuidando para que a fumaça se espalhe em todo o ambiente. A composição do defumador foi assim descrita pelo Ogã: “Enquanto a fumaça penetra no ambiente, o poder do alecrim, do benjoim e da alfazema, os outros elementos estão no segredo da Vovó, ela vai limpando, retirando a energia negativa”.

Após o defumador ter passado em todos, os ingredientes são colocados em uma mesa lateral ao círculo que é formado por Mãe Chica, Kelé, tia Neném, Izabela e Christina, tendo no meio a grande panela de alumínio que servirá para misturar os ingredientes. Clementino,

<sup>93</sup> Disponível em: <https://imaginariodigital.org.br/visoes-perifericas/2015/filme/jurema>

Luana e Ernesto ficam sempre em pé para entregar à Mãe Chica (hoje entregam à Mãe Luana) os ingredientes aos que estão dispostos na mesa.

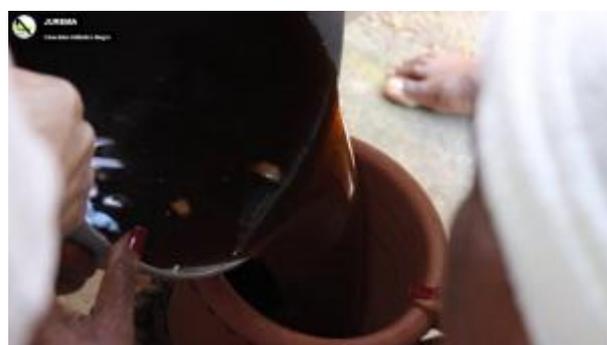
A sequência da adição dos ingredientes é comandada por Mãe Chica com o auxílio da família e de outros membros da Irmandade. As garrafas de vinho são abertas por Izabela, desde que eu faço parte da ICERBO e, segundo relatado por ela, antes quem as abria era o tio Clóvis, irmão de Kelé, desencarnado há mais de 30 anos. O vinho é derramado na panela de alumínio e são inseridos ali os outros ingredientes, alguns podem ser aqui revelados, como a água, o mel e a casca da juremeira. Os outros ingredientes compõem o segredo da Jurema, como já dito anteriormente, não podem ser descritos aqui.

É a partir deste momento todos da família ICERBO estão no entorno deste círculo, sempre em atividade construtiva, depositando os ingredientes e arrumando os pratos e tigelas que guardavam os ingredientes utilizados no preparo da bebida.

Enquanto os ingredientes são misturados, os cânticos continuam sendo entoados por todos os presentes: “Lá na Jurema, debaixo do pé de Ingá, aonde a lua clareia a Jurema para os caboclos passar. Jurema, jurema, olha o seu juremá”. A esta altura, os caboclos, Entidades da Jurema, tomam posse dos médiuns. Caboclo Pena Branca, Sete Flechas, Pedra Lascada, Gentileiro do Tempo e Cabocla Jussara são os que compõem o ritual neste dia.



**Imagem 16 - Preparo da Jurema**  
Fonte: Documentário Jurema de Clementino



**Imagem 17 - Jurema sendo colocada no porrão**  
Fonte: Documentário Jurema de Clementino

Em entrevista realizada com a Ekedí Bela D’Oxossi, ela demonstra o seu amor pelo ritual, e declara que é o momento mais importante e representativo da Irmandade que a mãe construiu ao longo da vida.

O ritual da jurema, como você conhece, a bebida da jurema no Cercado do Boiadeiro, eu conheço desde criança, a jurema com o ritual de enterrar a jurema e todo o preparo foi ditado pelo Caboclo Boiadeiro de mamãe. [Bela D’Oxossi em entrevista concedida a esta pesquisadora em 28 de agosto de 2021]

A bebida que compõe a Jurema Sagrada é então preparada por Mãe Chica e os demais presentes, sempre com os cânticos, que em sua maioria foram criados por Mãe Chica. Nossa Yalorixá fundadora da Irmandade sempre gostou de escrever, publicou um livro com seus cânticos, que tem ilustrações de Bela D'Oxossi<sup>94</sup>. Alguns deles constam nessa coletânea publicada, outros permanecem dentro do terreiro e transitam entre o Rio de Janeiro e Alagoas, uma vez que são cantados nos dois terreiros, perpetuados pela oralidade.

Na sequência, a experimentação é iniciada, primeiro por Mãe Chica e depois por Kelé. Então, uma vez aprovado o sabor da Jurema Sagrada, damos início à preparação para colocar toda a bebida no porrão de barro. Vários panos coloridos, os quais, chamamos de Ojás, e panos de prato virgem, que já haviam sido previamente separados e estavam depositados na mesma mesa que continha os ingredientes que formaram a bebida são utilizados.

A Jurema é então colocada no porrão de barro que é fechado primeiro com o pano de prato branco virgem, depois pela sequência de Ojás, finalizando com um laço. O passo seguinte é o de levantar o porrão da frente de Mãe Chica e colocá-lo no lugar, também previamente preparado, para que a bebida permaneça durante sete dias.

Há anos, precisamente em 2014, foi gravado o documentário sobre o ritual da Jurema de Boiadeiro pelo filho mais novo de Mãe Chica, o cineasta Clementino Junior, que criou o Cineclube Atlântico Negro. Foi nessa ocasião que Mãe Chica declarou sua relação com os caboclos e a Jurema aos filhos e filhas presentes e para a câmera, possibilitando o registro das emoções dela e nossas. A seguir, transcrevo parte do vídeo documentário<sup>95</sup> para que o leitor possa compreender um pouco da constituição da Jurema Sagrada na ICERBO:

Mãe Chica:

Minha relação com o Boiadeiro pra mim é o meu mentor, quem orienta a minha vida. Eu comecei a acompanhar uma médium vizinha, que mamãe me deixava sair com ela e aí ela começou a me levar para fazer companhia a ela, na sessão de caboclo e era a sessão que eu gostava de ouvir os cânticos, eu gostava de quando tinha uma festinha, tinha passinho de dança de caboclo na chegada. Eu não bebia nada, eu não bebia a jurema, eu vim beber a jurema já moça. E eu gostei, eu gostava dos cânticos, eu não sei porque eu já comecei a fazer versos pra botar na cantiga e tudo. Eu com 14 anos já sabia a criar pontos.

Entra a cantiga ao som das palmas dos filhos e filhas:

Salve a folha da jurema!

<sup>94</sup> Chica Xavier Canta sua Prosa. Toopbokks, Rio de Janeiro, 1999, 124 pp, aqui já citado.

<sup>95</sup> Ibidem

Salve todo o juremá!  
 Todo caboclo é Oxossi, filho da cobra coral!  
 Ê, ê, ê o jurema!!!  
 Ê, ê, a o jurema!!

Mãe Chica continua falando, “o sabor não é forte, é suave como o mel”, a receita desse “ponto” do sabor da Jurema é ancestral. No meu entendimento, o sabor está ligado à conexão que permitimos estabelecer com o plano astral, uma vez que é o Caboclo Boiadeiro, meu Compadre<sup>96</sup>, que intui o preparo.

Os presentes continuam cantando e batendo palmas ritmadas, enquanto as vozes ecoam no cântico. A câmera mostra imagens da jurema, árvore com seus detalhes, aqui inseridas para que o leitor tenha a compreensão do ambiente sagrado. As imagens foram captadas do documentário já citado e os créditos são de Clementino Junior.

As imagens dos filhos e filhas transitando no terreiro compõem o cotidiano deste ritual, assim como o círculo formado por Mãe Chica, Kelé, Christina, Izabela e Tia Neném ao longo de algumas décadas. Neste círculo formado pelos mais velhos está sobre um banquinho de madeira a panela de alumínio, na qual a bebida é preparada, e aonde Izabela vai depositando as garrafas de vinho que são abertas por ela cuidadosamente. No vídeo de Clementino Junior, neste momento da abertura da primeira garrafa de vinho, ouve-se o bradar de um caboclo, foi Christina quem incorporou, e a voz de Luana ao fundo, puxando outra cantiga:

Lá na Jurema, debaixo do pé de ingá (bis)  
 Aonde a lua clareia a Jurema, para os caboclos passar (bis)  
 Jurema, Jurema, olha o seu juremá!!

Destaco outra passagem do documentário, que ocorre enquanto Izabela está abrindo a terceira garrafa de vinho. E o pai pergunta: “você está bem treinada?” Ao que ela responde: “Estou fazendo isso há trinta anos, acho que estou bem treinada, não?”

Todos continuam cantando, na sequência do documentário aparece esta pesquisadora acrescentando um ingrediente na panela de alumínio, e Luana ajustando o torso<sup>97</sup> de Mãe Chica, outra médium coloca o chá feito com algumas das ervas que compõem a bebida. Ressalto aqui que não tenho permissão para descrever todos os ingredientes que compõem a

<sup>96</sup> Como citado na sessão introdutória, o Caboclo Boiadeiro batizou duas das minhas filhas, considerado por mim, meu Compadre.

<sup>97</sup> Ou turbante peça de tecido utilizada na cabeça como símbolo de resistência da cultura e da identidade africana, utilizado para cobrir o Ori (a cabeça, primeiro elemento de constituição do ser humano, segundo a cultura africana)

bebida, somente serão citados os que fui autorizada a revelar. Na sequência do documentário, aparece Christina incorporada com o Caboclo Pedra Lascada, ao lado de Mãe Chica que pega a Jurema feita no ano anterior e acrescenta à panela de alumínio.

Neste ponto devo explicar que a bebida Jurema, após o ritual que leva 7 dias, é colocada em um recipiente específico, tipo garrafa, do Caboclo Boiadeiro. Podemos observar outro chá sendo colocado na grande panela que está sendo mexida por Mãe Chica, neste chá pode-se identificar pedaços de canela em pau, outra pessoa acrescenta mel, novamente eu acrescento ervas piladas que estão em um recipiente branco de louça.

A imagem da câmera mostra Kelé sentado batendo palmas e cantando, a câmera passa então para o altar que integra a ICERBO. Nele podemos observar a imagem de Jesus Cristo, Nossa Senhora das Graças, Nossa Senhora da Conceição, Santa Bárbara, São Cosme e São Damião, Santa Tereza, São Francisco de Assis e São Jorge.

Mãe Chica e Kelé provam a jurema em pequenas canecas de ágata, enquanto na edição do documentário ela fala sobre a jurema.



**Imagem 18 - Mãe Chica provando a Jurema**  
**Fonte: Documentário Jurema de Clementino**



**Imagem 19 - Kelé provando a Jurema**  
**Fonte: Documentário Jurema de Clementino**

A jurema do Caboclo, eu acho que foi instituída para que todas as árvores da terra do caboclo tivessem serventia. Todas as árvores fossem de utilidade pública. Então a bebida da jurema é uma bebida que não encarece aquele que cria a árvore, que tem poucos meios para comprar os temperos. Porque não basta só ter o pé da jurema, é preciso ter o dindim para comprar o mel, se não tem dinheiro pode comprar açúcar mascavo que é mais barato e adoçar a jurema. A bebida da jurema ela é doce, ela é gostosa, um pouquinho já satisfaz.

Ao término desta fala, Mãe Chica bate palmas e os demais a seguem, ouve-se ao fundo: Salve a jurema!! É a voz de Christina Xavier que está incorporada com o Erê<sup>98</sup> Conchinha de Prata.

A bebida então aprovada por eles é colocada no porrão de barro, pelo Antônio, sob o olhar cuidadoso de Mãe Chica, em seguida o porrão é coberto com um pano branco virgem, tampado com a tampa dele e depois é amarrado por nós, Mãe Chica, Christina e eu, com vários ojás para que o porrão possa ser enterrado, como mostrado nas imagens a seguir.



**Imagem 20 - Amarrando o porrão com ojás**  
**Fonte: Documentário Jurema de Clementino**



**Imagem 21 - Porrão no local destinado à ele**  
**Fonte: Documentário Jurema de Clementino**

Depois de bem presos os ojás sobre a tampa do porrão, é amarrada uma corda de sizal virgem bem ajustada, que servirá também para retirar o vaso do local em que ficará por sete dias. Além de servir para o içamento do vaso, a corda amarrada bem apertada, impede a entrada da terra na bebida. Em seguida, o porrão é levado por Clementino, Ernesto e Antonio até o local onde a bebida ficará enterrada por sete dias. O local é coberto com a terra que foi retirada, e em cima dele é colocado um vaso de plantas, a vela de sete dias é acesa e ao lado dela, um copo liso com água completa o ritual que é chamado de enterrar a Jurema.

No documentário, passam-se os sete dias nos quais a Jurema esteve enterrada e a imagem de espigas de milho que comporão a mesa do caboclo Boiadeiro, além de outras imagens, como uma flecha símbolo dos caboclos, folhas de carrapateira e o cachorro deitado no quintal, passando pelo local onde a Jurema está enterrada focando na vela e no copo de água que foram cuidadosamente colocados sete dias atrás.

Há também o vaso de plantas sobre o local onde a Jurema foi enterrada, neste vaso está plantada uma palmeira, a câmera vai então para as flores que farão parte da decoração e

---

<sup>98</sup> Erê é Orixá que reside no ponto exato entre a consciência da pessoa e a inconsciência do Orixá. É por meio do Erê que o Orixá expressa sua vontade.

que estão sendo depositadas em um balde comum com água. Ao fundo, a cantiga entoada ressoa no ambiente: “Jurema de um lado, jurema do outro, juremeira” que é repetida enquanto a câmera mostra a juremeira em sua parte alta, repleta de flores e frutos.

Na sequência de imagens podemos identificar a mesa de preparo para o ritual de levantar a jurema. Há garrafas de vinho, uma garrafa que guarda a jurema de um ano para o outro - o uso desta jurema ao longo do ano será detalhado em capítulo específico acerca do ritual -, coités<sup>99</sup>, funil, peneira, um vaso de louça branca e canecas de ágata.



**Imagem 22 - Mesa com utensílios usados no preparo da Jurema**  
**Fonte: Documentário Jurema de Clementino**

Mãe Chica está sentada em sua cadeira cantando uma de suas cantigas, enquanto Luana amarra seu torso, “Mãe Oyá quem está aqui sou eu, Mãe Oyá eu cheguei agora”, sob o olhar cuidadoso de Izabela e Antonio que está posicionado na porta que dá acesso ao local onde a Jurema foi enterrada. O sino, instrumento de chamada dos filhos e filhas para o início da sessão, é tocado por Christina. O som do atabaque complementa o início dos trabalhos e silencia para que todos deem as mãos enquanto a cantiga é puxada por Mãe Chica:

Glória a ti nesse dia de glória, glória a ti redentor que há 100 anos  
 nossos pais conduziste à vitória pelos mares e campos baianos. Nesta  
 sagrada colina, mansão da misericórdia, dai-nos a graça divina, dai  
 justiça e dai concórdia (bis)<sup>100</sup>

Ao final desta cantiga, Luana saúda o Orixá Oxalá “Ê Cheuepa Babá”, novamente os participantes batem palmas e o atabaque soa. Luana continua as saudações, “Okê caboclo, xetro marrumba xetro, xetro n’avizala” e a partir daí todos cantam juntos:

Ele atirou, ele atirou ninguém viu (bis).  
 Seu Pena Verde é quem sabe aonde a flecha caiu.

<sup>99</sup> Cuiá pequena feita a partir da casca do coco.

<sup>100</sup> Este é o hino de louvor a Nosso Senhor do Bonfim.

Ele atirou, ele atirou ninguém viu (bis).

Seu Mata Virgem é quem sabe aonde a flecha caiu.

E ao som desta cantiga, Luana vai inserindo os nomes dos caboclos da casa, enquanto os homens levantam a Jurema, primeiro retirando a terra com uma pá, depois, quando a tampa se torna visível, Antonio retira cuidadosamente com as mãos a terra para poder achar as cordas. Eles, Antonio e Clementino, então puxam o porrão pelo sisal que foi ajustado para o içamento.



**Imagem 23 - Içamento do porrão com a Jurema**  
**Fonte: Documentário Jurema de Clementino**

O porrão levantado é então limpo pelos homens que retiram a corda e os ojás, antes de erguerem a tampa. A Jurema que estava no porrão de barro é despejada na panela de alumínio, que tem um pano branco que serve de filtro e o líquido vai aos poucos, sendo derramada na panela de alumínio, que está novamente próxima a Mãe Chica, no círculo formado pelos mais velhos.

Com o auxílio de uma grande colher de pau Izabela retira do fundo do porrão de barro as ervas que foram depositadas no preparo, em seguida, utilizando uma concha com cabo de madeira e cuia de coco, Izabela serve a jurema para Mãe Chica beber. Em seguida Mãe Chica passa a cuia com a Jurema para Mãe Neide, enquanto isso o porrão sagrado da Jurema, é lavado e retorna ao salão para de novo ter a bebida dentro dele. O porrão sagrado é então colocado aos pés do mandacaru, planta que tem a consagração do Caboclo Boiadeiro, para que possamos arrumar os pés da juremeira para a festa que será realizada à noite. Na ocasião desta filmagem, estavam presentes, além de Mãe Neide, seus filhos sanguíneos Junior Martins, Luzia Clara e João Paulo e, também a Ekedí Maria de Nanã e eu, estando assim representado o GUESB na ICERBO.

A filmagem mostra a seguir as velas sendo acesas no quarto de santo da ICERBO, o interior do cercado já decorado e arrumado para a sessão de Boiadeiro com panos coloridos e cesta de frutas e o chão coberto de folhas. A mesa da sessão é montada aos pés do mandacaru

que fica em frente à entrada do salão da ICERBO, o chão forrado com folhas e podemos identificar muitas frutas, espigas de milho, coco verde, mugunzá, dentre os pratos preparados para os Orixás e Caboclos. Enquanto a voz de Mãe Chica fala sobre Pai Edu<sup>101</sup>:

Pai Edu estava fazendo um trabalho a pedido da Globo na linguagem do candomblé que eu não conhecia, eu gostei da maneira dele de falar do candomblé e cantar, candomblé cantado e falar do jeito dele que foi o jeito que consegui aprender alguma coisa sobre candomblé.

A imagem passa então para Mãe Chica adentrando o espaço onde a festa foi preparada, com um sorriso largo no rosto, cumprimentando a todos que encontrava, eu tive o privilégio de conduzi-la até a cadeira preparada para ela.



**Imagem 24 - Mesa da Jurema pronta**  
**Fonte: Documentário Jurema de Clementino**

Em seguida a câmera mostra o pé de mandacaru em toda a sua grandeza, enquanto Pai Edu começa a entoar:

Caboclo é guerreiro do juremá, meu cavaleiro das campinas sementinha de Oxalá!  
Ô meu pai, vem ver teus filhos, a todos abençoar!  
É tua força que nos cura, é segredo do Juremá!  
Venha ver caboclo, venha ver a sua aldeia, venha ver a sua aldeia, venha ver seu juremá!!  
Caboclo é, caboclo é, caboclo é a luz, do mato é!!!

<sup>101</sup> Pai Eduardo Adjiberu, seu amigo desde o tempo de Tenda dos Milagres.

A câmera mostra a roda, com todos dançando enquanto Mãe Chica e outras senhoras de maior idade ficam sentadas. A imagem mostra então Mãe Chica se dirigindo ao caboclo de pai Edu, dizendo “ a mesa é do senhor” e Ele então começa a oração em forma de cantiga:

Abra-se o campo formoso, que a Jurema eu vim louvar  
 Vim louvar seu santo nome, nessa aldeia real  
 Anjico, jucá e jurema puseram a depositar  
 Dentro de um pote sagrado a jurema preparar  
 Por isso aqui eu canto e pra sempre vou cantar

Louvado seja Nosso Senhor Jesus Cristo, fala o caboclo, ao que é respondido por Mãe Chica e os demais “para sempre seja louvado”. A câmera volta então para o porrão sagrado, aquele mesmo que foi enterrado, e o caboclo serve a Jurema Sagrada para Mãe Chica, enquanto todos cantam: “Vamos beber Jurema, vamos beber na mesa do juremá. Meu camarada beba só um golinho, só um golinho pra não se embriagar”. A câmera então fecha no rosto de Mãe Chica cantando e sorrindo, passam os créditos ao som da cantiga que sempre entoamos na ICERBO ao final das sessões:



**Imagem 25 - Mãe Chica sorrindo e batendo palmas.**

**Fonte: Documentário Jurema de Clementino**

“Missarandeiro, missarandeiro, me abre a porta me fecha o terreiro, ” que é repetido até o responsável por fechar a gira retornar do portão.

Neste ponto, convido os leitores a assistirem o documentário (o endereço para o documentário já foi indicado na nota de pé-de-página nº 98 desta sessão) para poderem perceber o ritual com os próprios olhos, e passo agora a descrever a Jurema Sagrada na ICERBO realizada no período de 15 a 22 de julho de 2022. Desta vez, sob o comando da herdeira da ICERBO, Mãe Luana de Iansã.

### 3.2.2 - A ICERBO sob a gestão da Yalorixá Mãe Luana Xavier

Decorrido o período de luto e da reabertura oficial do Cercado que ocorreu no dia 14 de maio deste ano de 2022, Mãe Luana marcou o ritual da Jurema para o dia 15 de julho, data do aniversário dela própria. Graças ao meu trânsito de volta ao Rio de Janeiro e também à minha filha mais velha, Tábata, que trabalha embarcada, pois é Comandante de navio petroleiro na Transpetro e que também estava no Rio de Janeiro, fomos juntas para o Cercado de Boiadeiro. Para o ritual estavam presentes: Luana, Christina, Kelé, Izabela, Clementino, tia Neném, tia Neusa (amiga de Mãe Chica e de Kelé há mais de 50 anos), Dedé, Carlinhos, Mychelle, Michel, Suzane, Fernanda, Bia, Paulo Henrique (PH)<sup>102</sup>, Jozi, Carol, Mychelle, Bruna, Tábata e eu.

Após tomarmos o banho de santo<sup>103</sup>, vestimos nossas roupas e fomos ajudar nos preparativos para iniciar o ritual de preparo da Jurema. Conferimos as cadeiras para tia Neném, Luana e Izabela, colocamos o banquinho para servir de apoio à panela de alumínio e checamos, junto aos demais filhos e filhas que chegaram antes de nós, se estava tudo preparado pra iniciarmos os trabalhos.

Mãe Luana pediu que eu a ajudasse separando os ingredientes para a elaboração do padê para Exú<sup>104</sup>. Utilizando bacias de plástico de uso exclusivo para esse fim, que têm inclusive o nome Exú pintado, Luana começou a preparar a comida, auxiliada por mim, que fui passando os ingredientes para ela: farinha, sal, mel e dendê, enquanto ela canta: ‘Exú ô, Exú ô, toma conta da minha porteira, toma conta da minha cancela...tô pedindo a Exú, pra ser meu sentinela’. Depois de preparado o padê, segui com Mãe Luana para o portão, onde a comida foi ofertada, para que pudéssemos dar início ao preparo da Jurema. Uma vez no portão, a Yalorixá oferta o padê e água para Exú, na sequência acende uma vela para então retornarmos ao Cercado e iniciarmos o preparo para levantar a Jurema.

Quando voltamos para o salão do Cercado, onde Mãe Luana conferiu com os demais se todos os utensílios estavam dispostos à mesa reservada para esse fim, nos deparamos com Clementino Junior finalizando o preparo de ingredientes na varanda da casa de nº 48.

---

<sup>102</sup> Paulo Henrique, conhecido como PH será citado pelo apelido nesta pesquisa.

<sup>103</sup> Banho preparado com ervas frescas, manjeriço, alecrim, tapete de Oxalá dentre outras ervas que são maceradas em água, isto é, a folha deve ser esfregada até tirar o sumo e a água ficar verde. Todos os médiuns tomam esse banho para iniciar os trabalhos.

<sup>104</sup> É uma comida, feita à base de farinha de mandioca, ofertada para Exú, mensageiro entre o Orun (céu) e o Ayê (terra), para atrair bons fluidos.



**Imagem 26 - Preparando o Padê.**  
15/07/2022  
Fonte: Acervo Autora



**Imagem 27 - Clementino cortando ingredientes.**  
15/07/2022  
Fonte: Acervo Autora

Tudo preparado na mesa e todos no salão do Cercado, Mãe Luana conversa sobre a importância do momento, da seriedade de cada um que faz parte do Cercado de Boiadeiro de cuidar de si e do local. Terminada a conversa e tomada de emoção ela canta: “Boiadeiro o que é meu? É meu irmão!! Meu irmão de coração, Ele é meu irmão!” Neste momento estão no círculo junto com Mãe Luana ao redor da panela, Kelé em sua cadeira andante<sup>105</sup>, tia Neném e Izabela nas cadeiras previamente separadas para elas, forradas com almofadas e amarradas com ojás coloridos, os demais estão todos em pé.

Outra cantiga é entoada:

Ele atirou, ele atirou ninguém viu. Senhor Oxossi é quem sabe aonde a flecha caiu!!

Ele atirou, ele atirou ninguém viu. Seu Boiadeiro é quem sabe aonde a flecha caiu!

Ele atirou, ele atirou ninguém viu. Guaraciaba é quem sabe aonde a flecha caiu!!

Ele atirou, ele atirou ninguém viu. Cobra Coral é quem sabe aonde a flecha caiu!!

Ele atirou, ele atirou ninguém viu. Seu Pena Branca é quem sabe aonde a flecha caiu!!

Ele atirou, ele atirou ninguém viu. Caboclo Indio é quem sabe aonde a flecha caiu!!

<sup>105</sup> Em função de problemas no joelho oriundos da idade, Kelé se desloca com uma cadeira que tem rodinhas. Ele chama jocosamente de ‘meu carro’.

Ele atirou, ele atirou ninguém viu. Seu Mata Virgem é quem sabe aonde a flecha caiu!!

Ele atirou, ele atirou ninguém viu. Pedra Lascada é quem sabe aonde a flecha caiu!!

Ele atirou, ele atirou ninguém viu. A Boiadeira é quem sabe aonde a flecha caiu!!

Ele atirou, ele atirou ninguém viu. Mas a Jurema é quem sabe aonde a flecha caiu!!

Ele atirou, ele atirou ninguém viu. Mas a Jussara é quem sabe aonde a flecha caiu!!

Ele atirou, ele atirou ninguém viu. Seu Pena Verde é quem sabe aonde a flecha caiu!!

Ele atirou, ele atirou ninguém viu. Seu Ventania é quem sabe aonde a flecha caiu!!

Ele atirou, ele atirou ninguém viu. Tupinambá é quem sabe aonde a flecha caiu!!

Ele atirou, ele atirou ninguém viu. Seu Pedra Preta é quem sabe aonde a flecha caiu!!

Ele atirou, ele atirou ninguém viu. Todos os Caboclos é que sabem aonde a flecha caiu!!

Durante a cantoria deste ponto que tem somente nossas vozes, palmas e vibração, as médiuns Suzane e tia Neusa incorporaram com seus Caboclos, todos permaneceram cantando com muita alegria, recebendo os abraços dos Caboclos que chegaram no Cercado. Enquanto Mãe Luana segue cantando, tendo a panela à sua frente, os mais velhos sentados e nós ao seu redor.

Aqui retomo à biliografia, lembrando, mais uma vez, que para a incorporação na ICERBO e no GUESB não há o uso da fumaça ou a ingestão de bebida Jurema, como relatado por Câmara Cascudo em “Meleagro”, acerca do Catimbó-Jurema:

No catimbó o mestre obtém o transe fumando e tragando a fumaça ou respirando profundamente. Não há o transe espontâneo, correspondendo ao cair no Santo nos candomblés. Obtido o transe, incorporado o Mestre no médium, catimbozeiro, o mais se passa como numa sessão espírita (CÂMARA CASCUDO, 1937, p. 80).

Após saudar os Caboclos com o ponto acima, Mãe Luana diz que neste momento começará o preparo da bebida Jurema. Para isso, ela pede a garrafa de Caboclo Boiadeiro que está no altar e contém a última Jurema feita em 2019<sup>106</sup>, e canta “Salve a folha da Jurema,

---

<sup>106</sup> As atividades foram suspensas em virtude da pandemia de COVID-19.

salve todo o juremá. Todo Cabolco é Oxossi, filho da Cobra Coral. Ê ê ê ô Jurema<sup>107</sup>!!". Quem coloca a Jurema antiga na panela é Kelé, e Mãe Luana diz, ‘só a metade Vô’.

O simbolismo deste ato me emociona profundamente, inclusive agora ao rever o vídeo desse trecho que descrevo, pois vejo aquela menina Luana que conheci com um ano e meio, hoje ser uma mulher e uma Yalorixá que supera a dor e pede para o grande amor da vida de sua avó representá-la neste momento. Não é necessário dizer nada, apenas conhecer a história deles para saber que naquele momento não havia ninguém mais que pudesse representar a Yalorixá Mãe Chica do que o seu marido Kelé. Neste ponto, convido o leitor a conhecer um pouco mais sobre a história de vida de Mãe Chica, sugiro o livro Chica Xavier Mãe do Brasil.<sup>108</sup>



**Imagem 28 - Mãe Luana em momento inicial do preparo da Jurema**  
15/07/2022



**Imagem 29 - Kelé adicionando a Jurema do ano anterior**  
15/07/2022  
Fonte: Acervo Autora

<sup>107</sup> Este ponto é cantado ao longo de todo o preparo descrito aqui, até o momento em que Mãe Luana pede para salvar o ponto e puxa outro.

<sup>108</sup> Ver Teresa Montero. Chica Xavier Mãe do Brasil. Rio de Janeiro, Ed. Eldorado, 2013.



**Imagem 30 - Tábata  
adicionando ingredientes à  
Jurema  
15/07/2022**



**Imagem 31 - Izabela mexendo a  
panela da Jurema  
15/07/2022  
Fonte: Acervo Autora**

Na sequência, as cascas de jurema e outras, que foram lavadas e estavam depositados em uma panela, são entregues à Mãe Luana, que pede à tia Neném, Izabela, Clementino, Christina que peguem as cascas e adicionem na panela. Neste momento a médium Mychelle também incorporou, passando assim a termos três Caboclos em terra<sup>109</sup>, durante o preparo da Jurema.

Depois ela, Mãe Luana, eu, Carlinhos, Dedé, Tábata, Paulo Henrique (PH) e os demais irmãos e irmãs, - observada a hierarquia do Cercado (sempre os mais velhos começando primeiro) -, fomos colocando as cascas na panela. Observo que a hierarquia não é só cronológica, mas também se refere ao tempo de santo, e essa lógica segue a sequência de prioridade nos ritos de forma geral. Mãe Luana chama também Nilza e dona Ivani, que cuidam há anos da casa de Kelé, além de Vera, amiga da família também há décadas, para colocarem as cascas na panela enquanto Tia Neusa, Suzane e Mychelle seguem incorporadas.

Após a adição das cascas à panela, Mãe Luana pede o vinho moscatel e indica à médium Carol para adicionar um pouco, depois passa a garrafa para Izabela que adiciona todo o conteúdo na panela. Clementino entrega uma grande colher de pau para que Izabela comece a mexer os ingredientes que já foram adicionados, enquanto Mãe Luana vai despejando mais uma garrafa de vinho moscatel, depois Mãe Luana pede a rapadura e solicita ao Caboclo de tia Neusa que a deposite na panela.

<sup>109</sup> Entidades incorporadas em seus médiuns, dizemos então que elas estão “em terra”.

Em seguida Mãe Luana chama o Caboclo de Suzane para fazer o mesmo, adicionar rapadura na panela, depois pede o mesmo ao Caboclo de Mychelle. Mãe Luana pede para que tia Neném coloque mais vinho moscatel, desta feita, mentalizando Valéria, esposa de Clementino Júnior, que não está presente fisicamente. O ato de cada um colocar com suas próprias mãos os ingredientes para a composição da bebida Jurema, ou de outra pessoa adicionar ingredientes mentalizando quem está ausente, é a representação da conexão, da força que buscamos enquanto médiuns, que é materializada neste ato. Participar do ritual de preparo da bebida Jurema, elemento fundante da Jurema Sagrada, é uma forma de fortalecimento de cada um de nós e dos nossos, enquanto seres pertencentes à nossa religiosidade. É a conexão com a ancestralidade, com os Caboclos, com a força da Jurema, do Juremá, do reino onde a espiritualidade nos orienta e sustenta na caminhada terrena. Esta conexão é a representação da religiosidade integrante da Umbanda de Mãe Chica.

Na sequência, Mãe Luana acrescenta a terceira garrafa de vinho moscatel enquanto Izabela mexe o conteúdo que está na panela com uma grande colher de pau a mistura de ervas que foram cozidas em forma de chá e outros ingredientes. A adição dos ingredientes ocorre enquanto todos continuam cantando e batendo palmas, até que findada a adição dos ingredientes, ouvimos o “salve o ponto”, dito por Mãe Luana que entoou:

A Jurema é um pau sagrado onde Zambi descansou  
 Ele é Seu Boiadeiro, na santa paz do Senhor  
 Essa casa é minha, essa casa é sua  
 Que todos os malefícios vão para o meio da rua.  
 Essa casa é minha, essa casa é sua  
 Que todos os malefícios vão para o meio da rua.

Este ponto de autoria de Mãe Chica é uma reza que faz parte do preparo da bebida Jurema. Ao som do cântico, nós fazemos reverência, ajoelhando e batendo palmas suaves enquanto cantamos. Neste momento eu, Christina e Carlinhos incorporamos, enquanto o ponto é cantado e Mãe Luana pede que Clementino Junior pegue a garrafa de cristal contendo água<sup>110</sup>.

Mãe Luana fala, “okê Caboclo”, todos batem palmas e ela canta outro ponto:

Eu vou beber minha Jurema, dê no que der

---

<sup>110</sup> Esse descritivo é possível porque minha filha Tábata estava gravando o ritual, com autorização de Mãe Luana.

Na raiz do Urucaio<sup>111</sup>, dê no que der  
 Se a Jurema for boa, dê no que der  
 Aqui mesmo eu caio, dê no que der

Enquanto Mãe Luana canta o ponto, a garrafa de água é entregue para Christina que saúda a todos os presentes e adiciona a água na bebida na panela de alumínio e Izabela continua mexendo.

Neste momento Carlinhos e eu estamos incorporados com o Caboclo Boiadeiro e Christina incorpora o Caboclo Pedra Lascada, entendendo que a finalização do preparo da bebida Jurema foi feita e os Caboclos estão ali para abençoar o ritual. Clementino Junior coloca o porrão de barro que receberá a Jurema e eu apanho os tecidos que cobrirão o porrão. Mãe Luana chama PH para auxiliar Clementino a colocar a bebida que está na panela de alumínio no porrão de barro. Depois de despejar todo o conteúdo no porrão, ele é fechado e coberto com panos, primeiro com o morim branco, depois com os ojas coloridos para finalmente ser levado ao local onde permanecerá por sete dias.



**Imagem 32 - Jurema sendo colocada no porrão**  
**15/07/2022**  
**Fonte: Acervo Autora**



**Imagem 33 - Jurema sendo levada para enterrar**  
**15/07/2022**  
**Fonte: Acervo Autora**

<sup>111</sup> Encontra-se na literatura a similaridade á Oca indígena, contudo a raiz do Urucaio é lugar sagrado na Umbanda.

Para depositar o porrão na terra Mãe Luana canta, enquanto Clementino e PH levam o porrão até o local previamente preparado:

Salve a folha da Jurema!!  
 Salve todo o Juremá!!!  
 Todo Caboclo é Oxossi, filho da cobra coral !!!  
 Todo Caboclo é Oxossi, filho da cobra coral !!!  
 Ê ê ê, ô Jurema, ê ê á!!!  
 Ê ê ê, ô Jurema, ê ê á!!!



**Imagem 34 - Porrão no local reservado**  
**15/07/2022**  
**Fonte: Acervo Autora**



**Imagem 35 - Jurema enterrada**  
**15/07/2022**  
**Fonte: Acervo Autora**

O ritual do preparo da bebida Jurema, no contexto que compõe a Jurema Sagrada na ICERBO é a representação de nossa conexão com a ancestralidade, com as Entidades e conosco mesmos. Nestes atos que compõem o ritual acima descrito, imputamos a nossa gratidão pela existência, pedimos força ao plano espiritual para resistirmos de pé e na fé. É como um elo que nos conecta ao universo simbólico onde a aprendizagem se dá através das experiências vividas no cotidiano do terreiro, que são dinâmicas, sem, contudo, perderem a essência ancestral. Desta forma Luiz Assunção descreve acerca do conhecimento adquirido entre “eles” e “nós”.

O conhecimento não se exaure nessas relações estabelecidas, ao contrário, elas são o princípio. Entre “eles” e “nós” existe o falar e o olhar possível, existem os silêncios da cultura e a certeza de que, para ambos, a experiência e a aprendizagem são contínuas, reelaboradas, dinâmicas. É esse dinamismo contido na Umbanda, que propicia a elaboração de uma variedade de crenças e práticas rituais. (ASSUNÇÃO, 2010, pp. 168-169)

O próximo momento do ritual é realizado na semana seguinte, após transcorridos os sete dias que enterramos a Jurema, levantamos a Jurema e, a culminância se dá na Festa dos Caboclos agendada para o dia 23 de julho de 2022. A importância desta festa, para além de cumprirmos o rito da Jurema Sagrada é o de abrir os portões do Cercado de Boiadeiro para o público externo. A abertura que ocorreu no dia 14 de maio, como citado anteriormente, foi exclusiva para os filhos e filhas da ICERBO.

A movimentação começou bem antes, pois todos estavam ansiosos para participar de uma sessão na ICERBO. O empenho e colaboração de todos foram, mais uma vez, fundamental para que tudo saísse de forma harmônica e muito bonita. Tarefas foram divididas, camisetas foram criadas por nossa irmã Suzane que também se responsabilizou por fazer toda a logística de entrega para nós. Grupo criado no *whatsapp* para facilitar a comunicação e tudo fluindo como Mãe Chica gostava.

As flores ficaram por minha conta, assim como a logística para levar tudo até a ICERBO, pois como também já foi citado, o Cercado fica na zona oeste da cidade do Rio de Janeiro e chegar com as coisas lá exige calma e dedicação. Fiz a lista das flores e enviei para Mãe Luana e Mãe Neide, na realidade estava feliz por retomar as atividades na ICERBO, essa tarefa de compra de flores eu realizei enquanto morava no Rio de Janeiro, mas também estava com dúvidas quanto à quantidade. Nos últimos 18 anos a compra das flores era para o GUESB e junto com Mãe Neide e irmãos e irmãs de Maceió, comprávamos no fornecedor que entrega direto no terreiro. A quantidade necessária para enfeitar os pejis e demais instalações do GUESB é grande, pois é um terreiro com espaços variados e exige uma maior quantidade de flores. Uma vez acertada a quantidade, fui então ao centro de distribuição como fazia anos atrás, na CADEG<sup>112</sup> - Centro de Abastecimento do Estado da Guanabara, que fica a mais de uma hora de viagem de Sepetiba. Saí na madrugada da quinta-feira, dia 21/07 para a compra na CADEG e cheguei a Sepetiba às sete da manhã, repleta de flores das mais variadas; fui auxiliada por Dedé para organizá-las em baldes com água, a fim de mantê-las hidratadas para serem utilizadas na decoração de sábado.

---

<sup>112</sup> É um centro de distribuição nos moldes de CEASA, mas com fornecedores de plantas e flores.

No dia 21 de julho, sexta-feira chegaram de Maceió os filhos sanguíneos de Mãe Neide, João Paulo que é filho de santo de Mãe Chica e Pai Pequeno no GUESB e Junior Martins, que é Ogã do Caboclo Boiadeiro de Mãe Chica, e filhos de santo de Mãe Neide, Luiz Carlos (Popó), que é Ogã da Oxum, Álvaro e Lannay, que é minha afilhada no santo. Eles integraram com os irmãos e irmãs da ICERBO, a equipe de médiuns para a organização da festa, trazendo muita alegria e fé.

Mãe Neide chegou na madrugada de sábado vindo direto de um evento na Paraíba, eu cheguei na ICERBO no início da manhã. Quando entrei no quintal do Cercado, eles estavam tomando café da manhã e tivemos oportunidade de conversar um pouco. Após o café, demos início aos preparativos para o ritual de levantar a Jurema. Ressalto aqui que nesse ritual, assim como no de preparar e enterrar, é permitida somente a participação aos filhos e filhas de santo ‘de casa’<sup>113</sup>.

Como todo o início de atividades no terreiro, é necessário tomarmos banho de santo para executar qualquer tarefa e, os que haviam chegado de manhã, como eu, corremos para estarmos aptos às atividades. Iniciamos por oferecer comida à Exú, e desta vez quem fez o preparo dos padês para Exú foi Ernesto, auxiliado por João Paulo, Pai Pequeno do GUESB.

Para o ritual estavam presentes Mãe Luana, Christina, Izabela, tia Neném, eu, tia Neusa, Dedé, Clementino, Ernesto, Antônio, PH, Jozi, Suzane, Carol, Bia, Fernanda, Gina e Néia, Ekedes de Boiadeiro, Débora, Valéria, Mãe Neide, João Paulo, Junior, Álvaro e Lannay.

Separamos as cadeiras para tia Neném, Mãe Neide, Gina e Izabela, de forma que as deixamos mais confortáveis, com almofadas amarradas com ojás, e em seguida Mãe Neide chegou no Cercado e juntou-se à nós. Junior e Popó posicionaram os atabaques que vieram de Maceió especialmente para o ritual da Jurema Sagrada junto ao mandacará.

Christina tocou o sino que fica preso na entrada do salão do Cercado de Boiadeiro às 10h, no horário programado por Mãe Luana para começar os trabalhos, os mais velhos ficaram dentro do salão do Cercado, enquanto os demais nos aproximamos do espaço da árvore jurema e onde está enterrada a bebida Jurema.

Com Mãe Luana à frente tocando o sino, semelhante ao que fica na porta de entrada, para dar início aos trabalhos, e começou pedindo licença e falando: Salve Nosso Pai Oxalá!! Ao que todos respondiam: Salve!! Em seguida ela cantou:

---

<sup>113</sup> De casa, neste contexto são os que pertencem à ICERBO e ao GUESB. Pois entendemos que formamos uma grande família.

Com licença ê lelê, com licença!!  
 Com licença de Pai Ogum, com licença.  
 Com licença ê lelê, com licença!!  
 Com licença de Pai Oxossi, com licença.  
 Com licença ê lelê, com licença!!  
 Com licença de Pai Xangô, com licença.  
 Com licença ê lelê, com licença!!  
 Com licença de Obaluayê, com licença.  
 Com licença ê lelê, com licença!!  
 Com licença de Ossae, com licença.  
 Com licença ê lelê, com licença!!  
 Com licença de Tempo, com licença.  
 Com licença ê lelê, com licença!!  
 Com licença de Logun Edé, com licença.  
 Com licença ê lelê, com licença!!  
 Com licença de Mãe Iansã, com licença.  
 Com licença ê lelê, com licença!!  
 Com licença de Mãe Oxum, com licença.  
 Com licença ê lelê, com licença!!  
 Com licença de Nanã Buruque, com licença.  
 Com licença ê lelê, com licença!!  
 Com licença de Obá, com licença.  
 Com licença ê lelê, com licença!!  
 Com licença de Nanã Buruque, com licença.  
 Com licença ê lelê, com licença!!  
 Com licença de Mãe Iemanjá, com licença.  
 Com licença ê lelê, com licença!!  
 Com licença das Almas Santas, com licença.  
 Com licença ê lelê, com licença!!  
 Com licença de Todos Caboclos, com licença.  
 Com licença ê lelê, com licença!!  
 Com licença de Ibejada, com licença.  
 Com licença ê lelê, com licença!!  
 Com licença de Pai Oxalá, com licença.  
 Com licença ê lelê, com licença!!  
 Com licença do Povo de Ganga, com licença.

Quando Mãe Luana vai pedir licença ao Povo de Ganga<sup>114</sup>, ela se dirige para a casa de Exú.

---

<sup>114</sup> Derivada de Nganga, palavra de origem kimbundo, significa mágico, feiticeiro. Na Umbanda é sinônimo de Exú que é guerreiro e passa à frente de todos.



**Imagem 36 - Mãe Luana tocando  
o sino  
22/07/2022  
Fonte: Acervo Autora**



**Imagem 37 - Mãe Luana saudando  
Exú  
22/07/2022  
Fonte: Acervo Autora**

Finalizada a parte inicial, todos a acompanham de volta ao salão do Cercado e Mãe Luana inicia a cantar o ponto da defumação:

Corre gira Pai Ogum, filhos quer se defumar,  
Umbanda tem fundamento, é preciso prepara,r  
Com incenso e beijoim, alecrim e alfazema,  
Defumai filhos de fé,  
Com as ervas da Jurema!!

A função de defumação do Cercado e dos filhos e filhas é realizada por Ernesto auxiliado por PH que está com o copo de água, item que complementa o ritual da defumação na ICERBO. Também neste momento do ritual é observada a hierarquia no santo, como já citado anteriormente, os mais velhos são os primeiros a serem defumados.

Após a defumação Mãe Luana pediu ao Antônio que iniciasse o processo de retirada do porrão de barro, ressaltado aqui que Antônio nos últimos 20 anos é o médium que faz essa parte do ritual, além de outras comuns ao rito de enterrar e levantar a Jurema. Mãe Luana então começou a cantar:

A Jurema é um pau sagrado, onde Zambi descansou.  
Ele é Seu Boiadeiro, na santa paz do Senhor.  
Essa casa é minha, essa casa é sua,  
Todos os malefícios vão pro meio da rua.



**Imagem 38 - Antônio retirando a terra com  
as mãos  
22/07/2022  
Fonte: Acervo Autora**



**Imagem 39 - Clementino e PH içando o  
porrão  
22/07/2022  
Fonte: Acervo Autora**

Após Antônio retirar a terra que cobria o porrão, Mãe Luana chama Clementino e PH para suspender o porrão, o que é feito utilizando os ojás que foram amarrados para tal finalidade. Uma vez içado o porrão ele é cuidadosamente colocado na porta que dá acesso ao salão do Cercado para uma limpeza melhor. Nesse momento Mãe Luana começa a cantar:

Salve a folha da Jurema!!  
Salve todo o Juremá!!!  
Todo Caboclo é Oxossi, filho da cobra coral !!!  
Todo Caboclo é Oxossi, filho da cobra coral !!!  
Ê ê ê, ô Jurema, ê ê á!!!  
Ê ê ê, ô Jurema, ê ê á!!!

Clementino e PH prosseguem a limpeza do porrão enquanto Mãe Luana coloca a mão sobre o porrão como que ‘sentindo’ a vibração que contém ali. Os médiuns passam então a desatar os ojás que envolviam o porrão até retirarem o morim branco que o envolvia para na sequencia retirarem o pano e despejarem a bebida Jurema na panela de alumínio que tem um outro pedaço e morim branco cobrindo-a, como uma fina peneira. Esta fica na mesma disposição de quando a bebida foi preparada, à frente de Mãe Luana que está no círculo formado por Kelé, Izabela, tia Neném e, nesta parte do ritual conta também com Mãe Neide, Néia e Antônio e Ernesto, que auxilia os outros dois médiuns que estão de pé despejando a

bebida na panela. Os demais médiuns permanecem de pé, alguns incorporam com Caboclos enquanto a bebida é depositada na panela.



**Imagem 40 - Jurema sendo colocada na panela**  
22/07/2022  
Fonte: Acervo Autora



**Imagem 41 - Ernesto e Bela D'Oxossi, retirando o filtro da panela**  
22/07/2022  
Fonte: Acervo Autora

Após ter a bebida Jurema na panela, Mãe Luana chama todos os que não estiveram presentes no dia 15/07/2022, quando o ritual teve início, para acrescentarem mel à bebida Jurema que foi preparada.

Desta forma, todos que ali estavam naquele 22/07/2022 realizaram o ato de adicionar à bebida Jurema algum ingrediente, fazendo parte no ritual da Jurema Sagrada da ICERBO. Primeiro foi Mãe Neide, e na sequência Mãe Luana foi chamando de acordo com a hierarquia, até todos fazerem parte do preparo da bebida Jurema. Enquanto a finalização acontecia, os atabaques tocavam e nós dançávamos e Izabela continuava a mexer, enquanto todos nós cantávamos: “Seu Boiadeiro o que é meu? É meu irmão! Meu irmão de coração, Ele é meu irmão!!”

Após a adição do mel por todos Mãe Luana então prova colocando na palma da mão, o sabor da Jurema e adiciona outros ingredientes que faltavam, Izabela continua a mexer para

uma completa mistura dos ingredientes. Não há uma receita escrita por Mãe Chica, esse modo de fazer a bebida Jurema é aprendido com a vivência, através da oralidade transmitida nos terreiros, e o sabor é único, por esse motivo Mãe Luana prova na palma da mão<sup>115</sup> e, instintivamente vai acrescentando os elementos/ingredientes até que o sabor que ela bem conhece seja atingido.

Enquanto os ingredientes são adicionados, os Ogãs Junior e Popó tocam os atabaques no quintal do Cercado, Caboclos estão em terra e nós cantamos:

Eu vi a lua, eu vi a lua,  
 Eu vi a lua, eu falei com ela,  
 Eu vi a lua, eu vi a lua,  
 Eu vi a lua, Seu Boiadeiro mora dentro dela.  
 Eu vi a lua, eu vi a lua,  
 Eu vi a lua, Senhor Oxossi mora dentro dela.

Mãe Luana considera encerrada a adição, pega a concha de madeira e coloca a bebida Jurema em um coité, é chegada a hora de experimentar a Jurema e, ela entrega o coité para Kelé, que aprova o sabor da nova Jurema. Em seguida, quem bebe a Jurema é Mãe Luana.



**Imagem 42 - Kelé provando a Jurema**  
 22/07/2022  
 Fonte: Acervo Autora



**Imagem 43 - Mãe Luana provando a Jurema**  
 22/07/2022  
 Fonte: Acervo Autora

<sup>115</sup> Como é feito usualmente quando se prepara uma comida, utilizando uma colher coloca-se na palma da mão um pouco do que se está preparando para provar.

Enquanto eles experimentam, o Ogã Junior Martins puxa o ponto e todos cantam: “Caboclo bebeu jurema, Caboclo se embriagou, com a folha do mesmo pau, Caboclo se levantou”. Ao transcrever este ponto reflito sobre o significado dele, Caboclo se embriagou com a Jurema que é preparada com o ‘pau’ da árvore de mesmo nome, e com a folha da Jurema Caboclo se levantou. Percebo aqui a sacralização da árvore Jurema, com o poder curativo mesmo que dela tenha sido feita a bebida que embriagou.

Compreendo aqui a simbologia da cura obtida através da Jurema da forma como descrito por Luiz Assunção (2010), quando o autor aponta para os poderes sagrados da árvore Jurema, para o fato de que sua força não é material, mas espiritual, força dos espíritos que passaram a habitá-la. O autor percorre a trilha deixada por Bastide:

Quando a virgem, fugindo de Herodes, no seu êxodo para o Egito, escondeu o menino Jesus num pé de jurema, que fez com que os soldados romanos não o vissem, imediatamente, ao contato com a carne divina, a árvore encheu-se de poderes sagrados. (BASTIDE apud ASSUNÇÃO, 2010, p.79)

Neste momento Christina incorpora com o Caboclo Pedra Lascada que pega o coité e vai em cada um de nós para fazer o encruzo<sup>116</sup> com a bebida, primeiro em Mãe Luana, depois em Mãe Neide e depois em todos que estavam presentes.



**Imagem 44 - Caboclo cruzando  
Mãe Luana  
22/07/2022  
Fonte: Acervo Autora**



**Imagem 45 - Caboclo cruzando  
Mãe Neide  
22/07/2022  
Fonte: Acervo Autora**

<sup>116</sup> Ato de fazer o sinal da cruz nos pés, nas mãos e na testa. Sempre cruzando em cada uma das partes do corpo.

Em seguida, Mãe Luana pede para que tragam o porrão<sup>117</sup> que compõe a mesa da Jurema, recipiente que será colocado na mesa onde outros elementos estarão para o ritual que terá culminância na festa. Mãe Luana então canta e todos a acompanham: “Vamos beber Jurema, vamos beber na mesa do juremá. Meu camarada beba só um golinho, só um golinho pra não se embriagar”. Ernesto e PH então suspendem a panela e vão despejando a bebida Jurema no novo porrão<sup>118</sup>.

Mãe Luana pede a garrafa que contém a Jurema do ano anterior, da qual foi despejada apenas meia garrafa na bebida Jurema que foi enterrada, em seguida completa a garrafa, com o uso de um funil, com a Jurema preparada este ano. Clementino está na porta que dá acesso à árvore Jurema, onde será montada a Mesa da Jurema, Ernesto segura a panela de alumínio, despejando a bebida no funil - segurado por Izabela e Mãe Luana segura a garrafa. Filhos e netos de Mãe Chica totalmente envolvidos neste ritual, sendo acompanhados por todos e Mãe Luana coloca a Jurema Desta maneira, a bebida Jurema do ano anterior funde-se à bebida Jurema preparada neste ano, enquanto todos permanecem cantando “ Vamos beber Jurema, vamos beber na mesa do juremá. Meu camarada beba só um golinho, só um golinho pra não se embriagar”.

---

<sup>117</sup> Também feito de barro, mas com desenhos, o que o torna mais bonito para compor a Mesa da Jurema.

<sup>118</sup> Este porrão é utilizado somente quando a bebida Jurema está finalizada. Para esta ocasião, Mãe Luana comprou um novo para esse fim, já que o anterior que compunha a mesa não era utilizado há mais de um ano e ficou danificado.



**Imagem 46 - Jurema sendo colocada no porrão**  
22/07/2022  
Fonte: Acervo Autora



**Imagem 47 - Jurema sendo colocada na garrafa**  
22/07/2022  
Fonte: Acervo Autora

Em seguida Mãe Luana finaliza tampando o porrão e entregando para Ernesto que o coloca, embaixo do altar no salão do Cercado. A Yalorixá solicita que, ninguém mexa no porrão, pois ela irá enfeitá-lo com ojás e levá-lo para Mesa da Jurema.

Demos então prosseguimento à organização do Cercado para a festa da Jurema, que foi programada para iniciar às 19h. Os arranjos de flores já estavam prontos e lindos feitos por meus irmãos do GUESB junto com os irmãos do Cercado.

Árvores enfeitadas com ojás, esteiras e folhas forrando o espaço da Mesa da Jurema, flores enfeitando, tudo preparado a fim de completar a Festa da Jurema, recebendo convidados pela primeira vez após o período de luto cumprido.

Mãe Luana inicia a sessão às 19h30, tocando o sino que está na porta do salão do Cercado, em seguida Ernesto inicia a defumação, primeiro no Cercado depois nos médiuns presentes e convidados, auxiliado por PH Ernesto passa a defumação em todos. O Cercado está lindo, a casa recebendo filhos/as antigos/as que comparecem ao momento tão importante para todos da família ICERBO, a retomada das atividades sob a gestão da nova Yalorixá Mãe Luana.



**Imagem 48 - Mesa da Jurema**  
**22/07/2022**  
**Fonte: Acervo Autora**



**Imagem 49 - Mesa da Jurema**  
**22/07/2022**  
**Fonte: Acervo Autora**

Após a defumação, Mãe Luana faz a Prece de Abertura dos Trabalhos<sup>119</sup> acompanhada por todos os médiuns acima citados e outros que não puderam participar do ritual de preparo da bebida Jurema, depois ela puxa o ponto:

Oh bendito louvado seja a Umbanda  
 Saravá o endá!!  
 Se eu sou filha de Orixá na Umbanda  
 Saravá o endá!!

Enquanto esse ponto é cantado por todos, há a saudação, o ato de bater cabeça no altar<sup>120</sup>, que inicia com Mãe Luana e depois segue a sequência hierárquica já citada anteriormente, com o pedido de bênçãos aos irmãos e irmãs presentes. Observando que Kelé e tia Neném não cumprem esse rito por terem idade avançada, assim como alguns médiuns que têm problemas de saúde.

<sup>119</sup> Esta prece é extremamente forte é uma das heranças que só conseguimos através da oralidade. Em respeito aos meus ancestrais, à Mãe Chica, à Mãe Luana e a todas da ICERBO eu não posso publicá-la,

<sup>120</sup> O médium posta-se deitado, de bruços em frente ao altar, em reverência aos Orixás e Entidades ali representados.

E a sessão continua, com Caboclos e Caboclas presentes, muita alegria e emoção até a hora de sentarmo-nos ao redor da Mesa da Jurema. Mãe Luana sentada no banco de madeira que foi de Mãe Chica fala sobre a importância do ritual, da continuidade dele e do quanto está feliz e grata por ser a escolhida em dar continuidade ao Cercado de Boiadeiro.



**Imagem 50 - Mãe Neide, Tia Neném e Bela D'Oxossi**  
22/07/2022

**Fonte: Acervo Junior Martins**

**Imagem 51 - Mãe Neide e Mãe Luana**  
22/07/2022

**Fonte: Acervo Junior Martins**

Mãe Luana fala sobre o papel dos padrinhos da Jurema, pessoas que fazem parte da Irmandade, irmãos e irmãs de fé, e sem querer desmerecer a qualquer um de nós ali presentes, ela chama para sentarem junto a ela, na Mesa da Jurema, os padrinhos<sup>121</sup>, Christina, Clementino, Ernesto, João Paulo e Izabelly<sup>122</sup>. Mandacaru, o ponto, a reza criada por Mãe Chica há mais de 40 anos<sup>123</sup> é cantado por Mãe Luana e acompanhado por todos os presentes, ante o altar - Mesa da Jurema:

Mandacarú  
No meio do sertão  
É um altar de vaqueiro  
Onde ele faz sua oração  
Pai, Filho, Espírito Santo  
Está na hóstia consagrada

<sup>121</sup> Os Padrinhos são os que servem a mesa da Jurema e ficam ao lado da Mãe de santo.

<sup>122</sup> Amiga de Mãe Luana e integrante da ICERBO.

<sup>123</sup> De acordo com relato coletado e transcrito na sessão quatro

Se eu perder um boi  
 Não vou perder a boiada  
 Zambi me dá forças  
 P'reu tocar minha guiada!!

Este é um momento muito especial para todos nós, posso dizer que é o ponto de total comunhão, as rezas e pontos cantados sempre louvando aos Caboclos e Caboclas. Mãe Luana então pega a bebida Jurema que está no porrão e com o auxílio dos irmãos vai colocando-a em pequenas xícaras de ágata, primeiro os padrinhos e madrinhas, depois Mãe Neide e todos os demais recebem a bebida Jurema para bálsamo de renovação da fé. Todos cantam seguindo os Ogãs:

Vamos beber Jurema. Vamos beber na mesa do juremá!  
 Meu camarada beba só um golinho!  
 Só um golinho pra não se embriagar!

A Mesa da Jurema enfeitada de flores, com frutas das mais diversas, abóbora, carne seca, coco em fatias, cocada, mandioca/macaxeira, bolos e mugunzá dentre outras comidas, é compartilhada por Mãe Luana com todos nós. A Mesa da Jurema que tem a imagem do Caboclo Boiadeiro ao centro é para onde nosso olhar vai, quando bebemos o golinho da Jurema e comemos da comida da Mesa da Jurema. Depois retornamos com os copos que são levados para a cozinha, enquanto os Caboclos dançam, cantam e nos abençoam no ápice da Jurema Sagrada da ICERBO.

A sensação de recomeço, de renovação da fé invade o meu coração e de todos ali presentes, pois é o que Mãe Chica sempre desejou a continuidade do ritual da Jurema Sagrada. Conversando com alguns irmãos e irmãs depois de encerrada a sessão pude perceber que o sentimento era o mesmo, de que ela, lá do Orun pode acompanhar todos os detalhes da primeira Sessão da Jurema Sagrada na Irmandade do Cercado de Boiadeiro, com sua neta a herdeira Mãe Luana nos conduzindo.

Para fechar os trabalhos Mãe Luana canta o ponto “Missarandeiro, missarandeiro, me abre a porta me fecha o terreiro, ” enquanto Ernesto passa a quartinha de Ogum<sup>124</sup>, para o fechamento da gira. Uma vez fechado, Kelé faz a sua fala de anos, alterando o copode água para o jantar “Dona Ernestina, me traz o jantar”!!!!

---

<sup>124</sup> A quartinha é um dos elementos sagrados dentro de um terreiro. Contém água, é elemento de firmeza entre os médiuns e os Orixás e Entidades. Este ato tem o significado de retirar de todos os presentes a energia de ligação com Orixás e Entidades.

### 3.3 - Características do Grupo União Espírita Santa Bárbara - estrutura física

O Village Campestre II é um sub-bairro do bairro Cidade Universitária, na cidade de Maceió-AL, que nasceu da ocupação de trabalhadores oriundos, em sua maioria, do interior para trabalhar na cidade. A Rua São Pedro que hoje é corredor dos ônibus e asfaltada, tem no GUESB, situado no número 10 uma referência.

A frente do terreiro ganha destaque pela placa com os dizeres Palácio Oyá D'Oxum sobre o muro revestido de cerâmica de cor clara com suaves bordados amarelos, tendo uma gruta com a imagem de Santa Bárbara incrustada nela. Ao lado, no número 10 – E, o muro pintado de amarelo com um grande portão branco dá acesso à ONG Inaê.

Antes de adentrarmos no terreiro, é importante destacar aqui as atividades que começaram no terreiro, enquanto espaço religioso, e acabaram originando a ONG Inaê, seguindo a dedicação de Mãe Neide, conforme descrito na sessão dois desta pesquisa.



**Imagem 52 - Fachada do GUESB**  
**Maio/2022**  
**Fonte: Acervo João Paulo - Pai Pequeno**



**Imagem 53- Gruta de Santa Bárbara**  
**Maio/2022**  
**Fonte: Acervo João Paulo - Pai Pequeno**



**Imagem 54 - Fachada do Inaê  
Maio/2022**

**Fonte: Acervo João Paulo - Pai Pequeno**



**Imagem 55 - Entrada do Inaê  
Maio/2022**

**Fonte: Acervo João Paulo - Pai Pequeno**

As atividades extramuros começaram com pequenas ações direcionadas à comunidade e foram crescendo, mesmo ante o racismo e a discriminação sofridas por Mãe Neide, seus filhos e filhas sanguíneos<sup>125</sup>. Mãe Neide e seus filhos e filhas, aqui estou me referindo à sua família carnal, nunca recuaram, pelo contrário, sempre mantiveram o propósito de ajudar a população, ao passo que desmistificavam o estereótipo de “macumba” e coisa de demônio que ainda pesam sobre as religiões de matrizes africanas.

Não quero dizer com isso que o preconceito tenha acabado em relação ao terreiro ou aos praticantes, mas as pessoas que têm a oportunidade de participar de alguma ação da ONG Inaê, podem conhecer mais de perto quem somos de verdade.

Dentre as ações desenvolvidas por Mãe Neide e suas famílias, incluídas aqui a família consanguínea e nós, seus filhos e filhas de santo, estão a distribuição semanal de sopa, há mais de 15 anos, para a vizinhança, a distribuição de leite para as famílias cadastradas, e a distribuição de cestas básicas<sup>126</sup>.

Ressalto aqui, que no auge da pandemia, as ações de distribuição de sopa e de cestas básicas foram intensificadas, tendo contribuído para minimizar os impactos sofridos pela população vizinha. Para explicitar melhor ao leitor, estão cadastradas 150 famílias, que recebem dois litros de leite por semana. No mês passado foram distribuídas duzentas cestas básicas, já a sopa, que é distribuída semanalmente, atende em média 130 famílias.

<sup>125</sup> Dentre alguns casos, destaco o apedrejamento que a gruta de Santa Bárbara sofreu algumas vezes.

<sup>126</sup> Para maiores informações acerca dos projetos desenvolvidos, há muitas matérias na internet. A exemplo: <<https://tribunahoje.com/noticias/cidades/2021/06/17/78097-familias-carentes-do-village-ii-serao-beneficiadas-nesta-quinta-com-cestas-basicas>><<https://www.nidelins.com.br/2020/04/23/sopa-do-coracao/>>



**Imagem 56 - Distribuição de sopa na  
pandemia  
Abril/2020**

**Fonte: Acervo Junior Martins - Pai Ogã**



**Imagem 57- Distribuição de sopa na  
pandemia  
Abril/2020**

**Fonte: Acervo Junior Martins - Pai Ogã**

Outras ações são desenvolvidas por Mãe Neide, dentro do terreiro e na ONG Inaê, e dentre elas podemos destacar a abertura dos portões do sagrado aos estudantes e visitantes que querem saber um pouco mais sobre a Umbanda. Atividades de formação, como cursos e oficinas, que são desenvolvidas estritamente pela ONG Inaê, criada, aliás, para esse fim, como descrito na sessão dois desta pesquisa.

Com as ações desenvolvidas, percebemos que a Yalorixá, pode, através da ação social efetiva, contrariar o mito da democracia racial, escondido há tanto tempo sobre outros nomes, mas que sempre incomodou e mudou o rumo de muitas famílias afrodescendentes. A relação de Mãe Neide vai além da orientação espiritual e os conhecimentos adquiridos ao longo da sua vida são repassados aos mais novos, então adentremos no terreiro, no GUESB.

Ao adentrarmos pelo portão de ferro que dá acesso ao terreiro, encontramos do lado esquerdo uma porta pintada de vermelho, espaço reservado ao Orixá Exú<sup>127</sup>. Uma imagem em tamanho do sagrado coração de Jesus e uma prateleira com copos e incensos separam esse espaço do salão principal. Mais à frente, do lado direito tem a casa (Pejí<sup>128</sup>) de Pomba-gira e, ao lado desta, a casa dos Ciganos. Do lado esquerdo, num plano mais alto, ficam os três atabaques dos Orixás e no chão o atabaque de Exú. Na parede do lado esquerdo vários

<sup>127</sup> Filho mais novo de Oxalá, Orixá que representa o princípio e o fim.

<sup>128</sup> Nome dado às casas dos orixás.

quadros com diplomas, fotografias que retratam a passagem - de pessoas públicas, artistas, sacerdotes de casas religiosas - pelo GUESB, contrastando com a parede branca.

Ao fundo, de frente para o portão do terreiro, dois degraus separam o salão principal da ala reservada aos Pejís dos Orixás, o principal que fica de frente para a entrada do terreiro é dedicado a Oxalá<sup>129</sup>. Ladeando o Pejí de Oxalá existem dois corredores, um à esquerda e outro à direita, que abrigam os Pejís dos Orixás, e todos seguem o mesmo padrão: portas de madeira pintada na cor do Orixá e vidros que possibilitam a visualização do interior a partir do exterior das mesmas. No lado esquerdo do corredor, ficam os Pejís dos Orixás femininos, Yabás, Oxum, Iansã, Nanã, Iemanjá e Obá. À direita, os Pejís dos Orixás masculinos, Oborós, Ogum, Obaluayê e Xangô. Atrás do Pejí de Oxalá está o Pejí de Oxumaré e ao lado deste o Pejí de Erê. Na parede lateral do Pejí de Oxalá, que também abriga o quarto com banheiro para as obrigações dos iniciados encontramos o assentamento do Orixá Tempo.



**Imagem 58 - Pejís dos Orixás  
Maio/2022**

**Fonte: Acervo João Paulo - Pai Pequeno**



**Imagem 59 -Salão do GUESB  
13/05/2019**

**Fonte: Acervo Autora**

Em frente ao Pejí de Oxumaré está a casa de Vovó Maria Conga, que chama a atenção por ser de taipa<sup>130</sup> e em tamanho natural, com sala e quarto, com duas imagens em tamanho real que reproduzem um casal de Pretos-velhos em tamanho natural. Acima dessas imagens, destaca-se a que representa Vovó Maria Conga. Uma mesa grande com várias xícaras contendo café, também está disposta nesta sala, a Yalorixá explicou que cada xícara corresponde ao preto-velho de um filho da casa com obrigação feita.

<sup>129</sup> Sincretizado com Jesus no catolicismo.

<sup>130</sup> Massa feita com barro, aplicado a madeira rústica.



**Imagem 60 - Casa da Vovó Maria Conga**  
**13/05/2019**  
**Fonte: Acervo Autora**



**Imagem 61 - Cozinha da Vovó Maria Conga**  
**13/05/2019**  
**Fonte: Acervo Autora**

Atrás da casa de Vovó Maria Conga há uma cozinha com artefatos rústicos, com destaque para um fogão à lenha com sete bocas, várias panelas e pratos de barro. Nessa cozinha também encontramos um busto em homenagem a Zumbi do Palmares<sup>131</sup>, esculpido em pindaíba, árvore que foi derrubada para possibilitar a construção da casa de taipa. Essa árvore, segundo a mãe-de-santo, era amplamente utilizada pelos escravos na cura de doenças. “Vários artefatos que foram doados por fazendeiros do interior compõem a cozinha da Vovó. Foram de antigas fazendas que tinham pessoas escravizadas, o pilão de madeira, a mesa de farinha, tudo foi utilizado por nossos ancestrais”, explica Mãe Neide.<sup>132</sup>

<sup>131</sup> Herói negro nacional, reconhecido através de Decreto-Lei.

<sup>132</sup> Relato coletado em entrevista realizada no dia 10 de janeiro de 2022.

### 3.3.1 - O Ritual da Jurema no Grupo União Espírita Santa Bárbara

Mãe Neide relata que a prática do culto à Jurema já era parte integrante das atividades religiosas realizadas por ela que começou a fazer a bebida seguindo as instruções do Caboclo Boiadeiro de Mãe Neide, que a acompanha desde a adolescência. Com este cenário, procuro elencar fatores que demonstram a influência da ICERBO no GUESB e vice e versa, pois percebo que as modificações e solidificações encontradas mostram a reelaboração amalgamada pelas Yalorixás em seus trânsitos afetivos e espirituais.

O ritual da Jurema no GUESB aconteceu até o ano de 2015 na sede em Maceió, mas desde 2016 vem sendo realizado na Serra da Barriga, no espaço Navizala<sup>133</sup> que fica nas terras que Mãe Neide adquiriu junto com filhos no berço da liberdade. “Já queria trazer para cá, pois fazia lá e aqui e quando veio a pandemia transferi logo para lá, pois é na Serra né? Local aberto e sem perigo de contaminação”<sup>134</sup>.

O preparo da Jurema tem início no dia 13 de janeiro, uma semana antes do dia 20 de janeiro quando, no GUESB é comemorado o dia dos Caboclos. Uma vez estabelecida a data, os filhos/as contribuem com os elementos que compõem a bebida, mas cabe à Yalorixá o controle da qualidade das ervas. São utilizadas as cascas da jurema branca, mel, vinho tinto dentre outros elementos que não podem ser aqui descritos, pois constituem o segredo que faz parte da fundamentação do ritual da Jurema.

Assim como na ICERBO, o ritual do preparo da Jurema é restrito aos filhos/as da casa e, como tem sido realizado na Serra da Barriga, a nossa chegada é sempre na véspera. Para esse momento não é necessário o uso de roupas exclusivamente brancas, podendo ser usada roupa também estampada, mas é necessário que todos estejam de corpo limpo, que significa se resguardar de atividades que envolvam o consumo de bebidas e a prática de sexo, pelo menos um dia antes de chegar ao terreiro.

---

<sup>133</sup> Nome escolhido pelo Pai Pequeno João Paulo. De origem bantu, que significa senhor do amor. **Navizala** (que vem de Nzuá, abreviatura de Ngna=senhor, e Uzola= ama, amar)

<sup>134</sup> Relato coletado em entrevista realizada no dia 10 de janeiro de 2022 no GUESB.



**Imagem 62 - Local onde a Jurema era realizada na sede do GUESB - Maceió  
Maio/2022  
Fonte: Acervo João Paulo - Pai Pequeno**



**Imagem 63 - Mesa da Jurema no GUESB - Maceió  
20/01/2008  
Fonte: Acervo Autora**



**Imagem 64 - Mãe Neide pilando os ingredientes da Jurema no Navizala  
13/01/2021  
Fonte: Acervo Igor Luiz**



**Imagem 65 - Mãe Neide em momento de enterrar a Jurema no Navizala  
20/01/2018  
Fonte: Acervo Rayanne Rodrigues**

Há a necessidade de que todos tomem um banho de ervas para efetivar a purificação do corpo, normalmente quem prepara o banho é Luzia de Ossain que utiliza, em sua maioria, as ervas que foram plantadas por Mãe Neide no terreiro da Serra. Hortelã grossa, manjeriço e alecrim são as mais utilizadas, podendo também conter maravilha amarela. Após o banho de

ervas, os filhos e filhas começam a preparar a mesa que será utilizada para receber os ingredientes que compõem a bebida sagrada. Copos de barro, potes de louça, colheres de pau, garrafas de vinho, mel, água, canela, casca de anjico e outros ingredientes são depositados nesta mesa.

O Pai Pequeno, João Paulo, é o encarregado de deixar pronto o local onde a Jurema será enterrada, ele o faz sozinho ou com auxílio de filhos da casa. O local onde a Jurema é enterrada foi isolado e parte cimentada, uma vez que quando é período de chuvas a água descia direto da serra para essa parte sagrada. O local foi cimentado ficando com terra somente o espaço onde a juremeira está plantada e o local de enterrar a Jurema, que na imagem abaixo está coberto com uma chapa de ferro com dois pilões em cima.



**Imagem 66 - Local onde a Jurema é enterrada no Navizala  
13/01/2021  
Fonte: Acervo Igor Luiz**

Em depoimento coletado no dia 10 de janeiro de 2022 na residência de Mãe Neide, ela descreveu como é feita a jurema:

Ela leva vinho, mel, água, a casca da jurema branca e outros ingredientes que não posso revelar para ser escrito em canto algum. E o filho, ou filha que disser, vai se ver com Seu Boiadeiro. Primeiro separamos o porrão, a colher de pau, e colocamos tudo no local onde a jurema vai ser enterrada, depois pegamos a bebida que foi separada do ano anterior que fica nos pés de Seu Boiadeiro na casa dele. Tudo junto, acendemos a vela para firmar e pedir licença à ancestralidade para cumprir o nosso ritual. Eu sempre agradeço por estar viva, especialmente em tempos tão difíceis quanto o que estamos passando, depois eu canto “eu vou abrir minha jurema, vou abrir meu

juremá, vou abrir minha jurema, vou abrir meu juremá, com a licença de Pai Oxossi e Nosso Pai Oxalá!!” Depois os ingredientes vão sendo colocados por mim no porrão de barro, com a ajuda do Pai Pequeno e da Mãe Pequena, sempre fazendo as orações em forma de cânticos. Ao final desse preparo a jurema é enterrada no local certo e coberta para depois ser levantada.

Após uma semana, no dia 20 de janeiro, a Jurema é levantada no raiar do dia, com todos os que estiveram presentes no primeiro dia do ritual. Para levantar a Jurema, primeiro nós louvamos o Caboclo Boiadeiro e desde que me lembro do ritual, a louvação é com o cântico de Mãe Chica, Mandacarú, já citado nesta sessão.

Contudo cabe ressaltar que ao cantar esse ponto, todos ficam ajoelhados e ao terminar, Mãe Neide complementa pedindo aos Caboclos e a Senhor Oxossi pelo dia Dele, que Ele nos conceda saúde e paz. A Jurema levantada é então transferida do porrão que ficou enterrado por 7 dias para o porrão que irá compor a Mesa da Jurema.



**Imagem 67 - Mesa da Jurema no Navizala  
13/01/2018  
Fonte: Acervo João Paulo - Pai Pequeno**



**Imagem 68 - Jurema levantada sendo  
transferida de porrão  
20/01/2018  
Fonte: Acervo Roseane Castela**

Após a transferência de recipientes, Mãe Neide prova a Jurema, para saber se está no ponto certo, após ela aprovar, passa o copo de barro para seu filho, João Paulo, Pai Pequeno do GUESB. Na sequência, Mãe Neide repassa aos mais velhos, obedecendo à hierarquia, ou aos caboclos, caso tenha algum incorporado neste momento.

O próximo passo para a realização da Festa da Jurema é a preparação do terreiro na Serra, onde todos participam com muita dedicação. Folhas, flores, frutas e as comidas dedicadas aos Caboclos e ao Orixá Oxossi compõem a Mesa da Jurema. Alguns filhos e filhas são responsáveis pelas folhas que serão utilizadas na decoração do salão, outros pela limpeza, enquanto Mãe Neide cuida pessoalmente da comida do santo, auxiliada por filhos e filhas. Dentre as folhas utilizadas, está a samambaia do mato, que tem em abundância na Serra, especialmente no terreno de propriedade de Mãe Neide, onde fica o Navizala.

Em relação à comida preparada, estão a abóbora em diversas formas, desde a moranga enfeitada com fatias de coco, milho e amendoim, prato dedicado a Oxossi, passando pelo purê de abóbora. Compõe ainda a mesa, arroz, carne assada, feijão tropeiro, farinha para servir aos presentes, além das frutas que são variadas, melancia, manga, banana, maçã, uvas e coco. Tudo é preparado adequadamente, cozido, lavado e, especialmente, tratado como complemento à fonte de renovação espiritual para todos que vão ingerir os alimentos.

As frutas são colocadas na mesa da Jurema e as comidas somente irão quando todos estiverem prontos para a festa e aí começará a terceira parte do ritual que é quando levamos as comidas da cozinha para a Mesa da Jurema, sempre cantando e vibrando.



**Imagem 69 - Mesa da Jurema  
20/01/2021**

**Fonte: Acervo Rayanne Rodrigues**

Antes de iniciar a festa é feito o padê para Exú, como já citado nesta pesquisa, o Orixá Exú é o primeiro que recebe as oferendas. Mãe Neide antes de iniciar a festa, ou qualquer outra gira/sessão/toque tem o ritual de firmar o terreiro de forma específica e os filhos/as que têm mais tempo e/ou cargo na casa são responsáveis pelo preparo. No meio do salão do

Navizala é colocada além do padê, uma quartinha de Exú com uma vela acesa, uma quartinha de Ogum, com o pote que receberá as ofertas, da mesma forma firmada com uma vela.



**Imagem 70 - Salão do Navizala com o centro firmado  
20/01/2021**

**Fonte: Acervo Rayanne Rodrigues**

Normalmente as sessões no Navizala são iniciadas às 15h, começando com a saudação da Mãe Neide à ancestralidade. Em seguida ela canta três pontos para Exú, sendo que no último, o padê, a quartinha, o pote e as velas são retirados. O padê com a quartinha de Exú e a vela vai para o lado esquerdo do portão que dá acesso ao Navizala, a quartinha de Ogum fica do lado direito do portão, e o pote com a oferenda de filhos e filhas e convidados vai para o pé do principal atabaque com a outra vela. Cabe aqui ressaltar que um dos pontos cantados por nós para Exú é o pedido para que o Orixá nos livre das mazelas do corpo e do espírito e durante esse cântico/ponto utilizamos notas ou moedas para ofertar, depositando-as no pote<sup>135</sup>.

Na sequência, Mãe Neide canta para a defumação:

Corre gira pai Ogum  
Filhos quer se defumar  
Umbanda tem fundamento é preciso preparar  
Com incenso e bejoim  
Alecrim e alfazema  
Defumai filhos de fé  
Com as ervas da Jurema!

<sup>135</sup> Pote de barro que vai para os pés do atabaque principal, uma vez que os Ogãs têm a responsabilidade de chamar os Oixás e entidades com seus toques.

As ervas que compõem a defumação são preparadas pelo Pai Pequeno e a defumação é executada por Pai Dorge auxiliado por um dos irmãos que estejam disponíveis. Todos e todas são defumados/as, começando pelo espaço religioso, depois Mãe Neide e, cumprindo a hierarquia religiosa, em seguida os convidados são defumados. Após a defumação, o Ogã canta outros pontos, seguindo orientação prévia de Mãe Neide. Excetuando a ‘chegada’ do Caboclo Boiadeiro, os pontos cantados são primeiro para Ogum, depois para Oxossi já abrindo para a festa. Daí para frente o Ogã segue o determinado pelo Caboclo Boiadeiro em convergência com o Pai João Paulo que é a pessoa responsável pela pausa a fim de executar o ritual de beber a Jurema. Ele auxiliado por Ekedis e Egbomis, colocam a bebida Jurema nos copos de barro e os médiuns os vão recebendo aos pés do local aonde a Jurema está.

As convergências e ressignificações entre os rituais são muito significativas, em especial quando conversamos com Mãe Neide a respeito das reelaborações que elas, Mãe Neide e Mãe Chica, fizeram ao longo da caminhada juntas. Elas sempre conversavam sobre como fazer as coisas, como cuidar dos filhos e filhas, a Jurema Sagrada é um elemento físico que as une, como a muda da árvore que Mãe Neide trouxe de Mãe Chica e plantou no alto do platô da Serra da Barriga. Como as orações e cânticos feitos por Mãe Chica e cantados por Mãe Neide e por todos nós.

Dentre as convergências praticadas pelas Yalorixás fundadoras e pela Yalorixá herdeira da ICERBO, percebo algumas que são fundamentais para mim, enquanto filha de santo e também Yalorixá<sup>136</sup>, dentre elas destaco o preparo de médiuns de forma geral. Não é apenas sobre estar livre de álcool e drogas, é sobre estar e procurar ser um instrumento de paz e harmonia cotidianamente.

O resguardo - que é um tabu para muitas pessoas, pois é necessário a abstenção de álcool, assim como não frequentar bares e lugares de festas, excetuando as pessoas que trabalham nestes estabelecimentos, compõem a rotina de quem é filho ou filha de santo de Mãe Chica, Mãe Neide e Mãe Luana e daqueles que participam do ritual da Jurema Sagrada. Este procedimento é para resguardar o corpo (que é utilizado pelos Orixás e Entidades), permitindo uma conexão<sup>137</sup> e/ou incorporação adequada, pois a energia Deles e Delas é pura e nosso corpo necessita estar o mais puro possível para que possamos ser instrumentos.

As diferenças no preparo da bebida Jurema Sagrada pelas Yalorixás consistem, basicamente nos utensílios. Na ICERBO o preparo da bebida é feito na panela de alumínio para depois ser colocado no porrão de barro. As ervas são piladas sem o uso do pilão

---

<sup>137</sup> Nem todos os filhos e filhas são médiuns de incorporação, mas todos mantêm uma conexão com o Sagrado.

tradicional, no GUESB as ervas são piladas no pilão tradicional e colocadas direto no porrão de barro que ficará enterrado por sete dias.

#### 4. YALORIXÁS, OS TRÂNSITOS E A POLÍTICA DE ALIANÇAS ENTRE AS CASAS RELIGIOSAS.

As relações pessoais nos terreiros de Umbanda são conhecidas por apresentarem características de acolhimento, pois os terreiros têm a prática de atendimento ao público, que é feita pelas Entidades, pelos Caboclos e Pretos-Velhos, sendo esta uma característica de aproximação entre a sociedade e os praticantes<sup>138</sup>. Ao observar a relação das Yalorixás fundadoras, lembro-me da minha infância e adolescência, pois como disse no capítulo introdutório desta pesquisa, sempre fui levada para terreiros de Umbanda. Elas mantiveram laços e trocas de confiabilidade que superam, na minha perspectiva, estas trocas de confiabilidade comuns aos terreiros de Umbanda. Elas fizeram mais e formaram em mim características essenciais que me possibilitaram chegar até aqui, como de outras pessoas que fazem parte da família ICERBO e GUESB.

Desde o dia que se conheceram e durante as oportunidades que tive de estar com as duas juntas pude ouvir algumas das frases: Mãe Neide é uma filha pronta que Deus me deu (dita por Mãe Chica); Mãe Chica é luz no meu caminho, foi presente de Deus (dita por Mãe Neide). Elas têm em comum, características muito fortes, tais como a estrutura do mundo familiar e a religiosidade, elas agregam à sua família os amigos e amigas dos filhos e filhas consanguíneos de maneira muito peculiar, sem perder a base da religiosidade que as conduz<sup>139</sup>. Como disse Mãe Chica em entrevista à escritora Sandra Almada.

Acho que religião ajuda a manter a estrutura familiar, ajuda muito a manter a família. Eu não saberia viver sem esse apoio da fé, da minha religião, que eu acho que está dentro da gente. (ALMADA, 1995, p. 49)

Mãe Neide também mantém a fé como alicerce familiar e agrega à sua família a base religiosa que a constitui, como relatado por ela em entrevista.

Eu sempre lutei muito para criar meus filhos, hoje vejo o meu mais velho como Pai Pequeno, minha Naná como escolhida por Oxum<sup>140</sup>, Juninho como Ogã e a Luzia, meu Deus, essa você viu desde que chegou, né? O que mais posso pedir a Deus? Que eles continuem crescendo dentro e fora do terreiro, cada um com a sua profissão, ganhando seu dinheiro honestamente e

<sup>138</sup> Ver em Luiz Antonio Simas e Luiz Rufino. A ciência encantada das macumbas. Rio de Janeiro: Mórula; 2018.

<sup>139</sup> Opto aqui pela forma verbal no tempo presente, mesmo com a partida de Mãe Chica por acreditar que essa condução permanece e permanecerá.

<sup>140</sup> Naná é Ekedi de Oxum, escolhida pela Yabá no ano de 2015.

vivendo aqui, com o santo e para ajudar quem precisa. (Relato de Mãe Neide em entrevista a mim concedida no dia 10 de fevereiro de 2022)

As famílias consanguíneas das Yalorixás estão diretamente envolvidas em todas as ações realizadas dentro e fora dos espaços religiosos. Filhos, filhas e netos são praticantes desde crianças. Christina é também mãe de santo, e é quem sempre recebe as Entidades para os trabalhos, Izabela - Bela D'Oxossi é Ekedí de Oxossi, Clementino é Ogã de Xangô, Ernesto é Ogã de Oxossi e Luana é Mãe Luana, a herdeira da ICERBO. Oranyan, o neto mais novo de Mãe Chica permanece ao lado da família, especialmente do avô Kelé.

Ratifico aqui que Mãe Chica sempre afirmou que a ICERBO não é um terreiro, é uma irmandade, como também foi relatado por Bela D'Oxossi na sessão dois - **Um breve perfil das Yalorixás fundadoras**. Mãe Chica declarou que não tem terreiro.

Eu tenho meu cercado de boiadeiro. Eu tenho minha casa de santo, mas é uma coisa fechada, particular, é só para ter os meios para praticar a caridade, porque foi uma missão que me foi imposta. Tenho 21 anos de santo feito no candomblé. Mas minha atuação é na linha de umbanda, meu trabalho é na linha de umbanda. (Mãe Chica apud ALMADA, 1995, p. 51)

Mas as Yalorixás fundadoras não agregam somente os conceitos e práticas acima citados, elas realizaram um trânsito com seus filhos e filhas consanguíneos que nos permite, e aqui me incluo enquanto filha de santo de Mãe Chica e Mãe Neide, chegar hoje com um laço de afetividade, de união, que extrapola os conceitos que conheço.

Em relação aos filhos consanguíneos das Yalorixás, há um intenso trânsito estabelecido entre elas. O filho mais velho de Mãe Neide, João Paulo, é filho de santo de Mãe Chica e fez a sua obrigação com ela no ano de 2003. A filha mais velha de Mãe Neide, Janaína (Naná) é filha de santo de Christina, a filha mais velha de Mãe Chica, que fez a obrigação de Naná antes dos 15 anos dela, no ano de 2007. Já o filho mais novo de Mãe Neide foi suspenso como Ogã de Caboclo Boiadeiro também no ano de 2007 e tem como mãe de santo Mãe Chica, já a filha caçula de Mãe Neide, Luzia, fez a obrigação ainda pequena, com três anos e meio, no ano de 2010, e a mãe de santo dela é Mãe Luana Xavier. As duas têm muita semelhança física, Luzia parece muito com Mãe Luana, quando esta era pequena, ela chama Luzia, carinhosamente de *mini me*.

Estes detalhes corroboram a minha proposta nesta sessão, que é dentre outras, a de evidenciar as relações que as duas Yalorixás fundadoras iniciaram e que tem continuidade. Mãe Luana, além de herdeira da ICERBO, ratifico aqui, apontada como herdeira pelo

Caboclo Boiadeiro de Mãe Chica, é também filha de santo de Mãe Neide, também escolhida pelo Boiadeiro de Mãe Chica. Essa escolha ocorreu em julho de 2011, na festa de Caboclo Boiadeiro, onde a Jurema Sagrada é o centro do ritual. Da mesma forma, a minha relação com Mãe Neide começou na festa Dele, como citei na sessão introdutória desta pesquisa. A Jurema é o veículo que nos une e que fortalece os nossos laços.

Destaco aqui que na Umbanda há ritos que se assemelham aos praticados na igreja católica, como o batizado, que marca a iniciação da criança na religiosidade, e também como apresentação na comunidade religiosa na qual está inserida. Neste ritual há as figuras de padrinho e madrinha, como no da igreja católica, também na Umbanda podem ser pessoas físicas ou a espiritualidade. Configurando os trânsitos e as alianças, elementos desta pesquisa, elenco aqui alguns que auxiliam o leitor à compreensão dos trânsitos familiares e sociais, nos quais minha família tem participação ativa.

Minha filha Tábata, foi batizada na ICERBO com três meses e sete dias, tendo como padrinho o Caboclo Boiadeiro de Mãe Chica, e como madrinha minha amiga, a mesma citada no capítulo introdutório desta pesquisa. Tainá, minha filha do meio foi batizada na ICERBO aos dezessete meses de idade, tendo como padrinho o Oxossi de Mãe Chica, e como madrinha a mesma amiga supracitada. Tuany, minha filha mais nova foi batizada na ICERBO aos quatro meses, tendo como padrinho o Caboclo Boiadeiro de Mãe Chica e como madrinha uma amiga minha. Após os batizados, as minhas filhas seguiram participando das atividades na ICERBO e na família de Mãe Chica e Kelé, como também já detalhei na sessão introdutória.

Após atingirem a maturidade, em um nível considerado apropriado para a escolha da religião que seguiriam, ambas optaram por se iniciarem na Umbanda. Como na época eu já estava totalmente integrada ao GUESB, sendo então a minha casa religiosa, minhas filhas realizaram na Umbanda suas respectivas iniciações sob os cuidados de Mãe Neide, como descrito a seguir.

Há ainda outros trânsitos, como o meu, que sou iniciada<sup>141</sup> na Umbanda na ICERBO e fui dada à Mãe Neide, como também citado na sessão introdutória, como filha de santo e fiz minha obrigação no GUESB no ano de 2005. Minhas filhas consanguíneas são filhas de santo de Mãe Neide; a primeira a fazer a obrigação com Mãe Neide foi Tainá, minha filha do meio,

---

<sup>141</sup> Termo utilizado para quem faz o primeiro preceito na religião.

em julho de 2009. Tábata e Tuany, a mais velha e a mais nova, respectivamente, são irmãs de camarinha<sup>142</sup> de Luzia, ambas fizeram sua iniciação no GUESB em julho de 2010.

Os trânsitos e as relações não param de evoluir ao longo dos anos, estabelecendo além dos laços religiosos e afetivos, alianças políticas pertinentes a ancestralidade de luta que as Yalorixás fundadoras e a herdeira da ICERBO desempenharam e continuam desempenhando. Antes de descrever alguns destes laços de resistência, elenco ainda, alguns dos que se formaram a partir da Jurema Sagrada:

Caboclo Boiadeiro de Mãe Chica, padrinho de Tábata e Tuany (minhas filhas). Mãe Chica, madrinha do GUESB, minha mãe de santo, (sou irmã de santo de Clementino), João Paulo e Junior Martins (filhos consanguíneos de Mãe Neide). Christina, mãe de santo de Janaína, filha natural de Mãe Neide. Mãe Neide, minha mãe de santo e também de Tábata, Tainá, Tuany e Luana. Mãe Luana, mãe de santo de Luzia, madrinha de Tábata, Tainá e Tuany no santo. Junior Martins, padrinho no santo de Tuany.

Os laços espirituais acima são apenas alguns dos muitos que integram as famílias ICERBO e GUESB, pois há vários irmãos e irmãs de santo do GUESB que têm Mãe Luana, Mãe Chica e Mãe Christina como madrinhas no santo, inclusive filhos e filhas de irmãos e irmãs de santo. A irmandade não está no nome do GUESB, porém está presente em todas as ações que Mãe Neide direciona enquanto Yalorixá. A religião e, sobretudo, o culto à Jurema, favoreceu essa aliança de famílias consanguíneas e espirituais.

Nesta configuração familiar, é importante ratificar o que já foi descrito na sessão dois deste estudo, sobre a relação de Mãe Chica e a ICERBO – Irmandade que tem configurações familiares estruturadas por afetividade, além da espiritualidade comum aos terreiros de forma genérica. Ressalto aqui uma informação coletada em campo, com a tia Neusa, amiga de Chica<sup>143</sup> e de Kelé há mais de cinquenta anos. Ela, assim como eu e muitas de nós que fazemos parte da família ICERBO, somos tratados pela família consanguínea de Mãe Chica, como irmãos e irmãs. Tia Neusa declarou, em entrevista que me concedeu *on line*, em 10 de outubro e 2021:

A minha amizade com Chica vêm de longe, daqui de Salvador, quando ainda éramos jovens, garotas mesmo. [...] em uma das vezes que fui no Rio de Janeiro para passear, acompanhando Dona Otília<sup>144</sup>, Chica me falou sobre a necessidade que eu tinha de desenvolver meu lado espiritual. Eu tive vários problemas de saúde, que cuidei indo ao médico e fazendo tratamento, mas

<sup>142</sup> Designação do local de recolhimento do médium para a iniciação ou, outros ritos na Umbanda.

<sup>143</sup> Esta é a forma como tia Neusa se refere à Mãe Chica, por este motivo, não está precedido da qualificação de mãe de santo.

<sup>144</sup> Madrasta de Kelé, de quem tia Neusa era vizinha.

sempre fui operada e medicada pela espiritualidade. Anos depois, em 1984, após o casamento de Christina, que iniciei como médium do Cercado, fazendo parte dessa grande família que somos.

Esta irmandade, encontrada nos espaços sagrados aqui estudados, onde o Cercado/Terreiro configura-se em um lugar comum a todos, ali unidos em prol de um mesmo interesse, o desenvolvimento espiritual, é apontada como processo de resistência, mesmo ante às diversas dificuldades. O culto à Jurema Sagrada é parte integrante deste movimento de resistência que encontramos na ICERBO e no GUESB, enquanto espaços de garantia de laços e onde a identidade é acolhida e respeitada, como descritas em pesquisas anteriores, a exemplo de Vilson Souza Junior:

É [...] que faz das comunidades-terreiros espaços de diálogo e da tradição mantida pelos mais velhos algo dinâmico que resiste até às previsões que apostam no desaparecimento dessas religiões ante aos modismos e tendências que não param de surgir. Ante a redução do tempo nas grandes cidades, um agrado que demanda tempo para ser cultuado continua presente, reinventando-se e inventando-se a todo momento, não por ter perdido algo, nem por medo de afastar-se de seus princípios mantenedores de identidade, mas por entender que a melhor forma de estar no mundo é inserindo-se nele como sempre fez desde o início, sendo capaz de construir algo contemporâneo e dar respostas a questões humanas através de uma leitura sagrada, cumprindo, assim, uma de suas maiores funções: estreitar os laços entre a humanidade e o divino. (SOUZA JUNIOR, 2011, p. 21)

Neste mesmo princípio de Irmandade, ousou descrever a relação de Mãe Chica com Mãe Neide. Pois, desde que conheceu Mãe Neide, Mãe Chica sempre participou das atividades/sessões ou giras que compõem o calendário religioso do GUESB, a exemplo do preparo da feijoada de Vovó Maria Conga e da festa de Iansã. Como também já citei na sessão em que faço um breve perfil das Yalorixás, Mãe Neide tem como uma das datas fixas, a festa da Vovó Maria Conga, iniciando no dia 12 de maio, com o Rosário à Nossa Senhora, e após o rosário o início do preparo da feijoada. Cabe aqui ratificar que eu, enquanto criança e jovem, tive contato direto com a Preta Velha Vovó Maria Conga, que minha Mãe biológica incorporava, como também, foi por influência direta de Tia Beata (Preta Velha de Mãe Chica) que a conheci, como descrito na sessão introdutória desta pesquisa.

Na ICERBO e no GUESB, estes laços são fortalecidos pela coletividade, que tem o exemplo das Yalorixás fundadoras e a herdeira da ICERBO, Mãe Luana, que permanece fortificando as alianças ao participar das mesmas festas que a sua avó participava.

Os terreiros são espaços de diálogo sem perder a tradição das mais velhas e dos mais velhos, e justamente por serem estes locais de acolhimento espiritual e de afetividade, a força que nos permite resistir às intempéries sociais e econômicas, individuais e coletivas torna-se mais poderosa. Digo isto por ter passado - ao longo desses mais de 35 anos convivendo com Mãe Chica e sua família, e igualmente com Mãe Neide e sua família, nos últimos dezessete anos - por vários percalços nos quais as Mães foram e continuam sendo um suporte na minha vida. Ressalto aqui que quando estou citando, no parágrafo anterior, as famílias, refiro-me tanto às famílias consanguíneas quanto as que construímos com a vivência nos terreiros.

Para além desses sentimentos que envolvem a mim, em relação às Pretas Velhas, há o sentido espiritual da feijoada, precedida pelo rosário, um contexto mais profundo na minha perspectiva, que é o da união, da reciprocidade das minhas duas mães de santo e suas respectivas famílias. Ressalto aqui que, em todas as oportunidades em que Mãe Chica compareceu ao GUESB para a feijoada da Vovó, ela sempre estava acompanhada com familiares, Christina ou Luana, dentre outros. Neste contexto de harmonia entre as duas Yalorixás fundadoras percebo as Entidades como as responsáveis por abençoar e dar sentido espiritual à feijoada, para que ela possa cumprir a sua função, de levar a cada um daqueles que a comem, a paz, a sabedoria, a cura dos dores da alma e do corpo. Mas são elas, as Mães, que transmitem aos filhos e filhas presentes o ensinamento que as Entidades as intuem, pois elas são, para nós, exemplos de amor, fé e sabedoria.



**Imagem 71 - Mãe Chica e Mãe Neide na casa da Vovó Maria Conga  
12/05/2017  
Fonte: Acervo Autora**



**Imagem 72 - Mãe Chica e Mãe Neide na casa da Vovó Maria Conga  
13/05/2017  
Fonte: Acervo Tuany Puentes**



**Imagem 73 - Mãe Chica na Festa de Iansã  
04/12/2015**

**Fonte: Acervo Larissa Fontes**

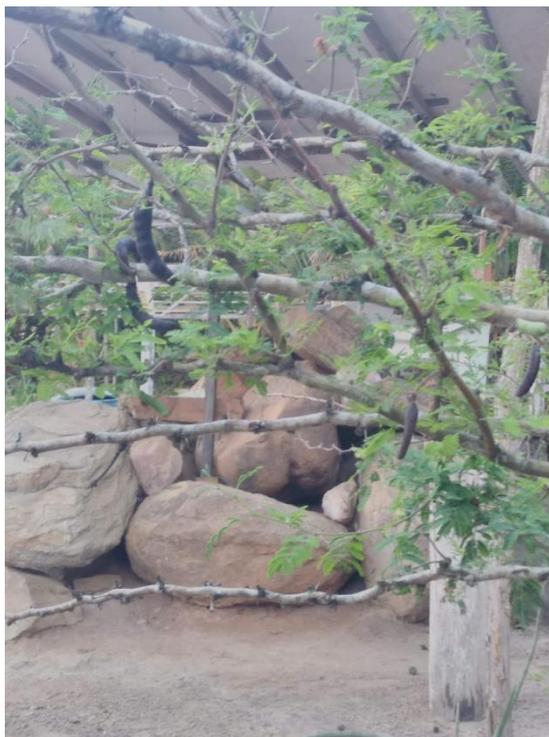


**Imagem 74 - Mãe Luana na Festa de Iansã  
04/12/2019**

**Fonte: Acervo Rayanne Rodrigues**

Outra data fixa no GUESB é a festa de Iansã, realizada no dia 04 de dezembro, onde há a missa em louvor à Santa Bárbara, na qual todos participam vestidos de branco e que, sempre é aberta ao público. Destaco aqui a missa, realizada em dezembro de 2018, que foi celebrada por Padre Manoel Henrique (que desencarnou em outubro de 2022), na calçada do GUESB onde fica a gruta de Santa Bárbara.

Também na festa de Iansã tivemos a oportunidade de reunir Mãe Celina e Mãe Chica, o que era um grande desejo de Mãe Neide, juntar aquela que a iniciou com a que o destino lhe deu de presente.



**Imagem 75 - A juremeira no Navizala  
20/01/2021  
Fonte: Igor Rodrigues**

As Yalorixás fundadoras sempre foram ativas fora dos espaços sagrados, como já citei na sessão dois desta pesquisa, e parte das atividades delas foi compartilhada de forma amorosa, sem, contudo, perderem os laços espirituais, fortalecendo-os sempre que podiam. Mãe Neide foi a responsável pelo jantar em comemoração às bodas de ouro de Mãe Chica e Kelé, realizada no dia 07/07/2006 em um salão de festas no bairro de Sepetiba, Rio de Janeiro. Mãe Chica e Mãe Neide estiveram presentes em festas de aniversário de filhos, filhas e netos, como no aniversário de 15 anos de Janaína (Naná), quando Ernesto foi o príncipe da debutante, sob os olhares afetuosos de toda a família que compareceu à festa realizada no bairro de Antares, Maceió-AL.

As Yalorixás participaram ativamente de decisões que imputaram apoio religioso e afetivo em ambas as famílias religiosas. Recordo-me da passagem em que uma filha de santo da ICERBO estava no Nordeste, quando apresentou problemas que demandavam suporte espiritual e Mãe Luana, pediu para que Mãe Neide cuidasse dela no GUESB. Fato este que ajudou a irmã da ICERBO a ter o equilíbrio necessário e retornar ao Rio de Janeiro com mais segurança.

Uma vez apontadas estas relações de parentesco espiritual entre as Yalorixás, Mãe Chica, Mãe Neide e Mãe Luana, considero que não vou conseguir exaurir as relações afetivas advindas destas alianças espirituais. Em primeiro lugar, por saber que fazem parte da individualidade de cada uma das pessoas aqui envolvidas e, enquanto praticante de princípios éticos sociais e espirituais não poderia detalhar mais do que já o fiz até aqui.

Saliento ao leitor que as percepções aqui descritas estão de acordo com o que a Espiritualidade me permite descrever, permeadas por muito respeito e amor a todos os envolvidos.

## Considerações finais

Uma vez descritos os rituais praticados na ICERBO e no GUESB com toda a vitalidade que me foi permitida, de trocas com a espiritualidade, em especial após a reabertura da ICERBO este ano, com Mãe Luana, espero ter conseguido demonstrar como é mantida viva a tradição iniciada por Mãe Chica e Mãe Neide. E como segue sendo perpetuado, por Mãe Luana, o ritual da Jurema Sagrada. Mesmo que existam elementos novos em uma (ICERBO) e no outro (GUESB), a Jurema Sagrada nos espaços aqui estudados são representação viva de que a oralidade é um fator determinante em nossa sociedade religiosa.

Não houve a proposta de detalhar os espaços sagrados, ICERBO e GUESB, nem tampouco inventariar os muitos tipos de culto à Jurema, mas sim demonstrar o que me foi permitido pela espiritualidade, como citei na sessão introdutória. Minha percepção, bem como a de irmãos e irmãs que fazem parte de ambos os terreiros estão aqui registradas também como forma de aliança. Percebi, ao longo da caminhada desta escrita, que mesmo no plano espiritual há mudanças em relação ao que é necessário.

Percebo que a ancestralidade cultuada na Jurema, assim como em outras atividades nos dois espaços sagrados, está intimamente ligada às origens indígenas e afro-brasileiras, estas últimas foram trazidas pelos negros escravizados, e que são a ancestralidade de Mãe Chica e Mãe Neide. Os eventos e adventos correlatos às questões de discriminação e da perpetuação dos saberes para a comunidade social e religiosa são repassadas para todos aqueles que querem conhecer, independente da classe social que ocupem. E Mãe Luana, enquanto herdeira da ICERBO, continua nesta mesma linha, pois além de ser neta de Mãe Chica e de ter toda a formação familiar embasada na fé e na militância, tem Mãe Neide como Mãe de santo e uma rede de filhos/as e de irmãos/ãs que a apoiam em todas as ações que realiza. Como já citei aqui, Mãe Luana é atriz como a avó, mas ocupa um papel de destaque também como *influencer*; sua militância enquanto Yalorixá extrapola o que foi vivido pela ancestralidade, afinal a contemporaneidade é altamente conectada.

Os processos de ressignificação cultural, as diferenças rituais, as hierarquias dentro das religiões de matriz africana são cada vez mais estudadas, especialmente o candomblé, mas as características de transmissão do conhecimento são basicamente fundamentadas na oralidade. Os segredos são passados às gerações seguindo princípios de hierarquia, e nos espaços estudados dependem da autorização espiritual. Via de regra no GUESB, com as orientações de Vovó Maria Conga, e na ICERBO, com as autorizações de Caboclo Boiadeiro.

As convergências que apontei na introdução como parte constante destas considerações finais, foram elencadas no final da sessão três, intitulada **O culto da jurema sagrada na ICERBO e no GUESB**. O detalhando que as fazem diferentes das que encontrei na bibliografia pesquisada e o que as fazem convergentes, está igualmente descrito ao longo desta pesquisa, pois há convergências e divergências cotidianamente em nossa caminhada.

Mas ratifico aqui, para que o leitor possa ter as informações acerca das divergências: o material dos utensílios é um dos pontos diferentes que encontrei, pois Mãe Neide utiliza todos os utensílios confeccionados em barro, enquanto na ICERBO é utilizado o panelão de alumínio no preparo da Jurema Sagrada. A forma de pilar os ingredientes também é outra diferença observada, uma vez que Mãe Neide utiliza o pilão tradicional<sup>145</sup> na hora do preparo, enquanto que na ICERBO é utilizado o pilão convencional<sup>146</sup> de cozinha. Essa diferença não é, na minha perspectiva, apenas instrumental ou material, ela está relacionada ao local onde o culto é praticado. A ICERBO está localizada na zona oeste da cidade do Rio de Janeiro, no espaço familiar Xavier de Jesus, sendo este um dos motivos da Umbanda de Chica ser designada/intitulada como Irmandade. Pois foi a família que iniciou, agregando amigos, colegas da família, sendo esta a forma que cheguei até o quintal de Chica e Kelé e tive a oportunidade de fazer parte da ICERBO.

Acredito ser de grande importância, elucidar o leitor sobre o termo “Irmandade” para nós da ICERBO. No Cercado de Boiadeiro há influências do candomblé e, o sistema religioso tem preceitos e regras, como as de obediência aos Orixás e Entidades. Questões hierárquicas e o resguardo espiritual fazem parte do cotidiano dos integrantes da ICERBO, onde todas as atividades são compartilhadas. O modelo comportamental praticado na ICERBO enquanto espaço religioso, converge para o que encontramos nas famílias biológicas/consanguíneas. Onde a estrutura cultural está centrada em um campo onde há regras e tabus, como por exemplo o incesto entre filhos, aqui os de santo, que formam uma família com laços religiosos que devem ser respeitados, da forma como acontece nas famílias consanguíneas. Este parentesco espiritual foi abordado por Sogbossi (2004).

Segundo Sogbossi (2004, p.75), os parentescos espirituais ou rituais podem engendrar os mesmos direitos, deveres e proibições que um parentesco consanguíneo.

---

<sup>145</sup> Pilão em madeira tem a base confeccionada, a partir de um tronco, no qual há a parte côncava onde são colocados os alimentos para o ato de pilar. A mão do pilão, que é a parte utilizada para amassa/pilar, também de madeira.

<sup>146</sup> Pilão feito em madeira, porém comprado em lojas que vendem utensílios de cozinha.

O estudo da organização social se situa em definitivo ao nível macrosociológico dos conjuntos sociais; assim, poder-se-á distinguir os elementos culturais de uma coletividade e, por outro lado, os elementos estruturais. Os primeiros implicam códigos de ética ou modelos concretos de conduta, valores, que se aplicam ao conjunto dos atores e modelos que são ligados aos diferentes papéis que comporta a organização de uma instituição. Os segundos já remetem a um grande número de atividades ou de funções, à divisão do trabalho, à criação de um grande número de redes de relações sociais (caracterizados por quadros organizados, grupos menos formais, hierarquias, colaboração e competição ou concorrência entre atores e grupos de atores). (SOGBOSSI, 2004, pp. 75-76)

Mãe Chica teve outra trajetória de vida pessoal e religiosa, diferente da de Mãe Neide. Elas se encontraram por haver uma convergência que, segundo elas e a espiritualidade, foi para fortalecimento da fé e do amor. Mãe Neide é mulher nordestina, de origem semelhante à de Mãe Chica, mas sua prática espiritual na Umbanda aconteceu de forma diferente, como descrito na sessão quatro.

E, por último a data de preparo e da festa, que na ICERBO é em julho, normalmente próximo ao dia 2, e no GUESB é no dia 20 de janeiro. Como já descrito na sessão três desta pesquisa, a data de comemoração na ICERBO coincide com a dia em que é comemorado a independência da Bahia, 02 de julho. Caboclo Boiadeiro declarou que o aniversário dele é dia 05/07, e para agregar as datas comemorativas, Mãe Chica instituiu o ritual da Jurema nesta data. Ressalto aqui que no mês de julho há outra comemoração, que é o aniversário de casamento de Mãe Chica e Kelé, eles se casaram no dia 07/07/1956. Ficando assim, o mês de julho muito importante para a família consanguínea de Mãe Chica e toda a família ICERBO.

Já a data de realização do ritual da Jurema no GUESB está ligada às comemorações ao Orixá Oxossi, dia 20 de janeiro é dia de São Sebastião, que é sincretizado com o Orixá Oxossi na Umbanda de Mãe Neide. Como a Jurema fica enterrada por sete dias, o início do ritual é sempre no dia 13 de janeiro. As poucas diferenças existentes entre a ICERBO e o GUESB, podem, aliás estarem atribuídas a regionalismos, há convergências entre as práticas rituais da Jurema.

Há também convergências com a minha vida, assim como na caminhada por mim percorrida, na ICERBO e no GUESB. Foi em julho de 1992 que conheci Mãe Neide na ICERBO, quando ela foi para a Jurema no Rio de Janeiro pela primeira vez. E foi também em julho, do ano de 2004, que fui dada por Mãe Chica como filha para Mãe Neide. Já em relação ao dia do início do ritual da Jurema no GUESB, 13 de janeiro, é também o dia do nascimento de minha Mãe biológica, data em que sempre comemoramos a vida e a religiosidade. Após o

falecimento dela o dia de preparar a Jurema passou a ter um significado maior, pois tenho o encontro com a força da espiritualidade.

Todos os demais elementos que integram o ritual da Jurema na ICERBO e no GUESB são iguais: ingredientes, o preparo, levantamento da Jurema, resguardo e preparo do local e das pessoas – tudo isso acontece com o mesmo formato, não havendo, portanto, divergências entre os espaços religiosos estudados. Contudo, ressalto que o ritual praticado na ICERBO e no GUESB não são parecidos com os encontrados por mim na bibliografia de referência.

Com relação às trocas, às reelaborações incorporadas por Mãe Chica e, conseqüentemente, por Mãe Luana, percebi que o colorido tão utilizado por Mãe Neide, em tudo o que ela faz no GUESB, sendo também incorporado na ICERBO. Não que a ICERBO não utilizasse, porque Mãe Chica sempre amou as folhas e flores decorando todo o Cercado, mas com a aproximação das duas, o colorido aumentou na ICERBO.

As curas, as rezas e as mensagens recebidas durante os rituais da Jurema que participo, e aqui falo por mim e por minha família consanguínea, ao longo desses anos, têm sido inúmeras. Em todos eles eu vejo a vitalidade, a força e a dinâmica de minhas ancestrais, minha avó materna – aquela que me levou ainda menina para ser batizada na Umbanda; De minha mãe biológica, que foi a responsável por minha iniciação como Cambona de Vovó Maria Conga em nossa casa; de Mãe Chica, agora também no plano ancestral, que me acolheu, através de sua preta-velha, quando eu estava grávida; de Mãe Neide, que deu continuidade ao meu crescimento espiritual e social. Sim, ela continuou o que Mãe Chica começou anos atrás, quando me presenteou com um livro de Arthur Ramos, só então percebi o quanto nossa sociedade é excludente; ela foi mostrando o quanto eu tinha e tenho que ser atuante dentro e fora do terreiro. Com a força da Jurema Sagrada, com positividade em tudo o que faço, seja defendendo as minorias, seja atendendo espiritualmente a quem necessita.

As alianças permanecem e se fortificam a cada ação que nós, irmãos e irmãs de santo das duas casas, praticamos diariamente dentro e fora dos espaços sagrados. Vibrando por cada conquista individual ou coletiva, em Alagoas ou no Rio de Janeiro, estamos todos conectados, na força da ancestralidade indígena e africana que carregamos.

A minha caminhada é de evolução e eu tenho como objetivo honrar todos os dias o que o Caboclo Boiadeiro me trouxe, o que a espiritualidade me oportuniza cotidianamente. O que me permite essa identificação é a minha construção social e religiosa, que tem na Jurema Sagrada os ensinamentos que necessito para enfrentar os processos excludentes. É da força obtendo da espiritualidade e das narrativas das Yalorixás que me chega a inspiração

necessária para o enfrentamento dos processos excludentes, assim como elas, Mãe Chica, Mãe Neide e Mãe Luana enfrentaram e ainda os enfrentam.

Foi com a permissão de Caboclo Boiadeiro que realizei esta pesquisa, com a qual procuro demonstrar o quanto é especial a Jurema Sagrada, ela está além das páginas que li e que descrevi, aqui está representado o meu cotidiano. E é na força das narrativas aprendidas nos rituais, nos cânticos de Mãe Chica, entoados por ela, por Mãe Neide, Mãe Luana e por todos nós, como o Mandacarú que externalizo e faço ecoar a Jurema Sagrada da ICERBO e do GUESB.

Mandacarú  
No meio do sertão  
É o altar do vaqueiro  
Onde ele faz sua oração  
Pai Nosso, ave maria  
Está na hóstia consagrada  
Meu Deus se eu perder um boi  
Que eu não perca a boiada.  
Zambi vai me dá forças  
P'eu tocar minha guiada!!  
Xetruá Boiadeiro!!!!

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, Carla Maria de. *O catimbó-jurema pela ótica dos intelectuais na década de 1930 e 1940*. 70f. Monografia (Licenciatura) em História do Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes. João Pessoa: Universidade Federal da Paraíba, 2014.

ANJOS, Rafael. S.A. dos; CIPRIANO, André. *Quilombolas: tradições e cultura da resistência*. São Paulo: Aori Produção Culturais, 2006.

ARAÚJO, Clébio Correia de. *O candomblé nagô em Maceió: itinerário de uma identidade em construção*. Penedo, AL: Academia Penedense de Letras, Artes, Cultura e Ciência, 2010. Disponível em: <http://aplacc.org.br>. Acesso em 25, jan. 2022.

ARAÚJO, Zezito de. Folclorização e significado cultural do negro. In: CAVALCANTI, B. C.; FERNANDES, C. S.; BARROS, R. R. de A. (orgs.). *Kulé-Kulé: visibilidades negras*. Maceió: Edufal, 2006. p. 106-109

ASSUNÇÃO, Luiz. *O reino dos mestres. A tradição da jurema na umbanda nordestina*. 2ª edição. Rio de Janeiro: Pallas, 2010.

\_\_\_\_\_. 2010. “A Transgressão no Religioso: Exus e Mestres nos Rituais da Umbanda”. *Revista Antropológicas*, ano 14, vol. 21(1): 157-183.

\_\_\_\_\_. 2011. “Os Mestres da Jurema”. In.: R. Prandi (org.), *Encantaria Brasileira: O Livro dos Mestres, Caboclos e Encantados*. Rio de Janeiro, Pallas, pp. 182-215.

\_\_\_\_\_. 2014. “A tradição do Acais na Jurema Natalense: Memória, Identidade, Política”. *Revista Pós Ciências Sociais*, v. 11, n. 21, jan/jun.

BASTIDE, Roger. 1971. “Geografia das Religiões Africanas”. In: *Religiões Africanas no Brasil: Contribuição a Uma Sociologia de Interpenetrações de Civilizações*. Trad.: Maria Eloisa Capellato e Marília Krähenbuhl. São Paulo, Universidade de São Paulo

\_\_\_\_\_. *As religiões africanas no Brasil*. São Paulo: Pioneira, 1975.

\_\_\_\_\_. “Catimbó”. 2011[1945] In.: R Prandi (org.), *Encantaria Brasileira: O Livro dos Mestres, Caboclos e Encantados*. Rio de Janeiro, Pallas.

BRANDÃO, Maria do Carmo T. *Xangôs Tradicionais e Xangôs Umbandizados do Recife: organização econômica*. 200f. Tese (Doutorado em Antropologia) – São Paulo: Universidade de São Paulo, 1986.

BRANDÃO, Maria do Carmo T. e RIOS, Luís Fernando. O Catimbó-Jurema do Recife. In: PRANDI, Reginaldo (org.). *Encantaria brasileira, o livro dos Mestres, Caboclos e Encantados*. Rio de Janeiro: Pallas, 2001.

CÂMARA CASCUDO, Luís da. *Meleagro – Pesquisa do catimbó e notas da magia branca no Brasil*. 2ª ed. Rio de Janeiro: AGIR, 1978.

CARLINI, Álvaro. *Cachimbo e maracá: o catimbó da Missão (1938)*. São Paulo: Centro Cultural São Paulo, 1993.

CARVALHO, José Jorge de. ‘Jurema’. In: LANDIM, L. (org.). *Sinais dos Tempos: diversidade religiosa no Brasil*. Rio de Janeiro: ISER, pp. 131-138, 1990.

CARVALHO, Marcus Joaquim. M. de. *A Mata Atlântica: Sertões de Pernambuco e Alagoas, Sécs. XVII – XIX*. CLIO. Revista de Pesquisa Histórica, Edição 25 n° 2. Editora Universidade Federal de Pernambuco – Recife, 2007.

\_\_\_\_\_ O Quilombo de Malunguinho, o rei das matas de Pernambuco, in: REIS, J. J. e GOMES, F. S. (orgs.) *Liberdade por um fio. História dos quilombos no Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

CAMPOS, Roberta e BIVAR, Michelle. Caminhos da Visibilidade - A ascensão do culto a jurema no campo religioso de Recife, in: SOUZA, F. e SANTOS, J. (orgs.) *Afro-Ásia n° 47*, Salvador: EDUFBA, 2013.

CLIFFORD, James. *Sobre a autoridade etnográfica*. In: A experiência etnográfica: antropologia e literatura no século XX. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1998. 320p.

DIÉGUES JÚNIOR, Manoel. *O Bangüê nas Alagoas*. Traços da influência do sistema econômico do engenho de açúcar na vida e na cultura regional. Maceió: EDUFAL, 2006.

ERIKSEN, Thomas e NIELSEN, Finn. *História da Antropologia*. Rio de Janeiro: Vozes, 2007.

ESPÍNDOLA, Thomaz do B. *Geographia Alagoana ou Descrição Physica, Política e Histórica da Província das Alagoas*. 2ª ed. Maceió: Typographia do Liberal, 1871, 483p.

FERNANDES, A. Gonçalves. *O folclore mágico do Nordeste*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1938.

\_\_\_\_\_. *Xangôs do Nordeste: investigações sobre os cultos negro-fetichistas do Recife*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1937.

FONTES, Larissa. *A Dádiva do Segredo: A Negociação do Segredo Ritual nas Religiões Afro-alagoanas*. Dissertação de Mestrado. UFBA – Salvador, 2015.

FURUYA, Yoshiaki. Umbandização dos cultos populares da Amazônia: a integração do Brasil? In: *Possessão e procissão – Religiosidade popular no Brasil*. Osaka, national Museum of Ethnology, 1994. Disponível em <http://ir.minpakiie.ac.jp>. Acesso em 02 de setembro de 2022.

GOLDMANN, Marcio. Quinhentos anos de contato: por uma teoria etnográfica da (contra) mestiçagem. *Revista Mana - Estudos de Antropologia Social*, v. 21, n. 3, 2015, p. 641-659.

GOMES, Adriano. *Os exus no cosmo religioso umbandista: mudanças e ressignificações históricas com o diabo cristão*. Viçosa-AL (1960-2013). Dissertação de Mestrado em História. Programa de Pós-graduação em História da Universidade Federal de Alagoas, 2006, 195 p.

GRUNEWALD, Rodrigo de Azevedo. A Tradição como Pedra de Toque da Etnicidade. *Anuário Antropológico/96*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1997, p. 113-125.

\_\_\_\_\_. *Toré e Jurema: Emblemas Indígenas no Nordeste do Brasil*. *Ciência e Cultura* (online). São Paulo: SBPC, volume 60, nº.4, 2008. Disponível em <http://cienciaecultura.bvs.br>. Acesso em 02 de setembro de 2022.

GRUNEWALD, Rodrigo de Azevedo e SAVOLDI, Robson. Cada jurema é uma jurema: Continuidade, rupturas e inovações em religiosidades no Brasil. *Revista del CESLA*. Vol. 26, 2020. Uniwersytet Warszawski, Polónia. Disponível em: <https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=243364810019>

MAAS, Mateus Henrique Zotti. Quando o “nativo” é pesquisador. *Ponto Urbe* (online), 17, 2015. Disponível em <http://journals.openedition.org/pontourbe/2896>. Doc baixado em 19, abr. 2019.

MAGNANI, José Guilherme Cantor. De perto e de dentro: Notas para uma etnografia urbana. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*. 2002, vol.17, n.49, pp.11-29. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0102-69092002000200002>. Acesso em 13, abr., 2021.

MONTERO, Teresa. *Chica Xavier – Mãe do Brasil*. Rio de Janeiro: Eldorado, 2013.

MOTTA, Roberto Mauro Cortez. Catimbós, xangôs e umbandas na região do Recife. In R. Motta (ed.), *Os Afro-brasileiros*. Anais do III Congresso Afro-brasileiro. Recife: Massangana, 1985, pp. 109-123.

\_\_\_\_\_. Bandeira de Airá: a festa de Xangô e São João e problemas do sincretismo, In: MOURA, Carlos Eugênio Marcondes de (Org.). *Bandeira de Airá: outros escritos sobre a religião dos orixás*. São Paulo: Nobel, 1982.

\_\_\_\_\_. As Variedades do Espiritismo Popular na Área do Recife: Ensaio de Classificação. *Boletim da Cidade do Recife*. Nº. 2, 1977, pp. 97-114.

\_\_\_\_\_. MOTTA, Roberto. *Umbanda, xangô e candomblé, crescimento ou decomposição*. Cia & Tróp. Recife: Vol. 29, n. 1. Jan/jun. 2001.

NIMUENDAJU, Curt. 104 Mitos indígenas nunca publicados. *Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional*, nº 21, 1986.

OLIVEIRA, Alexandre Alberto Santos de Oliveira - L'Omi L'Odo -. Teologia da Jurema. Existe Alguma? In: *Anais Eletrônicos do V Colóquio de História “Perspectivas Históricas: historiografia, pesquisa e patrimônio”*. Luiz C. L. Marques (Org.). Recife, 16 a 18 de novembro de 2011. pp. 1083-1105. ISSN: 2176-9060. Disponível em: <http://www.unicap.br/coloquiodehistoria/>. Acesso em 04/08/2022.

PRANDI, Reginaldo. *Encantaria Brasileira*. São Paulo: Pallas, 2001.

\_\_\_\_\_. *Linhagem e legitimidade no candomblé paulista*. RBCS nº 14, out. São Paulo: ANPOCS, 1990.

PORDEUS, Riselaine Gomes. *Jurema: “raízes” da cura*. Monografia (Curso de Especialização em Ciências das Religiões) - Programa de Pós-graduação em Sociologia, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa-PB, 2006.

RAMOS, Arthur. Linha de Umbanda. In.: CARNEIRO, Edison. (Org.) *Antologia do negro brasileiro*. Coleção Brasileira de Ouro. Rio de Janeiro: EDIOURO, 1950. pp.285-287.

REIS, João José. Bahia de todas as Áfricas In.: FIGUEIREDO, Luciano. (Org.) *Raízes africanas*. Coleção Revista de História da Biblioteca Nacional (no Bolso, n.6). Rio de Janeiro: Sabin, 2009. pp.39-49.

RODRIGUES, Michelle Gonçalves e CAMPOS, Roberta Bivar Carneiro. Caminhos da visibilidade: a ascensão do culto a jurema no campo religioso de Recife. In: *Afro-Ásia*, vol. 01, nº 47. Salvador: EDUFBA, 2013. pp. 269-291.

SALLES, Sandro Guimarães de. *À sombra da Jurema encantada: mestres juremeiros na Umbanda de Alhandra*. Recife: Editora UFPE, 2010.

SANTOS, Jocélio Teles dos. *O dono da terra: o caboclo nos candomblés da Bahia*. Salvador: Sarah Letras, 1995.

SILVA, Deyvson Barreto Simões e SOUZA, Gustavo Orsolon. *A Jurema Sagrada nos Estudos Acadêmicos*. Revista de História Bilros, Fortaleza, v. 7, n. 15, p. 175-195, mai. - ago. 2019.

SIMAS, Luiz Antonio e RUFINO, Luiz. *A ciência encantada das macumbas*. Rio de Janeiro: Mórula; 2018.

SOGBOSSE, Hippolyte Brice. Contribuição ao estudo da cosmologia e do ritual entre os jêje o Brasil: Bahia e Maranhão. Tese apresentada no Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social do Museu Nacional. Rio de Janeiro: 2004.

SOUZA, Roberto Silva de; TAVARES, Marcelo Góes. Território alagoano (Brasil): contribuições à história e geografia de suas cidades. *Revista Franco Brasileira de Geografia*. Nº 40, 2019. Disponível em <https://journals.openedition.org/confins/20568>. Acesso em 18 de fev. 2022.

SOUZA JUNIOR, Vilson Caetano de. *Na palma da minha mão: temas afro-brasileiros e questões contemporâneas*. Salvador, EDUFBA, 2011.

VANDEZANDE, René. *Catimbó: Pesquisa Exploratória sobre uma forma Nordestina de Religião mediúnica*. Recife: Dissertação de Mestrado em Sociologia. Universidade Federal de Pernambuco, 1975.

XAVIER, Chica. *Chica Xavier Canta sua Prosa - Cantigas, Louvações e Rezas*. Rio de Janeiro: Topbooks, 1999.